

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ARIANE ANDRUCHECHEN

**HOLODOMOR – GENOCÍDIO UCRÂNIANO 1932-1933:
VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO HUMANO E RELIGIOSIDADE**

**CURITIBA
2020**

ARIANE ANDRUCHECHEN

**HOLODOMOR – GENOCÍDIO UCRANIANO 1932-1933:
VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO HUMANO E RELIGIOSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pós-Graduação
em Teologia da Pontifícia Universidade
Católica do Paraná, como requisito parcial
à obtenção do título de mestre em
Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Luiz
Fernandes

CURITIBA

2020

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9/1636

A576h 2020	Andruchechen, Ariane Holodomor – genocídio ucraniano 1932-1933 : violência, sofrimento humano e religiosidade / Ariane Andruchechen ; orientador, Marcio Luiz Fernandes. -- 2020 142 f. : il. ; 30 cm Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. Bibliografia: f. 130-142 1. Sofrimento – Aspectos religiosos. 2. Violência. 3. Religião. 4. Genocídio. 5. Ucranianos. I. Fernandes, Marcio Luiz. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós- Graduação em Teologia. III. Título CDD. 20. ed. – 241.51
---------------	--

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 018.2020

ARIANE ANDRUCHECHEN

Aos vinte dias do mês de março do ano de dois mil e vinte, reuniu-se às quatorze horas, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Márcio Luiz Fernandes, Teodoro Hanicz, Cesar Leandro Ribeiro, para examinar a Dissertação da mestranda **ARIANE ANDRUCHECHEN**, ano de ingresso 2018 aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Linha de Pesquisa "Teologia e Sociedade". A mestranda apresentou a dissertação intitulada **HOLODOMOR - GENOCÍDIO UCRANIANO 1932-1933: VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO HUMANO E RELIGIOSIDADE** que, após a defesa foi **aprovada** pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 horas. Para constar, lavrou-se a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.



Presidente: Márcio Luiz Fernandes – participação por videoconferência

Convidado Externo: Teodoro Hanicz – participação por videoconferência

Convidado Interno: Cesar Leandro Ribeiro – participação por videoconferência



Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus em me conduzir por caminhos inimagináveis, necessários e gratificantes.

Ao Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes pela orientação, incentivo e direcionamento nesta pesquisa.

Gratidão às Irmãs da Ordem de São Basílio Magno pela confiança e força, principalmente nos momentos árdusos e atribulados.

Aos Padres, Irmãos e Seminaristas da Ordem de São Basílio Magno, pela ajuda e foram muitas, com os materiais para a pesquisa, conversas, informações e incentivos.

Agradeço à Bibliotecária da Faculdade São Basílio Magno, Sirlene Mazur, que não mediu esforços em colaborar para a pesquisa e esclarecimentos; e também à Bibliotecária da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Joyce Leonita da Silva, por ajudar nas plataformas de pesquisas e busca de materiais.

Agradecimento aos meus pais, Ari Andruchechen e Anilore Schneider Andruchechen, pelo incentivo constante no crescimento pessoal e estudos.

E por fim, gratidão a todos os Professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR, que contribuíram para minha formação

RESUMO

Esta dissertação busca refletir sobre os aspectos da violência, sofrimento e religiosidade imbuídos no Holodomor 1932-1933, a grande fome na Ucrânia. Propõe-se a realizar a revisão teórica sobre a temática, averiguando o que foi o Holodomor e a sua menção nos documentos da Igreja Católica, descrevendo, a partir da literatura disponível, o significado desta tragédia para o povo ucraniano em perspectiva teológica. Este estudo promove revisão bibliográfica e análise documental, de caráter qualitativo. As obras utilizadas são das áreas da teologia, história, filosofia e sociologia. O século XX, além do genocídio dos judeus, traz outras barbáries na história, como a fome imposta pelo governo soviético aos camponeses ucranianos, mediante a privação e confisco de alimentos, resultando em milhares de mortos. Como a religiosidade e a cultura são muito presentes na vivência deste povo, a resistência dos ucranianos, ainda foi marcada por perseguições à fé, sendo permitida apenas uma Igreja do Silêncio. Quando o Vaticano começou a receber notícias sobre a fome na União Soviética que afetava significativamente a Ucrânia, a Igreja mediante o noticiário e pronunciamentos procurou denunciar esta fome a comunidade internacional. A falta de conhecimento traz um vácuo sobre as causas das feridas da humanidade na formação da consciência política e social do povo. Desconhecer os motivos e as consequências da implementação de ideais permite que violências assim se repitam ou se perpetuem como necessárias para o progresso da humanidade. O dogma da Encarnação reclama esta missão. A teologia reflete na contemporaneidade as tragédias humanas na procura de escutar a voz das vítimas uma aproximação verídica da verdade em vista do rompimento dessas situações de pecado. A tragédia do Holodomor é ainda uma ferida viva e constitui um sinal que clama um novo modo de agir na busca de uma responsabilidade verdadeira, diante das utopias e futuro do mundo, enquanto família humana.

Palavras-chave: Holodomor 1932-1933. Genocídio Ucraniano. Violência. Sofrimento. Religião.

ABSTRACT

This dissertation reflects on the aspects of violence, suffering and religiosity imbued in the Holodomor 1932-1933, the great famine in Ukraine. It is proposed to carry out the theoretical review on the subject, investigating what the Holodomor was and its mention in the Documents of the Catholic Church, describing, from the available literature, the meaning of this tragedy for the Ukrainian people in a theological perspective. This study promotes bibliographic review and documentary analysis of a qualitative character. The works used are from theology, history, philosophy and sociology. The twentieth century, in addition to the genocide of the Jews, brings other barbarisms in history, such as the famine imposed by the Soviet government on Ukrainian peasants, through the deprivation and confiscation of food, resulting in thousands of deaths. As religiosity and culture are very present in the experience of this people, the resistance of the Ukrainians was still marked by persecution against the faith, being allowed only one Church of Silence. When the Vatican began receiving news about the famine in the Soviet Union that significantly affected Ukraine, the Church through the media and pronouncements sought to denounce this famine to the international community. The lack of knowledge brings a vacuum over the causes of wounds of humanity in the formation of the political and social consciousness of the people. Ignoring the reasons and consequences of implementing ideals allows violence to be repeated or perpetuated as necessary for the progress of humanity. The dogma of the Incarnation demands this mission. The theology reflects in contemporaneity the human tragedies seeking to listen to the voice of the victims a true approximation of the truth in view of the breaking of situations of sin. The Holodomor's tragedy is still a living wound and is a sign that calls for a new way of acting in the search for true responsibility in the face of utopias and future of the world, as a human family.

Key-words: Holodomor 1932-1933. Ukrainian Genocide. Violence. Suffering. Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Camponeses deixando a sua aldeia em busca de comida	48
Figura 2 – Vítimas em Kharkiv, 1933	49
Figura 3 – Mortes diretas por região 1932-1934	55
Figura 4 – Mortes diretas em 1933.....	56
Figura 5 – Mapa das áreas do Holodomor na Ucrânia e Kuban.....	58
Figura 6 – Estátua e Vela da Memória em homenagem às vítimas do Holodomor, Ucrânia.....	121
Figura 7 – Monumento Holodomor em Curitiba, Parque Tingui	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos acadêmicos em português do Brasil.....	24
Quadro 2 – Trabalhos acadêmicos em outros idiomas	25
Quadro 3 – Livros.....	27
Quadro 4 – Obras menores.....	27
Quadro 5 – O tema em capítulo de livro.....	29
Quadro 6 – Obras que auxiliam na compreensão do tema	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACR	<i>Ad Caeli Reginam</i> – Carta Encíclica do papa Pio XII
AES	<i>Affari Ecclesiastici Straordinari</i> - Assuntos Eclesiásticos Extraordinários
APC	<i>Ad Petri Cathedram</i> – Carta Encíclica do papa João XXIII
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIUS	Canadian Institute of Ukrainian Studies
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNP	Catecismo Nossa Páscoa – Igreja Greco-Católica Ucraniana
DPCE	<i>Directório</i> Político do Estado da União
DR	<i>Divini Remptoris</i> – Carta Encíclica do papa Pio XI
Dt	Deuteronômio – Livro Bíblico
ES	<i>Ecclesiam Suam</i> – Carta Encíclica do papa Paulo VI
FASBAM	Faculdade São Basílio Magno
Gn	Gênesis – Livro Bíblico
GPU	Polícia Secreta Comunista
GS	<i>Gaudium et Spes</i> – Constituição Pastoral – Concílio Vaticano II
GULAG	<i>Glavnoe Upravlenie Lagerei</i> ou Administração do Campo Principal
HREC	Holodomor Research and Education Consortium
Jo	Evangelho de João
NEP	Nova Política Econômica
NKVD	Sigla em russo para Comissariado Popular de Assuntos Internos
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OE	<i>Orientales Ecclesias</i> – Carta Encíclica do papa Pio XII
OOE	<i>Orientales Omnes Ecclesias</i> – Carta Encíclica do papa Pio XII
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PR	Paraná
RSSU	República Socialista Soviética da Ucrânia
SD	<i>Salvifici Doloris</i> – Carta Apostólica do papa João Paulo II
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	JUSTIFICATIVAS	12
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
2	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O HOLODOMOR REALIZADO NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2018.....	23
2.1	RESULTADOS E CONTRIBUIÇÕES REFERENTES AO HOLODOMOR 1932-1933 – TESES E DISSERTAÇÕES	24
2.2	LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS.....	27
2.3	ARTIGOS CIENTÍFICOS E FILME	31
2.4	OBSERVAÇÕES SOBRE O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	36
3	O HOLODOMOR: FOME OU EXTERMÍNIO?	37
3.1	A UCRÂNIA E O SURGIMENTO DE UM REGIME TOTALITÁRIO.....	39
3.1.1	Impasses no território ucraniano	41
3.2	VIOLÊNCIA AO CAMPESINATO E A DENOMINAÇÃO DE <i>KULAKS</i>	44
3.3	A GRANDE FOME NA UCRÂNIA.....	50
3.4	QUESTÕES EM TORNO DO HOLODOMOR 1932-1933	57
3.5	HOLODOMOR: REPERCUSSÃO NO BRASIL	62
4	A “IGREJA DO SILÊNCIO”: VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO	65
4.1	UMA IGREJA MARCADA PELAS AÇÕES DO REGIME	67
4.2	A IGREJA GRECO-CATÓLICA UCRANIANA E AS ATRIBUIÇÕES SOB O REGIME SOVIÉTICO.....	71
4.3	O HOLODOMOR E A IGREJA CATÓLICA	76
4.3.1	As evidências do Holodomor no Vaticano	78
4.4	BREVE EXPOSIÇÃO NOS PRONUNCIAMENTOS E DOCUMENTOS PAPAIS	82
4.4.1	Alusões referentes à Igreja do Silêncio pelos papas	88
5	HOLODOMOR: UMA LEITURA A PARTIR DA SENSIBILIDADE TEOLÓGICA CONTEMPORÂNEA.....	91
5.1	ALGUNS ELEMENTOS PARA UMA APROXIMAÇÃO ANTROPOLÓGICA- TEOLÓGICA DA TRAGÉDIA	93
5.2	O CLAMOR DAS VÍTIMAS.....	96
5.3	A REALIDADE A PARTIR DO “OLHAR” DAS VÍTIMAS.....	100

5.4	BUSCAR A VERDADE NA TRAGÉDIA? CONTROVÉRSIAS.....	111
5.5	UM GENOCÍDIO AINDA DESCONHECIDO	118
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	REFERÊNCIAS.....	130

1 INTRODUÇÃO

O cristianismo tem a intrínseca missão de a partir de Cristo reconhecer no mundo e na sua história, as diversas situações de sofrimento. Como ação fundamental, a teologia juntamente com a Igreja, se empenham em refletir as feridas da humanidade.

Esta dissertação tem por tema a violência, sofrimento humano, religiosidade e Holodomor (1932-1933) – Genocídio Ucrâniano. O estudo é exploratório, dentro da linha de pesquisa Teologia e Sociedade do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), área de concentração Teologia ético-social, situando-se no âmbito da teologia sistemática por adentrar a história, antropologia religiosa e religião.

Ao se reconhecer os inúmeros estudos científicos referentes a presença significativa da comunidade ucraniana no sul do Brasil, relacionados aos costumes, arte, religiosidade e a imigração, percebe-se a falta de estudos sobre as situações dolorosas deste povo, como o acontecimento da grande fome na Ucrânia, tanto quanto outras vicissitudes desse povo no período do regime soviético.

Diante de tal lacuna, para a definição da pesquisa levantaram-se alguns questionamentos: o estudo de práticas realizadas com decorrência em atrocidades, como o Holodomor, pelos regimes totalitários é relevante para a compreensão das feridas da humanidade? A ausência de pesquisas científicas sobre o tema Holodomor e suas consequências para os ucranianos, podem ser classificadas como omissão por parte do Brasil, na busca pelo senso de justiça? Pertence ao cristianismo perceber e refletir sobre as feridas ainda vivas na memória do povo ucraniano? Houve perseguição à Igreja Católica na Ucrânia?

Consideraram-se algumas hipóteses de trabalho na busca em responder os questionamentos levantados: estudar o Holodomor e suas particularidades tem significativa importância para a compreensão das feridas humanas. A fome imposta ao povo ucraniano em 1932-1933, seu contexto e suas consequências permanecem desconhecidas pela sociedade de modo geral. No Brasil, há poucos estudos sobre a violência ao povo civil durante o regime soviético. Houve perseguição às Igrejas cristãs durante o regime soviético, entre elas à Igreja Católica.

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a face da violência, do sofrimento humano e a religiosidade presentes no Holodomor 1932-1933 –

genocídio de ucranianos. Os objetivos específicos foram: realizar revisão teórica sobre o tema do Holodomor relacionando com a questão dos regimes totalitários, violência e sofrimento humano; verificar o que foi o Holodomor a partir da história e contemporaneidade; identificar a abordagem da Igreja Católica nos pronunciamentos e documentos papais sobre as perseguições religiosas e civis dos regimes totalitários, principalmente ao povo ucraniano; descrever, a partir da literatura disponível, o significado do Holodomor para o povo ucraniano em perspectiva teológica.

1.1 JUSTIFICATIVAS

A humanidade tem aceitado como normal situações que ferem e que destroem a vida. Os erros do passado necessitam permanecer na memória coletiva e singular, para que não sejam cometidos novamente. É responsabilidade cristã “[...] que nenhum sofrimento, nenhuma dor, nenhuma injustiça e nenhum ferimento causados pelo mal sejam privados de sua singularidade, que eles não desapareçam na uniformidade anônima das estatísticas”¹. Também a Igreja como Mãe e Mestra, carrega esta missão, enquanto peregrina, e o seu povo a exemplo de Maria, “[...] precisa acolher essas dores ‘em seu colo’, alguém precisa impedir que sejam esquecidas, alguém precisa ‘guardá-las em seu coração’, mesmo que não as entenda”².

As atrocidades cometidas contra a humanidade pelos regimes totalitários e os conflitos armados são temas de reflexão por parte dos intelectuais e da sociedade, de modo geral. Entre os temas debatidos, o genocídio dos judeus recebe mais atenção, mas ele não foi o único ocorrido durante o século passado.

Existem outras barbáries que não receberam a atenção devida da mídia e da literatura, e por isto, são praticamente desconhecidas, cita-se algumas: o genocídio de Ruanda com 10.000 pessoas mortas por dia entre abril e julho de 1994; dos Hererós, a população de 80.000 passou para 16.000 pessoas; no Timor Leste foram 150.000 mortos; a coletivização maoísta teve 4,5 milhões de mortes; no Congo belga 10 milhões de pessoas morreram; em Moçambique foram 100.000 mortos; na

¹ HALÍK, Tomáš. **Toque as feridas**. Sobre sofrimento, confianças e a arte da transformação. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 163-164.

² *Ibid.*, p. 163-164.

África oriental estima-se 145.000 vítimas; o Gulag com 39.464.000 vítimas desde 1917³. Existe a necessidade de destacar que essas mortes foram realizadas contra população civil, por governos e exércitos, sem que as vítimas tivessem condições de se defender.

Apesar de ser pouco conhecido, o genocídio ocorrido na primeira metade século XX contra o povo ucraniano, ainda hoje causa dor aos sobreviventes e seus familiares, e também na memória nacional. O genocídio de ucranianos, conhecido pelo nome de Holodomor é negado pelas autoridades russas. Ele foi imposto aos camponeses ucranianos, pelo confisco de sua produção agrícola, durante o regime comunista da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) entre 1932 e 1933.

A palavra Holodomor é a junção das palavras “fome” [голод – *hólod*] e “exterminar” [морити – *morete*]⁴, ou seja, exterminar pela fome. Os autores⁵ variam nessa designação como: deixar morrer pela fome, morte pela fome, causada pela fome, matar através de privação.

O Holodomor é conhecido como a grande fome. O confisco de alimentos aconteceu em outras regiões da URSS, e atingiu outras vítimas inocentes, na Bielorrússia, Cazaquistão, Moldávia e na própria Rússia. No entanto, em maiores proporções, foi o povo ucraniano quem mais sofreu com o bloqueio e confisco soviético impetrado pelo governo de Josef Stalin⁶.

É preciso distinguir que a fome ou fomes ocorridas no regime soviético na Ucrânia, aconteceram em três períodos significativos. O primeiro período aconteceu

³ Cf. BRUNETEAU, Bernard. **O século dos Genocídios**. Violências, Massacres e processos genocidários da Arménia ao Ruanda. Trad. Isabel Andrade. Col. Histórias e Biografias. Lisboa: Instituto Piaget, 2008, p. 17-59.

⁴ Cf. DICIONÁRIO. **Português – Slovnyk**. Portuhal's'k Slovnyk. Portuhal's'ko – Ukrayis'kyy/ Ukrayis'kyy – Portuhal's'koo – Ukrayis'kyy/ Ukrayis'kyy – Portuhal's'ko [Словник. Португальсько – Український/ Український – Португальсько]. Dicionário Português – Ucraniano/ Ucraniano – Português. Nôvo Dicionário. B. T. Busyla. Perun [Бусила. Перун], 2017.

⁵ Cf. CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 18; PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia**. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 63; KOVTUN, Olena. (Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do *holodomor* de 1932-1933. **Revista Angolana de Sociologia**, Mangualde, Portugal, v. 13, p. 129-142, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.1010>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1010>. Acesso em: 30 abr. 2018, p. 129; RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 51.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 19.

sobre o comando de Lênin entre os anos 1921 e 1923, logo no início do regime soviético, com aproximadamente 3 milhões de vítimas. Nesse período, a Cruz Vermelha ainda atuava na região e amenizou a situação, mas, foi proibida de atuar sob Stalin, e em seguida, expulsa dos territórios em que atuava. O segundo período ocorreu entre os anos 1932-1933 e estima-se que foram aproximadamente 7 milhões de mortos. O terceiro período, nos anos de 1946-1947, tem-se uma estimativa de mais de um milhão e meio de vítimas⁷.

O interesse por esta pesquisa surgiu de reflexões sobre o sofrimento humano a partir do livro *Toque as feridas. Sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação* do teólogo Tomáš Halík. O livro trouxe o despertar sobre sofrimento humano buscando reflexões a partir da teologia.

A autora desta dissertação, como sendo de ascendência ucraniana, alemã e polonesa, pertencente à Igreja Greco-Católica Ucraniana, traz o reconhecimento das amargas vicissitudes desses povos, seja pelos estudos ou escassas memórias familiares, buscando entender o porquê de tantas aflições e desentendimentos que permanecem não somente nesses povos, mas que tem se arrastado como um legado no decorrer das gerações. A lembrança sobre a grande fome que ocorreu na Ucrânia, sob o regime soviético, é uma vaga menção pelo padre na Igreja durante o ofício dos mortos em memória das vítimas, celebrado após a Divina Liturgia, nada mais era esclarecido. Com a memória da tragédia do Holocausto dos judeus, o livro veio como um despertar para conhecer mais a história do Holodomor e o como a teologia poderia contribuir nesta pesquisa.

O tema desta pesquisa se torna pertinente porque procura compreender a partir das tragédias, como o Holodomor, a responsabilidade humana diante das barbáries. Sabe-se que o ser humano muitas vezes está guiado por seus impulsos, “somos em grande parte dominados por instintos dos quais não temos pleno controle e nem plena consciência”⁸, podendo ocasionar em violência. Ao ser constatado isso, a vida em sociedade tem procurado se organizar por meio de regras jurídicas, valores éticos e morais. Mas, mesmo ao utilizar de regras e de leis para coibir a violência, o ser humano sempre, e à vista de suas ações, terá

⁷ Cf. STAREPRAVO, Domingos. O que foi o Holodomor? **Revista Contemporartes**, Santo André, 09 nov. 2017. Radar Lepcon. Entrevista concedida à Izabel Liviski. Disponível em: <http://revistacontemporartes.com.br/2017/11/09/2363/>. Acesso em: 12 jul. 2018.

⁸ ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org). **A violência na sociedade contemporânea**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2010, p. 16.

comportamentos que poderão ser qualificados como violentos, causando muita dor e sofrimento.

As pesquisas na área do conhecimento superior têm contribuído para o progresso humano e social. Há o empenho da academia em contemplar todas as dimensões da vida, encontrando meios para uma vivência comunitária e individual dignas. As produções dedicadas ao Holodomor 1932-1933 ultrapassam 20.000 obras. Essa fome foi um assunto investigado na URSS até 1987, porém sempre pesquisada pelos ucranianos no exterior. Nos anos finais da URSS, reiniciam-se as pesquisas em seu território e passam a ser realizadas no mundo todo. Contudo, na Rússia e no Cazaquistão, depois de 1991, esses estudos se tornaram impopulares⁹. Os estudos no Brasil, sobre as atrocidades contra povos sem notoriedade no cenário internacional ou anônimos, como ocorreu com os africanos, indígenas, ucranianos, entre outros, são escassos. De tal modo, tornam-se oportunas as pesquisas sobre esse tema.

Na sociedade, a importância deste estudo se depara com os vários genocídios negados por vários países, através de seus representantes. Muitas atrocidades sequer fazem parte da história, não são reconhecidas devido questões políticas e por falta de documentação. Ribeiro¹⁰ afirma que a “ausência do *Holodomor* (ou sua percepção enquanto não acontecimento) do espaço público e da consciência histórica da Europa, constitui outro importante obstáculo ao seu reconhecimento”. Já no campo específico da historiografia:

O Holodomor suscita a eclosão de diferentes perspectivas, podendo-se, em termos esquemáticos, identificar duas grandes “escolas” interpretativas: uma que reconhece a sua dimensão criminal, mas analisa a fome ucraniana e soviética como um “fenômeno complexo” em que intervêm fatores de diversa natureza; outra que a interpreta como um instrumento genocidário de aniquilamento do campesinato ucraniano enquanto base social da nacionalidade ucraniana. Residualmente, existem alguns historiadores e publicistas que alegam tratar-se de um mito propagandístico criado pelos meios anticomunistas da Polónia, da Alemanha nazi e do Vaticano nos anos 30, e desenvolvido, no contexto da Guerra fria, pelos exilados ucranianos e

⁹ Cf. KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. The Holodomor of 1932–33: How and Why? **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. Edmonton, v. 2, n. 1, p. 93 – 116, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21226/T23K51>. Disponível em: <https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Kul%CA%B9chyts%CA%B9kyi>. Acesso em: 20 maio 2018, p. 93 e 96.

¹⁰ RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 100.

por instituições acadêmicas (em particular, a Universidade de Harvard) a serviço do imperialismo americano¹¹.

Esse retrato torna-se questionante quando se fala da revolução soviética, conforme destaca Percival Puggina¹², no artigo *Holodomor e a pedagogia do silêncio*, referente a sua palestra realizada na abertura da exposição *Holodomor, o genocídio ucraniano* em dezembro de 2017, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Chama-se a atenção, de acordo com Puggina¹³, a exclusão dos temas e a opção de assuntos conforme o interesse por vias partidárias no ensino brasileiro. Cria-se uma lacuna na memória coletiva, quanto a história geral, e assim também, se tira o senso político da tragédia imposta ao povo ucraniano. Visto que, o progresso social é possível quando se reconhece e traz à memória dos indivíduos situações trágicas, sensibilizando a consciência coletiva para não as repetir. Pois, uma vez que, as ideologias estejam direcionadas pelo desejo supremo de poder, podem ocasionar em inimagináveis crueldades.

A religiosidade¹⁴ é outro elemento pertinente para esta pesquisa e para sociedade. Quando constatada a diversidade social, a religiosidade está entrelaçada muitas vezes as práticas culturais, e outros momentos, como meio significativo no tocante ao sentido da vida e olhar para realidade circundante. A religiosidade tem sido pouco considerada, todavia, ao se constatar a sua importância nas comunidades ucranianas, reconhece-se seu elo para a identidade étnica no Brasil e em outros lugares, tem-se, portanto, sua importância e merece atenção.

Alguns autores, entre eles Soljenítsin¹⁵, denunciaram a opressão que vinha ocorrendo, já na época dos fatos. Com o avanço dos estudos sobre a União Soviética, constatou-se a imposição da fome ao povo ucraniano e das demais regiões da União Soviética, sendo os camponeses, uma de suas maiores vítimas. Surgiram questionamentos sobre a veracidade desses fatos, alegando uma

¹¹ RIBEIRO, Luis de Matos. *Holodomor: O Império da Fome*. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 101-102.

¹² Cf. PUGGINA, Percival. *Holodomor e a pedagogia do silêncio*. **Blog Puggina.org conservadores e liberais**. [S.l.], 7 dez. 2017. Disponível em: <http://www.puggina.org/artigo/puggina/holodomor-e-a-pedagogia-do-silencio/10876>. Acesso em: 6 ago. 2018.

¹³ Cf. *Ibid.*

¹⁴ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia**. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 169.

¹⁵ Cf. SOLJENÍTSIN, Alexandre. **Arquipélago Gulag**. Trad. Francisco A. Ferreira, Maria M. Listó e José A. Seabra. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1976, p. 15-34.

desmoralização a imagem de Stalin. As provas sobre esse acontecimento eram e são escassas pelo motivo da própria política do regime em destruir as evidências e as provas. Outro fator de dificuldade era o temor das pessoas, as quais se recusavam relatar o ocorrido por medo, dado que ainda viviam sob o regime comunista.

Esta pesquisa não tem a pretensão de julgar ou procurar alimentar o ódio e a violência, gerando algum tipo de estigma social aos russos, mas sim, de buscar a função da memória, como ressalta Martins¹⁶: “a memória crítica obriga sempre lembrar o que se passou e a saber esquecer, sem que o esquecimento se torne amnésia” e ainda “a ausência de memória torna-se indiferença e incapacidade crítica”. Desse modo, a memória crítica resgata a dignidade e autonomia humana vivenciados em momentos dramáticos da história, evita-se a negligência histórica diante das vítimas, na busca de um equilíbrio para construção da paz, dificulta as regressões.

Nas palavras do papa Paulo VI, “a nossa queixa é, afinal, mais que sentença de juiz, lamentação de vítima”¹⁷. Não obstante, se encontra eco nas palavras de Ricoeur, “a lamentação tem necessidade de memória tanto como o louvor”¹⁸. A morte dessas vítimas reclama a lamentação da humanidade, elas não puderam expressar sua dor, nem mesmo os seus familiares. No tocante a essas vidas, sem visar a vitimização, mas sim, como um fato triste da história que se junta a tantos outros, em uma busca também de redenção para o povo, e assim para a humanidade.

As situações de barbáries precisam ser conhecidas e temidas. É necessário encontrar meios responsáveis para a convivência humana, sem banalizações, a partir das tragédias. Já que, “nestes tempos de desencanto e incerteza, favoráveis

¹⁶ MARTINS, Guilherme d'Oliveira. Memória e Dignidade. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013 p. 12.

¹⁷ PAPA PAULO VI. ***Ecclesiam Suam***. Carta Encíclica sobre os caminhos da Igreja. 6 ago. 1964. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html. Versão português. Acesso em: 10 out. 2018, n. 56.

¹⁸ RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Trad. Paulo Meneses. Campinas: Loyola, 2006, p. 243.

ao crescimento de extremismo e radicalismos de várias espécies, torna-se, mais do que nunca, imperioso recordar o lado trágico das utopias”¹⁹.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo visou a realização de pesquisa bibliográfica sobre o Holodomor. Conforme Barbosa²⁰, este tipo de pesquisa: “é uma investigação de ideias e conceitos; uma análise comparativa de diversas posições acerca de um problema”, e ainda, de acordo com Candiottto C.; Bastos e Candiottto K.²¹, vai “possibilitando sua integração com as outras formas de conhecimento”.

Para esta pesquisa, a abordagem foi a qualitativa, devido sua relevância para os estudos das relações sociais. Os aspectos da teoria qualitativa são relevantes nesta pesquisa, ao permitir o reconhecimento e a análise de diferentes perspectivas, durante o processo de produção do conhecimento, admitindo a utilização de vários métodos e abordagens²².

O método utilizado durante a investigação foi o dedutivo e exploratório. No processo de se estabelecer como disciplina científica, os métodos se tornaram pontos de referência. Como método entende-se a teoria da investigação, ou seja, o caminho a ser percorrido para a realização da pesquisa.

Torna-se indispensável para questão metodológica o tema da memória. Ao apontar a “efetuação bem-sucedida” do fenômeno, não classificando o esquecimento como algo patológico, ou ligado a situações não reais e imaginárias. É através do testemunho de modo crítico que se “constitui a estrutura fundamental de transição entre memória e a história”²³.

Assim, este método permite o exame dos fatos mais relevantes para a pesquisa, propicia o reconhecimento de lacunas que não foram abordadas durante

¹⁹ RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 103.

²⁰ BARBOSA, Derly. **Manual de pesquisa: metodologia de estudos e elaboração de monografias**. 2. ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2006, p. 57.

²¹ CANDIOTTO, Cesar; BASTOS, Cleverson Leite; CANDIOTTO, Kleber B. B. **Fundamentos da pesquisa científica: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 116.

²² Cf. FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Artmed, Porto Alegre, 2009, p. 23.

²³ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 40-41.

outras pesquisas²⁴. Nesse caso, o problema encontrado foi a ausência de pesquisas científicas no Brasil sobre o tema Holodomor e suas consequências para os ucranianos.

O estudo exploratório se iniciou por meio de pesquisa bibliográfica com levantamento das obras no primeiro semestre de 2018, no acervo das bibliotecas da Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e da PUCPR. Nos meios eletrônicos, a estratégia de busca adotada se deu inicialmente no Google Acadêmico²⁵, na plataforma Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior²⁶ (CAPES). Depois nas bases de dados: *Scopus*, *Web of Science* e da *Proquest*²⁷. As palavras-chave utilizadas foram: “Holodomor 1932-1933”; “Genocídio Ucraniano”; “Grande Fome na Ucrânia”; violência ou violence, religião ou religion. Devido à grande incidência da investigação do tema ultrapassar mais de 300 publicações, entre livros, artigos científicos e matérias jornalísticas, a pesquisa se limitou aos trabalhos científicos com relevância para o estudo do tema.

Em um primeiro momento, o levantamento de dados foi realizado em seguida, com busca a pesquisa de modo geral, na base de dados da CAPES referenciais: *Web of Science* e *Scopus* pela palavra-chave “Holodomor 1932-1933”. A limitação do período de publicação das obras para a *Web of Science* foi sem marcações de anos, e na *Scopus* se delimitou entre 2004 – 2018. Constatou-se que o assunto Holodomor, até o presente momento, na busca de dados da *Web of Science*, com a análise de registros selecionado por país/região, apresentou a contagem de registros com maior índice nos Estados Unidos (9), seguido pelo Canadá (8). Selecionando por área de pesquisa, o item história, exibiu maior índice em contagem de registros (19), seguido por ciências políticas, com dezesseis registros. A busca de dados na *Scopus*, quanto a ocorrência da palavra Holodomor, país/região, obtiveram-se registros de documentos com maior ocorrência na Alemanha (7), seguido da Ucrânia (7). Por área de concentração, apresentou-se mais nas ciências sociais (28), seguido por artes e humanidades (13). No Brasil, não ocorreu nenhum

²⁴ Cf. FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Artmed, Porto Alegre, 2009, p. 23.

²⁵ GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?q=>. Acesso: 19 abr. 2018.

²⁶ BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Acesso em: 15 abr. 2018.

²⁷ PROQUEST /1970 – **Base de dados multidisciplinar de Periódicos eletrônicos**. Disponível em: <https://search.proquest.com/index>. Acesso em: 28 abr. 2018.

registro tanto na *Web of Science* como na *Scopus*. Enquanto área de concentração, quanto religião ou teologia, somente incidiu religião na *Web of Science*, direcionando a informação da existência de documentos sobre o Holodomor no Vaticano, e sem nenhuma ocorrência na *Scopus*. Na busca de dados do Portal da CAPES tiveram significativos registros de artigos em inglês e um em português/Angola. No Google Acadêmico com as palavra-chave “Holodomor 1932-1933”, verificaram-se mais de 1.000 resultados, dentre teses e artigos em inglês, ucraniano, português, espanhol. Através dessa ferramenta de pesquisa, foi encontrado no Brasil dois estudos científicos (mestrado/doutorado) sobre o tema, um como tema principal e outro introduzido ao assunto abordado, mas nenhum artigo científico.

Em outro momento, a averiguação se realizou mediante a revisão da literatura disponível sobre o tema, com autores das áreas da teologia, história, filosofia, sociologia. Os autores de referência para o estudo do tema central foram: Cinnella (2015); Cieszyńska; Franco (coord.) (2013); Prado (2018). Os teóricos de apoio foram: Arendt (2012) sobre a questão do regime totalitário; Bonhoeffer (2003) e Sobrino (2007) sobre as vítimas; com o objetivo de pesquisar em todas as obras a violência, o sofrimento e a religiosidade.

Quanto aos Documentos da Igreja, foram utilizados como base teórica a mensagem de sua Santidade João Paulo II no 70º aniversário do Holodomor (2003); *Divini Remptoris*, Carta Encíclica sobre o comunismo ateu, (1965); *Discorso Di Sua Santità Pio PP. XII Agli Alunni e ai Superiori Del Pontificio Collegio di San Giosafat, Nel XX di Fondazione del Loro Istituto* (1952); *Orientales Omnes Ecclesias*, 350º *Anniversario Dell'unione Della Chiesa Rutena Alla Sede Apostolica Di Roma*, Carta Encíclica (1946); referências do papa Bento XVI e do papa Francisco nos *Angelus*.

A dissertação seguiu as normas de acordo com o modelo e o guia para normalização de trabalhos acadêmicos fornecido pela Biblioteca da PUCPR, com exceções ao modo próprio de citação da área de teologia [citação bíblica e Documentos da Igreja], também por haver a necessidade de notas explicativas no rodapé, dado o tema abordar palavras estrangeiras necessárias para a compressão do tema.

As palavras escritas no português de Portugal permanecem conforme o seu autor, em vista de não causar desentendimentos, se optou por colocá-las em itálico (exemplo: *Estaline*).

Quanto as palavras e citações com caracteres ucranianos, estão transliterados conforme o Sistema de transliteração BGN/PCGN *Ukrainian – BGN/PCGN transliteration system*²⁸, e o modo original no idioma mantido entre colchetes. As palavras em russo permanecem segundo o modo de citação dos autores a que são referenciadas. E algumas palavras permanecem como utilizadas no português do Brasil. A capital da Ucrânia, está escrita como a transliteração pronunciada do idioma ucraniano, em vez Kiev, o modo russo, escreve-se Kyiv, como no ucraniano. Quando for encontrada a palavra Kiev é citação direta do autor mencionado.

A dissertação se inicia com a introdução abrindo a reflexão sobre o Holodomor, trazendo as hipóteses, objetivo geral e objetivos específicos da pesquisa. Apresenta em seguida, as justificativas da escolha do tema, sua relevância para os estudos acadêmicos e para sociedade. Descreve também o método utilizado e os passos percorridos para realização desta pesquisa.

O primeiro capítulo com o título *Levantamento Bibliográfico sobre o Holodomor realizado no primeiro semestre de 2018*, proporciona um breve levantamento realizado no decorrer de 2018 das pesquisas e obras referentes ao Holodomor no Brasil e em outros países. Com essa revisão, tem-se um apanhado das direções e áreas sobre os estudos desse tema.

Em seguida, no capítulo *Holodomor: Fome ou Extermínio?* é tratado o contexto em que aconteceu a tragédia, os acontecimentos, ações do regime e do líder Josef Stalin para implementação de seus projetos e ideais. Apresenta-se quem era considerado inimigo e denominado *kulak*. Expõe-se a resistência dos camponeses em aceitar o novo regime, a referência e estimativa sobre as mortes ocorridas nos anos da fome, e aponta-se as principais problemáticas em torno do Holodomor.

No capítulo *A “Igreja do Silêncio”: violência e sofrimento*, busca-se identificar a situação da Igreja Cristã, nas denominações Católica e brevemente na Ortodoxa, durante o regime soviético. Evidencia-se as ações da Igreja Católica, ao tentar compreender a situação, como em procurar uma resposta ativa ao que estava acontecendo. Destaca-se o empenho do metropolita Andrey Sheptyts’kyi e dos

²⁸ UKRAINIAN – BGN/PCGN transliteration SYSTEM. Disponível em: <https://www.transliteration.com/transliteration/en/ukrainian/bgn-pcgn/>. Acesso: 15 jan. 2020.

papas em denunciar os abusos realizados pelo governo soviético, como em denunciar a tragédia. Ainda, apresenta-se as menções dos papas sobre as perseguições aos fiéis da denominada Igreja do Silêncio, do mesmo modo, sobre os ucranianos e as suas referências ao Holodomor.

O capítulo *Holodomor: uma leitura a partir da sensibilidade teológica contemporânea latino-americana/brasileira*, são apresentados elementos teológicos sobre a perspectiva cristã diante da realidade, como requer o dogma da Encarnação, e assim diante de tragédias como o Holodomor. Introduz-se uma aproximação as questões antropológicas presentes no ser humano, sombras na vivência que são de responsabilidade humana diante da tragédia. Alguns depoimentos das vítimas são elucidados, trazendo o seu olhar sobre a grande fome, para estar mais próximo da compreensão do sofrimento e dor vivenciados. Em seguida, com abordagem teológica, se sinaliza a necessidade de investigar a verdade a partir das vítimas e dos valores da dignidade humana, as perguntas que surgem diante de tais acontecimentos sobre a culpa de Deus ou do ser humano e o silêncio divino. Ainda, faz breve alusão sobre menções e alguns monumentos dedicados ao Holodomor, o empenho dos ucranianos pelo reconhecimento mundial dessa tragédia e considera a possibilidade de uma ressignificação desse triste passado histórico para os ucranianos.

Por fim, apresentam-se as principais considerações desta pesquisa que vão desde carência à necessidade de debates sobre essa tragédia, como da importância da perspectiva cristã até a dificuldade de se falar do Holodomor e mantê-lo na memória coletiva. De tal modo, a busca da verdade nas tragédias se conduz para o encontro com a verdade no ser humano.

2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O HOLODOMOR REALIZADO NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2018

A investigação de qualquer tema requer primeiramente a realização preliminar de um levantamento bibliográfico do qual o pesquisador pretende explorar e pode ser elaborado através da pesquisa denominada estado da questão. Essa contribui para a definição dos caminhos a serem percorridos e os aspectos para a delimitação do tema. Barbosa²⁹ explica que: “assim saberemos o que outros autores já disseram sobre o tema e por isso evitarmos repeti-los. O Estado da Questão é saber o que já existe produzido sobre o tema”.

Dando início as buscas nas bases de dados, a seguinte pergunta foi elaborada: há ocorrência de pesquisas que revelam o conhecimento do Holodomor no Brasil e em outros países? Tal indagação possui a finalidade de procurar pesquisas que ajudem na orientação da investigação proposta. Desse modo, o objetivo geral foi conhecer as pesquisas existentes até a contemporaneidade, tendo como objetivos específicos: a apresentação da investigação sobre o Holodomor e a descrição dos trabalhos relevantes acerca da temática. O método utilizado foi o investigativo, para pesquisar a dimensão dos trabalhos publicados como artigos, dissertações e teses. Esta averiguação ocorreu através dos meios eletrônicos, nas bases de dados, em *web sites* e em acervos de bibliotecas.

A averiguação no meio eletrônico ocorreu de modo geral sobre o tema do Holodomor, teve em seguida, como critério de exclusão, trabalhos que não debatiam os temas indiretos – violência, sofrimento e religiosidade – mas que abrangiam a proposta da pesquisa. Para a verificação das publicações ficou delimitado os anos de 2004 a 2018, primeiramente no idioma português, depois em outros idiomas. Posteriormente a leitura dos títulos e dos resumos, especificamente em idioma estrangeiro.

²⁹ BARBOSA, Derly. **Manual de pesquisa**: metodologia de estudos e elaboração de monografias. 2. ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2006, p. 93-94.

2.1 RESULTADOS E CONTRIBUIÇÕES REFERENTES AO HOLODOMOR 1932-1933 – TESES E DISSERTAÇÕES

A busca de teses e dissertações foi iniciada na Base de Dados Referenciais da CAPES, através do Banco de Teses e Dissertações, com as palavras-chave “Holodomor 1932-1933”, no decorrer do primeiro semestre de 2018. Em seguida, utilizou-se na plataforma Proquest mediante o acesso pela PUCPR. A averiguação também se deu pelo Google Acadêmico, resultando com teses e dissertações em português brasileiro:

Quadro 1 – Trabalhos acadêmicos em português do Brasil

PESQUISA	ÁREA	TIPO	ANO	INSTITUIÇÃO
DOUTORADO	Psicologia	Subcapítulo/ Tese	2009	USP
DOUTORADO	História	Tese	2017	UNISINOS

Fonte: a autora, 2018.

O quadro acima apresenta as teses e dissertações produzidas no Brasil e que refletem o tema de modo total ou parcial. Na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), tem-se uma tese de doutorado, intitulada *O jornal ucraniano – brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933)*, de Anderson Prado³⁰, que analisa como foi noticiado no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia* – o qual circula ainda hoje entre os descendentes dos ucranianos – a fome que estava ocorrendo na Ucrânia, o Holodomor, e a recepção dos acontecimentos. Ele contextualiza os fatos sobre a fome e a vinda dos imigrantes para o Brasil, especificamente em Prudentópolis/PR. Esta tese torna-se livro em 2018 com o título: *Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia*.

A outra pesquisa, da Universidade de São Paulo (USP), é a tese de doutorado de Sérgio Vezneyan³¹, intitulada: *Genocídios no século XX: uma leitura*

³⁰ Cf. PRADO, Anderson. **O jornal ucraniano – brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933)**. 2017. 223 f. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 15 out. 2017.

³¹ Cf. VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causas e consequências**. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017.

sistêmica de causas e consequências, examina o tema genocídio em sete acontecimentos marcantes (Armênios, Holodomor, Nanking, Holocausto, Camboja, Bósnia e Herzegovina e Ruanda) de modo comparativo, detectando os motivos, seu desenvolvimento, buscando compreender essas mortandades todas ocorridas no mesmo século. No capítulo 6 da tese cada acontecimento é investigado separadamente, e o Holodomor é examinado na seção 6.2. Traz a sua historicidade, bibliografia sobre o tema, filmes e *websites*, parte em seguida, para a análise conforme os objetivos e métodos utilizados pelo pesquisador.

Em relação a produção em outros idiomas, buscou-se na Base de Dados Referenciais da CAPES, através do Portal de Periódicos no ícone buscar assunto, com refinamento de recursos textuais. Realizou-se, em seguida, nas plataformas Proquest e Google Acadêmico:

Quadro 2 – Trabalhos acadêmicos em outros idiomas

PAÍS	AUTOR	TIPO	TÍTULO DA PESQUISA
CANADÁ	BEZO, Brent	Tese/Mestrado	<i>The impact of intergenerational transmission of trauma from the Holodomor Genocide of 1932-1933 in Ukraine</i>
SUÉCIA	DIETSCH, Johan	Tese/Doutorado	<i>Making Sense of Suffering: Holocaust and Holodomor in Ukrainian Historical Culture</i>
CANADÁ	MOKRUSHYNA, Halyna	Tese/Mestrado	<i>Ukrainian Sentiments and Canadian Sustenance: In Remembrance of the 1932-1933 Great Famine (the Holodomor)</i>

Fonte: a autora, 2018.

Os trabalhos científicos encontrados em outros idiomas foram duas teses, como demonstra o quadro acima. Após a leitura dos resumos, identificou-se o objetivo de cada uma. A pesquisa de mestrado na área da psicologia de Brent

Bezo³², intitulada *The impact of intergenerational transmission of trauma from the Holodomor Genocide of 1932-1933 in Ukraine* (2011), na *Carleton University Ottawa*, Canadá. A dissertação trabalha sobre os traumas passados, de três gerações familiares, decorrentes da grande fome, através da análise de entrevistas semiestruturadas a quinze famílias ucranianas.

A tese de história encontrada no *website* da Lund University Publications, na Suécia, tem disponível somente o resumo com o seguinte título: *Making Sense of Suffering: Holocaust and Holodomor in Ukrainian Historical Culture* de Johan Dietsch³³ (2006). O estudo dessa pesquisa, se dedica à problemática da incorporação da história na Ucrânia sobre o Holocausto dos judeus, com o que aconteceu em seu território denominado Holodomor (1932-1933), em relação a historiografia. Pois, na construção da história redigida nos livros, após o regime soviético, acabou recebendo influência dos ucranianos da diáspora, principalmente da América do Norte. Os judeus em território ucraniano, que foram vítimas dos regimes durante esse período são considerados minoria diante da tragédia com os ucranianos.

Já a tese no Canadá, como referido no quadro 2 de Halyna Mokrushyna³⁴, intitulada *Ukrainian Sentiments and Canadian Sustenance: In Remembrance of the 1932-1933 Great Famine (the Holodomor)*, no ano de 2010 na *University of Ottawa*, examina o empenho da comunidade ucraniana no Canadá, trazendo para a consciência coletiva o Holodomor. Investiga-se as motivações e como a busca de reconhecimento histórico se dá pela identidade étnica ucraniana com os canadenses, em vista do compromisso que o Canadá tem com o respeito e o cuidado aos direitos humanos.

³² Cf. BEZO, Brent. **The impact of intergenerational transmission of trauma from the Holodomor Genocide of 1932-1933 in Ukraine**. 2011. 197 f. Master of Arts in Psychology – Carleton University. Ottawa, 2011. Disponível em: <https://curve.carleton.ca/f1b3dd58-0832-40d1-bf09-b727714f0bb0>. Acesso em: 22 abr. 2018.

³³ Cf. DIETSCH, Johan. **Making Sense of Suffering: Holocaust and Holodomor in Ukrainian Historical Culture**. 2006. 280 f. Doctoral Thesis (Monograph). Lund University. Department of History. Lund, 2006. Disponível em: <http://lup.lub.lu.se/record/25786>. Acesso em: 28 maio 2018.

³⁴ Cf. MOKRUSHYNA, Halyna. **Ukrainian Sentiments and Canadian Sustenance: in Remembrance of the 1932-1933 Great Famine (the Holodomor)**. Master of Arts in Communication – University of Ottawa. Ottawa, 2010. Disponível em: <https://ruor.uottawa.ca/handle/10393/28737>. Acesso em: 19 maio 2018.

2.2 LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS

Quanto aos livros e capítulos de livros que desenvolvem o tema, a pesquisa ocorreu presencialmente nos acervos das bibliotecas da FASBAM e da PUCPR, são os seguintes resultados:

Quadro 3 – Livros

PAÍS	AUTOR	TÍTULO DA OBRA	ANO
PORTUGAL	CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (coord.)	<i>Holodomor: A desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)</i>	2013
ITÁLIA	CINNELLA, Ettore	<i>Ucraina – Il Genocídio dimenticato 1932-1933</i>	2015
CANADÁ	CIPKO, Serge	<i>Starving Ukraine. The Holodomor and Canada's response</i>	2017
ITÁLIA	IGORT	<i>Quaderni Ucraini. Memorie dai tempi dell'URSS</i>	2010
BRASIL	PRADO, Anderson	<i>Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia</i>	2018

Fonte: a autora, 2018.

Quadro 4 – Obras menores

PAÍS	AUTOR	TÍTULO DA OBRA	ANO
BRASIL	HANEIKO, Pe. Valdomiro	<i>Cinquentenário da Fome – Genocídio na Ucrânia 1933-1983</i>	1983

Fonte: a autora, 2018.

Os livros referentes ao Holodomor, como assunto específico, encontrados no Brasil ainda são poucos como mostra o quadro 3. Alguns podem apontar a tragédia como um assunto dentro de outro tema como especifica o quadro 5.

No Brasil, tem-se um livro fruto da tese de doutorado de Anderson Prado³⁵. Ele analisa como foi noticiado no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*, o qual circula ainda hoje entre os descendentes dos ucranianos, a fome que estava ocorrendo na Ucrânia, o Holodomor. Além do mais, traz passagens da entrevista com duas

³⁵ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018.

imigrantes sobre as memórias dos fatos ocorridos, e relatos dos membros de algumas famílias ucranianas sobre o que seus pais contavam.

O pesquisador, Ettore Cinnella³⁶, já no título da sua obra, refere-se ao genocídio de ucranianos como esquecido. Apresenta o tema de modo investigativo e reflexivo, em idioma italiano. Na introdução de sua obra, encontra-se a tragédia do Holodomor, considera ser seu dever civil apontar essa outra face do regime soviético, havendo muitos que defendem que práticas assim são necessárias. Esse acontecimento não necessita ser visto somente como pertencente ao passado, como um símbolo doloroso, mas reclama o entendimento dos sentimentos desse povo, já que antes de reconhecer e pedir perdão, a Rússia através da atual agressão reabre as feridas antigas. O pesquisador descreve o modo que foi acontecendo a repressão da política soviética, ao implementar a coletivização através das autoridades locais sobre o comando de Stalin, que se direciona ao campesinato ucraniano, depois a outros grupos e proporções. Por fim, reúne testemunhos das vítimas da fome, como esta tragédia foi ocorrendo, a violência sofrida, e a fé inocente que deu forças a muitas pessoas.

Há um livro de Igort³⁷, onde o autor traz uma reportagem, com testemunhos que ele recolheu, no *Quaderni Ucraini*, em forma de quadrinhos sobre o tempo do regime soviético, adentra de modo ilustrativo os acontecimentos que levaram a morte de milhões na Ucrânia, o Holodomor.

Outro livro, sobre a coordenação da Béata Cieszyńska e José Eduardo Franco³⁸, reúne vários trabalhos de ordem jurídica, histórica, jornalística e artística, expondo o tema do Holodomor, com artigos escritos em língua portuguesa de Portugal. Tem-se por objetivo o reconhecimento dessa tragédia, não visando o ressentimento, mas como um aprendizado para a cultura de paz.

A comunidade ucraniana do Canadá tem se dedicado nos últimos tempos para o reconhecimento internacional do Holodomor 1932-1933. Serge Cipko³⁹ traz em sua obra os eventos sobre o Holodomor 1932-1933, a sua compreensão com

³⁶ Cf. CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015.

³⁷ Cf. IGORT. **Quaderni Ucraini**. Milano: Mondadori, 2010.

³⁸ Cf. CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

³⁹ Cf. CIPKO, Serge. **Starving Ukraine**. The Holodomor and Canada's response. Regina: University of Regina Press, 2017.

base em estudiosos no assunto, relacionando as notícias da Rússia Soviética, o noticiário da imprensa estrangeira, os periódicos, e os esforços de ajuda e intervenção, realizados pela comunidade ucraniana do Canadá.

Uma obra menor, como indica o quadro 4, é um pequeno livro escrito pelo padre Valdomiro Haneiko⁴⁰, marcando os cinquenta anos do Holodomor, no qual relata brevemente, mas de modo claro, os fatos que marcaram os anos 1931-1933. Destaca o ano de 1933 equivalendo a grande tragédia imposta aos ucranianos pelo governo soviético, além de trazer imagens das vítimas.

Quadro 5 – O tema em capítulo de livro

AUTOR	TÍTULO DO CAPÍTULO/ABORDA O TEMA	TÍTULO DO LIVRO	ANO
KHRUSCHEV, Nikita	O Terror	<i>Memórias</i>	1971
WERTH, Nicolas	Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética.	<i>O livro negro do comunismo. Crimes, terror e repressão.</i>	2001

Fonte: a autora, 2018.

Como especificado no quadro 5, tem-se as obras em que os seus autores mencionam o Holodomor ou a grande fome de 1932-1933, em alguns de seus capítulos. Nikita Khrushchev⁴¹, traz no livro *Memórias*, o seu modo de ver os fatos, as suas reflexões sobre os acontecimentos para a implementação e condução do governo soviético, do qual fez parte. De forma breve fala em um capítulo, sobre o terror ocorrido na Ucrânia, como outros momentos relacionados aos ucranianos. Khrushchev relata mais sobre a questão da terceira Fome na Ucrânia (1946-1947) quando esteve à frente do projeto agrícola entre os ucranianos. Já Werth⁴², desenvolve historicamente desde o começo da implantação do regime soviético até quando Stalin deixa a liderança do governo. Werth traz dados importantes sobre a grande fome na Ucrânia, descreve como o plano da chamada *deskulakização* foi

⁴⁰ Cf. HANEIKO, Pe. Valdomiro. **Cinquentenário da Fome** – Genocídio na Ucrânia 1933-1983. Curitiba: Kindra, 1983.

⁴¹ Cf. KHRUSCHEV, Nikita. **Memórias**. Trad. Renato Bittencourt, Aurélio de Lacerda, Wilson Cunha e Juarez Barroso. v. 1. São Cristovão: Artenova, 1971.

⁴² Cf. WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. *et. al.* **O livro negro do comunismo.** crimes, terror e repressão. Colaboração de Rémi Kauffer *et. al.* Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ocorrendo resultando na morte de milhões, principalmente em território ucraniano, e quem era considerado um *kulak*.

Quadro 6 – Obras que auxiliam na compreensão do tema

AUTOR	TÍTULO DO LIVRO	ANO
ARENDT, Hannah	<i>Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo</i>	2012
BOURDEAUX, Michel	<i>A religião cristã na URSS</i>	1967
GALTER, Albert	<i>O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida</i>	1958
IWANOW, Boris (org.)	<i>Religião na U.R.S.S.</i>	1965
PIO XI	<i>Divini Remptoris. Carta Encíclica sobre o comunismo ateu</i>	1965
SÁKHAROV, Andrêi	<i>Memórias</i>	1992
SOLJENÍTSIN, Alexandre	<i>Arquipélago Gulag</i>	1976
TIMASHEFF, N.S	<i>Religião na Rússia Soviética (1917-1943)</i>	[1943]

Fonte: a autora, 2018.

Duas obras se destacam no quadro 6, para a relevância da proposta neste trabalho, a de Hanna Arendt e do papa Pio XI. Em vista de um fortalecimento territorial, econômico e social, o regime na URSS, ao qual a Ucrânia e países vizinhos foram obrigados a aderir, acabou se caracterizando como totalitário, como menciona Arendt⁴³ na obra *Origens do Totalitarismo*. A autora desenvolve de modo analítico, as duas correntes governamentais fortemente predominantes em sua época: nazismo e stalinismo. O seu pensamento descreve as formas de como o totalitarismo foi surgindo nesses regimes, ganhando força. A utilização de estratégias cruéis, com motivos contraditórios, na busca de um bode expiatório, através da desumanização. Tudo isso com a aprovação da grande maioria dos cidadãos, além de utilizar os meios de comunicação.

Na encíclica sobre o comunismo ateu *Divinis Redemptoris* (1937) o papa Pio XI⁴⁴ transmite um importante clamor à questão da dignidade da pessoa humana, apontando as perseguições a fé e a instituição da família na União Soviética; sob o comando dos governantes russos na época e em outros países, pelo regime

⁴³ Cf. ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁴⁴ Cf. PAPA PIO XI. **Divinis Redemptoris**. Carta Encíclica sobre o comunismo ateu. 4. ed. Documentos pontifícios 1. Petrópolis: Vozes, 1945.

comunista. A encíclica chama a atenção para a violência que se instala na perseguição daqueles que acreditam e professam a fé em Deus, defende ainda a fé, os costumes, a família e a propriedade privada.

Os outros livros, como de Soljenítsin⁴⁵ e de Sákharov⁴⁶, apresentam em seus relatos suas experiências e vivências durante o regime soviético. É um olhar a partir de dentro, de suas experiências e compreensões. Já as obras de Galter⁴⁷, Bourdeaux⁴⁸, Codevilla⁴⁹, Iwanow⁵⁰ e Timasheff⁵¹ se referem a URSS e a questão da religião, trazendo as situações sociais e políticas em relação as expressões de fé do povo.

2.3 ARTIGOS CIENTÍFICOS E FILME

Devido a um grande número de resultados relacionados aos artigos na Base de Dados Multidisciplinar da Proquest e do Google Acadêmico, a pesquisa teve um refinamento, utilizando a palavra-chave “Holodomor 1932-1933”. Limitou-se no Google Acadêmico a pesquisa aos artigos, com filtros para pesquisas que tinham a palavra chave no título, porém em vários idiomas. Após a leitura dos resumos dos artigos, foram selecionados estudos que continham especificamente a palavra “Holodomor” ou a data “1932-1933” e que se referem, direta ou indiretamente, as propostas interligadas da pesquisa: violência, sofrimento e religião. Foram excluídos os estudos que no arquivo em formato *pdf* completo [os que estão disponíveis] não apresentavam resumo. Portanto, os selecionados são os seguintes:

⁴⁵ Cf. SOLJENÍTSIN, Alexandre. **Arquipélago Gulag**. Trad. Francisco A. Ferreira, Maria M. Listó e José A. Seabra. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1976.

⁴⁶ Cf. SÁKHAROV, Andréi. **Memórias**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Saraiva, 1992.

⁴⁷ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958.

⁴⁸ Cf. BOURDEAUX, Michel. **A religião cristã na URSS**. Trad. Jayme Leite de Godoy Camargo. Petrópolis: Vozes, 1967.

⁴⁹ Cf. CODEVILLA, Giovanni. **Chiesa e impero in Russia: dalla Rus di Kiev alla Federazione russa**. Milano: Jaca Book, 2011.

⁵⁰ Cf. IWANOW, Boris (Org.). **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965.

⁵¹ Cf. TIMASHEFF, Nicholas Sergeyevitch. **Religião na Rússia Soviética (1917-1943)**. Trad. Jorge Amaral. Rio de Janeiro: Stella, 1943.

- BALAN⁵², Jars. **The Gathering Storm: The Mainstream Canadian Press Coverage of the Soviet Union in the Lead-up to Ukraine's Great Famine-Holodomor.**

O Canadá visto como um país de representatividade e estando longe da URSS, geograficamente acompanhou desde o início os fatos na Rússia Vermelha. A imprensa canadense procurou acompanhar principalmente o que ocorria na agricultura no regime comunista. O artigo examina os relatos na imprensa canadense entre 1924-1930, com a implementação do Plano Quinquenal, destaca os eventos que sucederam a grande fome 1932-1933, o Holodomor, e analisa as notícias da Ucrânia no desenvolver da história.

- BEZO⁵³, Brent; MAGGI, Stefania. **Living in “survival mode”:** Intergenerational transmission of trauma from the Holodomor genocide of 1932–1933 in Ukraine.

Através de pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas, com quinze famílias ucranianas, os autores avaliam como o Holodomor 1932-1933 influenciou as gerações – primeira, segunda e terceira – após décadas do seu ocorrido. Constatam-se diversos sentimentos, com situações de veneração aos alimentos, bem como, hostilidade social, dentre outros, ocasionados pelo trauma que foi pessoal, mas também coletivo.

- CHABAN⁵⁴, Anatoliy Y. [ЧАБАН, Анатолій Юзефович]. **Activity of Ukrainian diplomatic institutions regarding recognition of the 1932–1933 Holodomor in Ukraine as genocide.** [Діяльність дипломатичних установ України із визнання Голодомор у 1932–1933 рр. в Україні геноцидом].

O autor procura analisar o Holodomor 1932-1933 e seu reconhecimento enquanto genocídio internacionalmente. A Ucrânia tem buscado afirmar sua

⁵² Cf. BALAN, Jars. The Gathering Storm: The Mainstream Canadian Press Coverage of the Soviet Union in the Lead-up to Ukraine's Great Famine-Holodomor. **Canadian Ethnic Studies**. Calgary, v. 47, n. 4-5, p. 205-243, 2015. DOI: 10.1353/ces.2015.0048. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/603779>. Acesso em: 03 maio 2018.

⁵³ Cf. BEZO, Brent; MAGGI, Stefania. Living in “survival mode”: Intergenerational transmission of trauma from the Holodomor genocide of 1932–1933 in Ukraine. **Social Science & Medicine**. [S.l.], v. 134, p. 87-94, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.04.009>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953615002294>. Acesso em: 29 abr. 2018.

⁵⁴ Cf. CHABAN, Anatoliy Y. [ЧАБАН, Анатолій Юзефович]. Activity of Ukrainian diplomatic institutions regarding recognition of the 1932–1933 Holodomor in Ukraine as genocide. [Діяльність дипломатичних установ України із визнання Голодомор у 1932–1933 рр. в Україні геноцидом]. **Cherkasy University Bulletin: Historical Sciences. [Вісник Черкаського університету]**. Cherkasy, n. 1, 2018. DOI: 10.31651/2076-5908-2018-1-77-85. Disponível em: <http://history-ejournal.cdu.edu.ua/article/view/2999>. Acesso em: 02 maio 2018.

identidade para se integrar à Europa, mas encontra dificuldades no consentimento dos países sobre o genocídio por questões políticas e oposição russa com seus aliados. Reconhece-se a complexidade que abrange o Holodomor e a importância das atividades que o envolvem para a diplomacia.

- KIS⁵⁵, Oksana. **Women's Experience of the Holodomor, 1932–1933.**

Esse estudo destaca que se tem analisado o Holodomor 1932-1933 na questão pública e histórica, todavia, ainda não na questão de gênero sexual. Por isso, este artigo busca estudar as narrativas das mulheres na Ucrânia que sobreviveram ao Holodomor, além de verificar as vivências, os modos de lutar pela vida das mulheres nessa tragédia e debate a pesquisa de uma estudiosa ucraniana que examina as experiências da fome sob a ótica feminina.

- KLYMENKO⁵⁶, Lina. **The Holodomor law and national trauma construction in Ukraine.**

A pesquisa tem por objetivo definir o que é o Holodomor, caracterizando-o como um trauma cultural. A memória desta tragédia passa a ser o símbolo do sofrimento do povo ucraniano atualmente. A autora parte da definição de trauma cultural de Jeffrey Alexander, buscando examinar a função dos governantes no resgate do significado da fome, sobretudo, na lei Holodomor de 2006, onde os políticos trazem uma compreensão de genocídio. Ainda o estudo fala das vítimas, da fome e seus responsáveis.

⁵⁵ Cf. KIS, Oksana. Women's Experience of the Holodomor, 1932–1933. **Aspasia**: The International Yearbook of Central, Eastern, and Southeastern European Women's and Gender History Founding. New York, v. 7, n. 1, p. 42-67, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3167/asp.2013.070104>. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/aspasia/7/1/asp070104.xml>. Acesso em: 30 abr. 2018.

⁵⁶ Cf. KLYMENKO, Lina. The Holodomor law and national trauma construction in Ukraine. **Canadian Slavonic Papers**. Edmonton, v. 58, n. 4, p. 341-361, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/00085006.2016.1234588>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00085006.2016.1234588>. Acesso em: 30 abr. 2018.

- KOMPANIYETS⁵⁷, Alex Viktorovuch. [КОМПАНІЄЦЬ, Олексій]. **Opposition Folklore as a Form of Popular Resistance to the Policy of «Complete Collectivization» and Great Famine (Holodomor) 1932–1933 in Ukraine.** [Опозиційний фольклор як одна з форм народного спротиву політиці «суцільної колективізації» та Голодомор у 1932–1933 рр. в Україні].

Nesse estudo o autor procurou trazer a resistência do campesinato também como questão cultural, já que a maioria dos estudos se direcionam sobre a coletivização e a fome. Apresenta que o individual pode parecer desordenado, mas diante da cultura rural apresenta como elo enquanto grupo, resultando em uma união passiva de resistência, identificando-se em oposição ao opressor comum.

- KOVTUN⁵⁸, Olena. **(Não) resistir à transformação:** o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do Holodomor de 1932-1933.

O artigo trabalha com a reflexão das visões históricas e sociológicas nas questões econômicas e políticas após a revolução da URSS, que antecede a *deskulakização* na Ucrânia. Ressalta que as observações experimentais ajudam da compreensão do Holodomor 1932-1933 e observa que este acontecimento origina duas consequências sociais: o desaparecimento de grande parte da população rural ucraniana e o rompimento da paz da sociedade neste país, de modo total.

- KUL'CHYTS'KYY⁵⁹, Stanislav. **The Holodomor of 1932–33: How and Why?**

Visto a grande quantidade de pesquisas, o autor reconhece a necessidade de indicar conceitos e pontos necessários para o entendimento acadêmico, constituindo-se como uma introdução ao tema. Defende o Holodomor como genocídio, aponta as diferenças comparando com o Holocausto dos judeus, por

⁵⁷ Cf. KOMPANIYETS, Alex Viktorovuch. [КОМПАНІЄЦЬ, Олексій]. *Opposition Folklore as a Form of Popular Resistance to the Policy of «Complete Collectivization» and Great Famine (Holodomor) 1932–1933 in Ukraine*. Cherkasy University Bulletin: Historical Sciences. [Опозиційний фольклор як одна з форм народного спротиву політиці «суцільної колективізації» та Голодомор у 1932–1933 рр. в Україні]. **Cherkasy University Bulletin: Historical Sciences. [Вісник Черкаського університету]**. Cherkasy, v. 355, n. 22, 2015. Disponível em: <http://history-ejournal.cdu.edu.ua/article/view/453>. Acesso em: 02 maio 2018.

⁵⁸ Cf. KOVTUN, Olena. *(Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do holodomor de 1932-1933*. **Revista Angolana de Sociologia**, Mangualde, Portugal, v. 13, p. 129-142, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.1010>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1010>. Acesso em: 30 abr. 2018.

⁵⁹ Cf. KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. *The Holodomor of 1932–33: How and Why?* **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. Edmonton, v. 2, n. 1, p. 93-116, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21226/T23K51>. Disponível em: <https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Kul%CA%B9chyts%CA%B9kyi>. Acesso em: 20 maio 2018.

alguns apontarem assimilação. Averigua as motivações de Stalin frente a eliminação da ameaça do nacionalismo ucraniano frente ao seu projeto, demonstra os fatos que permitiram a tragédia diferenciando de outras fomes.

- STARK⁶⁰, Renate. **Holodomor, Famine in Ukraine 1932-1933: A Crime against Humanity or Genocide?**

O artigo no primeiro momento debate o tema da fome enquanto direito e, em seguida, sobre as questões governamentais. Discorre-se sobre os pontos que implicam na partilha dos alimentos, utilizada muitas vezes para cumprir objetivos governamentais oprimindo o povo. Em seguida, o tema Holodomor 1932-1933 é trazido para além da coletivização e exemplifica a ação do governo de Stalin, como um grupo de pessoas que levam milhões a fome, resultando na morte de milhões. Aponta-se ainda questão da tragédia não somente como crime humanitário, mas como um genocídio.

Quanto ao cinema, ainda é pouco explorada a face sombria do regime totalitário na URSS, podendo até ser considerado como uma indiferença. Durante a análise das produções em 2018 da dimensão do tema na web, contatou-se o filme de George Mendeluk, *Colheita Amarga*⁶¹, tendo país de origem o Canadá, 2018. O filme retrata a história de dois jovens ucranianos que vivem uma história de amor, tendo durante todo o enredo do filme o contexto histórico do Holodomor. Há também um documentário intitulado *Harvest of Despair: The 1932-33 Famine in Ukraine*⁶², do Centro Canadense de Pesquisa e Documentação da Ucrânia, dirigido por Slavko Nowytski, em 1985. O documentário traz os principais fatos que levaram a morte de milhões de pessoas sob as políticas de comando de Stalin, e o relato de testemunhas e comentadores jornalísticos.

⁶⁰ Cf. STARK, Renate. Holodomor, Famine in Ukraine 1932-1933: a Crime against Humanity or Genocide? *Irish Journal of Applied Social Studies*, v. 10, n.1, p. 19-30, 2010. DOI: 10.21427/D7PQ8P. Disponível em: <https://arrow.tudublin.ie/ijass/vol10/iss1/2/>. Acesso em: 10 maio 2018.

⁶¹ Cf. COLHEITA AMARGA (BITTER HARVEST). Direção: George Mendeluk. Canadá: California Filmes, 2018 (103 min).

⁶² Cf. HARVEST OF DESPAIR: The 1932-33 Famine in Ukraine. Direção: Slavko Nowytski. Ukrainian Canadian Research & Documentation Centre. Toronto: The Ukrainian Sector, 1983. (55 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vOVe59GM-EQ>. Acesso: 29 jun. 2018.

2.4 OBSERVAÇÕES SOBRE O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

A pesquisa de levantamento bibliográfico proporcionou uma visão geral das produções realizadas e as diversas perspectivas sobre o assunto. Considera-se que, diante do desafio do idioma ucraniano nas pesquisas, a exploração de mais bases de dados seria necessária, porém, tal fato foi impossível pela limitação do tempo e os objetivos da pesquisa.

Por outro lado, o material verificado oportunizou muitas fontes de pesquisa e trouxe uma noção das direções e indagações que o tema do Holodomor 1932-1933 tem levantado. Constatou-se dentro das bases utilizadas, que as produções de artigos, teses e dissertações, surgiram depois do ano de 2005, não obstante, trabalhos jornalísticos foram realizados em diversificados períodos.

Deste modo, dado o limite das fontes pesquisadas e do tempo, destaca-se que provavelmente existem mais produções científicas realizadas, já que os artigos têm apontado outros trabalhos científicos e livros. Além do mais, esses pesquisadores têm ressaltado que ainda há poucos estudos sobre o Holodomor. Os capítulos seguintes neste estudo vêm contribuir para as pesquisas sobre esta tragédia, trazendo como linha de fundo a compreensão pela violência, sofrimento humano e religiosidade, conforme os limites da pesquisa apresentado nos procedimentos metodológicos.

3 O HOLODOMOR: FOME OU EXTERMÍNIO?

A humanidade tem seu passado histórico marcado pela violência, explicitamente identificável nas guerras e massacres, como relatam as diversas mitologias, e averígua-se nas passagens das Escrituras, a começar por Abel e culminar em Jesus Cristo. É fato constatado a violência sempre estar presente na história, nos mais diferenciados aspectos e sob diversas formas.

Um padrão a ser destacado neste conjunto é a busca de pessoas inocentes, consideradas como causadores de determinado mal que afligia alguma tribo ou comunidade, um tipo de bode expiatório⁶³, verificado e designado assim entre os membros dos grupos. Para além do entendimento de inocência, neste caso, a vítima adquire um significado de culpa. Ainda mais, se entende que “o fato de ter sido ou estar sendo vítima da injustiça e da crueldade não elimina a sua corresponsabilidade.”⁶⁴

No passado mais próximo, as mortes ocorridas durante o século XX e causadas através de violência, gerando sofrimento extremo, encontraram motivações decorrentes de ações políticas e ideológicas em nome de um progresso utópico, por vezes na intenção de prevenir uma situação pior em nome da liberdade⁶⁵. Aconteceu de tal modo que “grupos de natureza diversa sofreram, *enquanto tal*, tentativas de extermínio parcial ou total sempre sustentadas por uma motivação ideológica”⁶⁶. Tais massacres foram denominados a partir de 1948, como genocídio.

Uma das grandes feridas da humanidade sempre impactante é Auschwitz. O Holocausto dos judeus deve ser trazido indefinidamente à memória da humanidade, onde a ideologia, o ódio, o poder e a perseguição podem levar o ser humano a agir cruelmente contra os indivíduos de sua própria natureza. Destaca-se a colocação da Hannah Arendt⁶⁷ ao refletir sobre a construção dos regimes totalitários, no que se refere à diferença na maneira de usar o terror em relação às antigas tiranias, pois

⁶³ Cf. ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 28-29.

⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 29.

⁶⁵ Cf. BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 30.

⁶⁶ BRUNETEAU, Bernard. **O século dos Genocídios**. Violências, Massacres e processos genocidários da Arménia ao Ruanda. Trad. Isabel Andrade. Col. Histórias e Biografias. Lisboa: Instituto Piaget, 2008, p. 9-29.

⁶⁷ Cf. ARENDT, *op. cit.*, p. 29.

passa a ser usado com um meio para reger uma população, mostrar domínio, como foi o caso do governo nazista na Alemanha usando os judeus para tal fim. É demonstrado ainda que o governo russo soviético usou de outras táticas e com outras características, desse modo, “a arbitrariedade do terror não é determinada por diferenças raciais, e a aplicação do terror segundo a procedência socioeconômica (de classe) do indivíduo foi abandonada há tempos”⁶⁸, independente do motivo, qualquer indivíduo se torna vítima, um procedimento jamais admitido.

Outra atrocidade ocorrida no século XX, ainda indiferente a muitos, sem minimizar ou ignorar o sofrimento cometido a outras nações, é a repressão ao povo ucraniano durante o regime soviético sob o ditador Stalin, denominada como Holodomor, precisamente nos anos 1932 e 1933. O termo “holodomor” deriva da união das palavras fome [*hólod*] e exterminar/esfaimar [*moryty*], se designa assim, matar pela fome, empregado pela primeira vez em 1988 por Oleksiy Musiyenko e tornando-se popular por Ivan Drach⁶⁹. É importante observar que o Holodomor ainda é para os ucranianos uma ferida não compreendida e aberta.

Realizada a revisão teórica sobre o assunto, observou-se a falta de reconhecimento de muitos países sobre o Holodomor, ainda a habilidade e interesse do governo russo em esquecer ou encobrir os fatos, se nega, portanto, sutilmente o ocorrido. Analisando o tema no Brasil, constata-se uma lacuna na produção científica e acadêmica a respeito do tema, sendo escassas as produções em um país que recebeu uma grande porção do povo ucraniano nos processos imigratórios. Sintetiza-se tal constatação nas palavras de Gaspar⁷⁰ “a transição da grande fome para o grande terror continua a ser mal conhecida e pouco estudada.”

⁶⁸ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 29.

⁶⁹ Cf. RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 51; CIPKO, Serge. **Starving Ukraine**. The Holodomor and Canada's response. Regina: University of Regina Press, 2017. p. xv.

⁷⁰ GASPAS, Carlos. A Grande Fome na Ucrânia (1932-1933). In CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 44.

3.1 A UCRÂNIA E O SURGIMENTO DE UM REGIME TOTALITÁRIO

O aparecimento de governos totalitários revela outra face das ideologias: o uso do poder e do terror⁷¹. A forma de governar totalitária encontra sua legitimação através de certa veneração⁷² a seus líderes, independentemente das ações por eles realizadas. Essas ações são por vezes mascaradas pelo bem. Aplica-se deste modo o mal, justificando-o com o apoio das massas. Em perspectiva humanitária é perturbador como expressa Bonhoeffer⁷³: “que o mal possa tomar forma de luz, da ação benéfica, da necessidade histórica, da justiça social”. Contudo, tem-se constituído assim para o objetivo de seus idealizadores. As utopias podem se tornar tiranias. O que clama ser necessário refleti-las, buscando e procurando compreender⁷⁴ o que a história apresenta.

O surgimento das massas se caracteriza por pessoas desinteressadas do coletivo, de sua participação em alguma organização, sem um ideal para o bem comum, são imparciais. Pode-se dizer que se constituem de sujeitos que não participam da vida política e social, são mais individualistas e não pertencem a nenhuma classe. De tal modo, “[...] as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes”⁷⁵. As condições necessárias para o surgimento do governo totalitário⁷⁶ aconteceram de modo diverso na Alemanha e na Rússia.

O regime comunista na Rússia idealizado e aplicado pelo partido bolchevista foi possível por encontrar um ambiente “onde burocracia despótica e centralizada governava uma massa populacional desestruturada, que não se enquadrava organizacionalmente nem nos vestígios das ordens feudais rurais nem nas classes capitalistas urbanas”⁷⁷. Lênin reconhecia a facilidade encontrada para a tomada do poder e as dificuldades que se seguiam, tendo uma frágil classe operária e impactos

⁷¹ Cf. ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 25-30.

⁷² Cf. *Ibid.*, p. 221- 425; p. 434-435.

⁷³ BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 28.

⁷⁴ Cf. ARENDT, *op. cit.*, p. 21.

⁷⁵ ARENDT, *op. cit.*, p. 434-439.

⁷⁶ *Ibid.* p. 438. “Somente onde há grandes massas supérfluas que podem ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento é que se torna viável o governo totalitário”.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 447-448.

sociais imprevisíveis. A sua Nova Política Econômica (NEP)⁷⁸ forçou um apressado crescimento econômico industrial e agrícola, embora os soviéticos não estivessem preparados para isso, colocando um aumento nas taxas de produtividade.

Conforme Kovtun⁷⁹, a “NEP deu início à nova etapa na luta de classes”; tem-se “por um lado, a posse privada de pequenas parcelas de terra e, por outro, uma economia de mercado incompleta”. Os ideais do regime acabaram intensificando a pressão ao povo e tomaram maiores proporções com seu sucessor Stalin, que se empenhou para eliminação de representatividades (classes e nacionalidades), e favoreceu ainda mais a consolidação de uma massa desunida para que o partido tivesse total poder. Assim:

Por volta de 1930, os últimos vestígios das antigas instituições comunais haviam desaparecido: em seu lugar existia uma burocracia partidária firmemente centralizada, cujas tendências para a russificação não eram muito diferentes daquelas do regime czarista, exceto que os novos burocratas já não tinham medo de quem soubesse ler e escrever⁸⁰.

Com os objetivos ideológicos traçados, os primeiros atingidos pela eliminação de classes foram os agricultores, “a sua liquidação foi mais meticulosa e cruel que a de qualquer outro grupo, e foi levada a cabo por meio de fome artificial e deportação, a pretexto de expropriação dos *kulaks* e de coletivização”⁸¹. As classes seguintes a serem eliminadas foram: a operária, forçando todos a coletivização, e depois a partidária, acabando com as pessoas que ajudaram na construção do novo governo, como por exemplo, militares, administradores, entidades, repartições, entre outros⁸². Arendt então esclarece que o terror ditatorial tem inimigos legítimos e o terror totalitário “cidadãos inofensivos e carentes de opiniões políticas”⁸³.

⁷⁸ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 42-44. A Nova Política Econômica (NEP) foi um projeto introduzido por Lênin diante da necessidade de maior produção para a economia da URSS após a guerra civil (guerra comunista). Buscando um incentivo à produção principalmente dos agricultores, diminuía a porcentagem de arrecadação dos produtos possibilitando um “livre” comércio com a fiscalização do governo, que tinha a posse financeira.

⁷⁹ KOVTUN, Olena. (Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do *holodomor* de 1932-1933. **Revista Angolana de Sociologia**, Mangualde, Portugal, v. 13, p. 129-142, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.1010>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1010>. Acesso em: 30 abr. 2018, p. 132.

⁸⁰ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 449.

⁸¹ *Ibid.* p. 449.

⁸² Cf. *Ibid.* p. 449-451.

⁸³ *Ibid.* p. 451-452.

Diante dos objetivos de crescimento do regime russo, os povos e nações vizinhas foram tomados, formando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Torna-se importante mencionar nesse ponto a reflexão de Arendt⁸⁴, ao falar sobre o imperialismo continental e as ideologias que se instalaram nos movimentos políticos: os pangermanistas e pan-eslavistas. Já que não tinham colônias como outros povos, acreditavam possuir também o direito de estender seus territórios, “vivendo em ‘Estados continentais’ e sendo povos continentais, tinham de procurar colônias no continente e expandir-se de modo geograficamente contínuo a partir de um determinado centro de poder”⁸⁵. Assim, no imperialismo continental a conquista se dá pela unificação dos habitantes com mesmos traços étnicos e com a ideologia racial. Se de fato, a expansão territorial e unificação étnica foram objetivos fortes ao governo na URSS, o povo ucraniano foi, portanto, um dos primeiros a ser conquistado pelos soviéticos.

3.1.1 Impasses no território ucraniano

A Ucrânia⁸⁶ está situada no centro-leste europeu. Possui muitos recursos naturais (carvão mineral, ferro, mercúrio, dentre outros), solo fértil (solo negro) para produção agrícola, tendo com uma grande produção de trigo é considerada por muitos como o “Celeiro da Europa”. A sua posição geográfica também favorece as rotas marítimas, por estar situada perto do Mar Negro⁸⁷. Foi por muitos anos um dos países integrantes da antiga União Soviética, tendo sua independência proclamada em 24 de agosto de 1991. O seu povo é formado por antigos povos eslavos marcados desde a sua origem por muitas lutas e sofrimentos, na busca de liberdade, defesa de sua identidade e cultura.

⁸⁴ Cf. ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 314-317.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 314-315.

⁸⁶ Cf. SZEWCIW, I. **O milênio do cristianismo na Ucrânia**. Trad. Soter Schiller. Curitiba: Vicentina, [1987], p. 29. As origens da Ucrânia, bem como sua cultura são muitas vezes confundidas ou atribuídas como sendo da Rússia, no comum considera-se como sua extensão. No passado a Ucrânia era conhecida como Rus’ de Kyiv e, a Rússia era conhecida como Moscóvia. O czar moscovita Pedro I dá um novo nome a seu Império: “Rússia” querendo referir-se ao imenso território, e a Rus’ de Kyiv (Ucrânia) passando ser considerada como “Pequena Rússia”, originando a confusão.

⁸⁷ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 66.

As relações entre a Ucrânia e a Rússia, como tem demonstrado a história e a contemporaneidade, estão marcadas com muitos conflitos em diversos momentos, são elas questões políticas, econômicas, sociais, culturais ou religiosas. Em determinados períodos, os territórios da Ucrânia foram anexados à Rússia, conforme o contexto, e com a criação das Repúblicas Soviéticas, passa a ser novamente incorporada e subordinada pelas pretensões do regime. Prado⁸⁸ ressalta ainda:

Outra característica da Ucrânia era de manter um histórico de resistência em relação às imposições feitas por outras nações, as quais, aproveitando-se das suas longas planícies nas fronteiras pouco protegidas, a invadiam na busca do domínio territorial. Isso acabou por constituir um sentimento aguerrido de luta que veio a caracterizar o camponês ucraniano também na figura do Cossaco, como um povo marcado pela destreza e coragem em tempos conflituosos. Soma-se a tudo isso, também, uma relação tensa e belicosa entre a Rússia e a Ucrânia, não apenas durante a Revolução Russa, mas por todo o transcorrer do século XX, estendendo-se ao século XXI.

Na Ucrânia havia e há uma grande quantidade de produção agrícola. Os seus produtores, os camponeses são, portanto, uma classe significativa no sistema social. Quando novamente sua nação e cultura se tornaram ameaçadas, a resistência surge, por serem a maioria, da classe camponesa. Defenderam-se como podiam frente os ideais comunistas. Ainda mais, como assinala Vezneyan⁸⁹ o povo ucraniano vinha buscando a liberdade através de movimentos de independência e vê na queda do czarismo uma oportunidade, chegando até proclamar uma Ucrânia livre. Porém, os mesmos territórios pertencentes aos *czares* foram reclamados por Lênin para o progresso de seus ideais, e Stalin reafirmou com mais poder essas ambições em solo ucraniano.

Já Kovtun⁹⁰ assinala a distinção dos movimentos social e político do intelectual, na Rússia e na Ucrânia. Ambos possuíam um importante desenvolvimento intelectual ligado ao ideal democrático liberal, ao serem

⁸⁸ PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 66-67.

⁸⁹ Cf. VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX:** uma leitura sistêmica de causas e consequências. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017, f. 143.

⁹⁰ Cf. KOVTUN, Olena. (Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do *holodomor* de 1932-1933. **Revista Angolana de Sociologia**, Mangualde, Portugal, v. 13, p. 129-142, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.1010>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1010>. Acesso em: 30 abr. 2018, p. 132-133.

acrescentados na Ucrânia, encontram um caminho compatível com o nacionalismo. O movimento não atinge a maioria, tornou-se isolado, concentrou-se em trabalhar sobre a opressão política e cultural de Moscou, possibilitando assim, ideias revolucionárias de militantes dos povos vizinhos. Diferentemente acontecia na Rússia, pois, os bolcheviques eram apoiados pelas pessoas da cidade, trabalhadores industriais e pelos intelectuais. Os agricultores ucranianos tinham força por serem a maioria do povo e trazerem uma longa tradição, estabeleceram um sentido de nacionalismo rural frente à repressão dos latifundiários, dos russos e dos mercadores. Consequentemente, “apenas o campesinato ucraniano se mostrava capaz e resistente na luta contra opressores, embora de uma forma ainda muito rudimentar e com deficiências na esfera da ação educativa, como achou Lênin”⁹¹. O campo se distanciou ainda mais da cidade e recebeu os bolcheviques com maior estranheza.

Uma das medidas tomadas ainda por Lênin foi transferir as propriedades rurais da classe burguesa para o Estado e outras para a comunidade agrícola, passando a serem cultivadas de modo coletivo, como uma organização. Mesmo com essa medida governamental, a agricultura se manteve baseada em um modo particular do trabalho agrícola, em família; e os indivíduos que antes eram considerados pobres passam a ser agricultores médios, tendo aprovação do campesinato. Mas, o impasse com o governo surge com a coletivização das propriedades. Os lavradores, agora classe média, teriam de ceder o que possuíam para instituições coletivas, e em teoria, trabalhariam de modo agrupado produziriam para o governo. Na prática, não ocorreu assim, os agricultores se recusaram a ceder a esse modo de trabalho passando a serem vistos como adeptos de uma espécie de ideologia do campesinato⁹². Precisava-se da força do campesinato, porém, percebeu-se que as medidas que seriam inseridas, necessitavam ser mais lentas, por causa da resistência desses trabalhadores e de já ocorrerem muitos mortos como consequência dessa coletivização forçada, caracterizado em um primeiro período de fome.

⁹¹ KOVTUN, Olena. (Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do *holodomor* de 1932-1933. **Revista Angolana de Sociologia**, Mangualde, Portugal, v. 13, p. 129-142, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.1010>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1010>. Acesso em: 30 abr. 2018, p. 133.

⁹² Cf. *Ibid*, p. 133-135.

No meio rural⁹³, as repressões aumentaram sob o comando de Stalin, ainda mais com o Plano Quinquenal. Conforme relata Prado⁹⁴, este plano tinha a pretensão de fortalecer a economia para a consolidação do socialismo e o avanço industrial da União Soviética. Estipulou-se, para o período de cinco anos, cotas de recolhimento da produção nos diversos setores. Contudo, a parte rural foi a mais atingida, ao se tornar com o passar do tempo, cada vez mais altas as taxas tributárias.

3.2 VIOLÊNCIA AO CAMPESINATO E A DENOMINAÇÃO DE *KULAKS*

Colocando em andamento os planos para atingir as metas estabelecidas e encontrando uma resistência dos agricultores, todos os bens das famílias camponesas foram tomados: os equipamentos de cultivo, as propriedades de plantio e rebanhos. Logo, em seguida, as suas terras passam a ser do Estado, dando início a coletivização⁹⁵. As pessoas são obrigadas, além disso, a trabalhar em fazendas coletivas supervisionadas pelo governo, em que foram submetidas a mão de obra forçada. Aconteceu que pessoas alheias a realidade rural e adeptas das ideias

⁹³ Cf. WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. *et. al.* **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão.** Colaboração de Rémi Kauffer et. al. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 194. “Quanto mais fértil era a região, mais elevada era a sua cota. Em 1930, o Estado coletou 30% da produção agrícola na Ucrânia, 38% nas ricas planícies em Kuban, no Cáucaso do Norte, e 33% da colheita no Cazaquistão. Em 1931, para uma colheita bem inferior, essas percentagens atingiram, respectivamente, 41,5%, 47% e 39,5%. Uma tal antecipação só poderia desorganizar completamente o circuito produtivo. Basta lembrar que sob a NEP os camponeses comercializavam somente de 15% a 20% de sua colheita, reservando 12% a 15% para o plantio, 20% a 30% para o rebanho e o restante para seu próprio consumo. Entre os camponeses, decididos a usar de todas as estratégias para conservarem parte de sua colheita, e as autoridades locais, obrigados a cumprir a todo o custo um plano cada vez mais irreal – em 1932, o plano de coleta era 32% superior ao de 1931”.

⁹⁴ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 50-52.

⁹⁵ STAREPRAVO, Domingos. O que foi o Holodomor? **Revista Contemporantes**, Santo André, 09 nov. 2017. Radar Lepcon. Entrevista concedida à Izabel Liviski. Disponível em: <http://revistacontemporantes.com.br/2017/11/09/2363/>. Acesso em: 12 jul. 2018. A “coletivização planejada e executada pelo regime totalitário, que destruiu e arruinou 4.600.000 (quatro milhões e seiscentos mil propriedades rurais e que impôs prejuízos catastróficos à República Ucraniana, fato este que jamais será reparado pela história e por ninguém. Retirou por este meio de coerção e tortura 6 milhões e várias centenas das terras produtivas dos colonos. Também após a Coletivização uma grande quantidade do gado morreu no inverno por causa do intenso frio nas recém-criadas fazendas coletivas-estatais, criadas pelo regime, as assim denominadas ‘KOLHOSPY’. Elas não foram adaptadas para isso, com instalações de aquecimento artificial, o que não ocorria na casa do colono, porque a vaca tinha um lugar junto da casa, e era aquecida pelo calor do fogo juntamente com seus proprietários. Mas também morreram por falta de alimento”.

comunistas administravam essas unidades de modo cruel⁹⁶. Ainda mais, caso as pessoas, mandadas a algum campo de concentração, mesmo que decidissem voltar atrás, eram declarados inimigos do regime. Vezneyan⁹⁷ esclarece, os:

Gulags foram campos de concentração espalhados por toda a União soviética. [...] a palavra Gulag é um acrônimo de *Glavnoe Upravlenie Lagerei*, ou Administração do Campo principal. Com o tempo, o termo não passou a significar apenas a Administração do Campo de Concentração, mas o sistema soviético de trabalho escravo propriamente dito, em todas as suas formas e variações: campos de trabalho forçado, campos de punição, campos de emprisionamento político e criminal, campos de mulheres, campos de crianças, campos de transições. De forma ainda mais ampla, o termo Gulag passou a representar o sistema de repressão soviética: as prisões, os interrogatórios, os transportes em vagões animais e não aquecidos, os trabalhos forçados, a destruição das famílias, os anos de exílio, os extermínios.

Estes agricultores forçados a coletivização e por vezes enviados aos campos de concentração (os Gulags), são denominados pejorativamente de *kulaks*⁹⁸, um rótulo político aos camponeses. Em um primeiro momento são compreendidos por agricultores, tidos como fazendeiros com significativa soma de terras ou que tinham trabalhadores remunerados. Uma propaganda do governo os acusava de “exploradores e parasitas”⁹⁹. Porém, a palavra passou a absorver mais designações:

Na prática, a própria segregação e identidade dos kulaks, era relativa, posto que eram assim rotulados muito mais por aspectos políticos do que étnicos, sociais ou econômicos. A arbitrariedade do termo referia-se a qualquer camponês que oferecesse, ou pretendesse oferecer resistência à coletivização. [...] “Kulak era aquele que assim fosse declarado pelas autoridades”. Declarados inimigos do povo, os kulaks foram privados de moradia ou qualquer posse, sendo que tudo lhes fora tirado, até mesmo seus utensílios domésticos e de cozinha. Decretou-se que era formalmente

⁹⁶ Cf. VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX**: uma leitura sistêmica de causas e consequências. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017, f.144.

⁹⁷ *Ibid.* f. 145.

⁹⁸ Cf. RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor**: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 54 [nota de rodapé]. A palavra *kulák* significa punho. “Assim eram referidos pelos russos os camponeses tidos como ‘ricos’”. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933)**: Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 50. Eles eram “pequenos proprietários de terras (a partir de seis acres), que além do próprio trabalho empregavam outros camponeses em suas fazendas, configurando trabalho assalariado no campo, eram considerados, pela política stalinista, uma afronta ao regime vigente, sempre na iminência de medidas extremas em forma de repressão e perseguição”.

⁹⁹ VEZNEYAN, *op. cit.*, f. 145.

proibido, por lei, ajudar qualquer família kulak desprovida, ou em necessidade¹⁰⁰.

Outra indicação é de Werth¹⁰¹, que destaca a decisão do Politburo e aponta três condições de *kulaks*: a primeira, aqueles sujeitos que exercem atividades contrárias à revolução; a segunda não tão ativa, indivíduos vistos como ajudantes da contra- revolução; e a terceira, pessoas leais ao regime, seriam instalados em terras que precisavam de aperfeiçoamento. Desse modo, ao classificar os *kulaks*, colocava-se em andamento o projeto político que oprimia os camponeses e suas famílias rotulados como opositores do regime, a chamada *deskulakização*. Não tendo pessoas pertencentes ao partido dentro de muitas colônias, jovens comunistas eram colocados para categorizar as pessoas, porém, sem definições precisas. A abertura a vários tipos de abuso aconteceu¹⁰², até mesmo acertos de contas por motivos pessoais. Qualquer pessoa poderia ser nomeada como *kulak*, por motivos imagináveis, como ir à igreja, comer um porco ou acusado de qualquer coisa para preencher porcentagem estimada dos *deskulakizados*. Várias pessoas foram retiradas de suas casas, famílias separadas e deportados para a Sibéria, e outros mortos por fuzilamento. Foram muitos os casos de pessoas que buscaram refugiar-se nas florestas. Eles preferiam até deixar suas colheitas estragarem nos celeiros do que entregar para as autoridades.

¹⁰⁰ VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causas e consequências**. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017, f. 145-146.

¹⁰¹ Cf. WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. *et. al.* **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Colaboração de Rémi Kauffer *et. al.* Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 179-180.

¹⁰² Cf. *Ibid.*, p. 180. “Na ausência de sinais exteriores de riqueza, as comissões deviam recorrer às listas fiscais conservadas pelo soviete rural, frequentemente antigas e incompletas, às informações da GPU e às denúncias dos vizinhos atraídos pela possibilidade de pilhar bens alheios. Com efeito, ao invés de proceder a um inventário preciso e detalhado dos bens e de transferi-los ao fundo inalienável do kolkhoz, segundo as instruções oficiais, as brigadas de *deskulakização* agiam segundo a palavra de ordem ‘Comamos e bebamos, tudo é nosso’. Como observava um relatório da GPU, vindo da província de Smolensk, ‘os *deskulakizadores* retiravam as roupas de inverno e as roupas de baixo para o frio dos camponeses abastados, apoderando-se em primeiro lugar dos sapatos. Eles deixavam os kulaks de ceroulas e lhes pegavam tudo incluindo os velhos sapatos de borracha, as roupas das mulheres, o chá de 50 copeques, seus atiçadores de fogo, seus cântaros.... As brigadas confiscavam até mesmo os pequenos travesseiros que eram colocados sobre as cabeças das crianças, assim como a kacha que cozinhava no forno e que eles espalhavam sobre as imagens sagradas, após tê-las quebrado. As propriedades dos camponeses *deskulakizados* foram com frequência simplesmente saqueadas ou vendidas por preços derrisórios”.

Ainda Prado¹⁰³ relata que eram agricultores, pequenos produtores com “áreas entre três e seis acres”, geralmente famílias que plantavam o necessário para sua sobrevivência. A coletivização trouxe “a junção de milhares dessas pequenas propriedades em forma de Kolkhozes”¹⁰⁴, formando uma espécie de sociedade para produção rural, com materiais de produção fornecidos pelo Estado.

De acordo com Vezneyan¹⁰⁵, ocorreu em 1932 um significativo acréscimo na proporção de alimentos exportados pelo governo da União Soviética “em agosto, outubro e, novamente em janeiro de 1933, até que não houvesse, literalmente, qualquer alimento ao povo ucraniano”. O período de agosto a outubro antecede o rigoroso inverno na Ucrânia, e janeiro pode ser considerado seu auge. Nessa constatação, percebe-se, como o povo não tinha possibilidade de conseguir nem ao menos alimentos próprios da natureza para se saciar. Conforme destaca Werth¹⁰⁶, no ano de 1932 a arrecadação dos grãos teve um início demorado: “desde que começou a nova ceifa, os kolkhozianos se esforçavam para esconder, ou ainda para roubar, durante a noite, uma parte da colheita. Constituiu-se um verdadeiro fronte de resistência passiva”. Os responsáveis em coletar a produção encobriam esses pequenos desvios de alimentos, conforme um acordo não expressado, o que obrigou os dirigentes a mandar outras “tropas de choque” para as cidades.

Mesmo com as várias repressões, as arrecadações não apareciam, mas a aplicação dos planos precisava continuar e tudo teve que ser entregue ao Estado. Então, a fome como causa começou. Prado¹⁰⁷ expõe que eram recolhidos 85% da produção agrícola do povo ucraniano em 1932 por ordem do governo, deixando o povo mais empobrecido e sem ter com o que viver. O povo, sem dinheiro e sem alimento, foi obrigado a emigrar, “milhões de camponeses das regiões agrícolas

¹⁰³ PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 70.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 70. Em ucraniano se refere como *kolkosp* [колгосп] que significa fazendas coletivas-estatais, geralmente os pesquisadores utilizam as palavras russas *kolkhoz* e *sovkhoz*, para fazenda coletiva e fazenda estatal. Elas diferem no tamanho e objetivo.

¹⁰⁵ VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX:** uma leitura sistêmica de causas e consequências. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017, f. 147.

¹⁰⁶ WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. et. al. **O livro negro do comunismo:** crimes, terror e repressão. Colaboração de Rémi Kauffer et. al. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.194-195.

¹⁰⁷ Cf. PRADO, *op. cit.*, p. 70.

mais ricas da União Soviética foram entregues à fome e não tiveram outra saída a não ser partir para as cidades”¹⁰⁸.

A emigração rural, porém, foi impedida por uma medida em 27 de novembro de 1932 que exigia obrigatoriamente autorização por documento e cadastro dos cidadãos para “impedir o êxodo rural, ‘liquidar o parasitismo social’ e ‘combater a infiltração dos elementos kulaks nas cidades’”¹⁰⁹. As pessoas foram impedidas, assim, de procurar algo para sobreviver, se encontrando condenadas à fome, principalmente crianças e idosos vieram a morrer. Qualquer tipo de ajuda foi proibido, já que as fronteiras foram fechadas e fiscalizadas.

Figura 1 – Camponeses deixando a sua aldeia em busca de comida



Fonte: Foto da coleção do cardeal Theodor Innitzer (Arquivos da Arquidiocese de Viena. Disponível em: <http://gis.huri.harvard.edu/historical-atlas/the-great-famine/famine-galleries/archive-photos/famine/famine-photo-3.html#joomimg>).

Outro agravante para a situação da fome, foi a epidemia de tifo em 1933, que juntamente com a inanição levou milhares à morte, restando poucos sobreviventes. Isso levou as pessoas a casos extremos, diante do terror instalado. Há menções da ocorrência casos de canibalismo apontados até nos relatórios da Polícia Secreta Comunista (GPU) e de representantes italianos, ou de situações relatadas como o que ocorreu em Kharkiv [Харків]:

¹⁰⁸ WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. et. al. **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Colaboração de Rémi Kauffer et. al. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 198.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 198.

Todas as noites em Kharkiv são amontoados cerca de 250 cadáveres de pessoas mortas de fome ou de tifo. Verificou-se que uma grande quantidade deles já não tinha mais o fígado: este parecia ter sido retirado através de uma grande incisão. A polícia acabou por deter alguns dos misteriosos “amputadores”, os quais confessaram que com aquela carne eles *confeccionaram* o recheio dos *pirosjki* (pastéis com recheio de legumes, de carne, de arroz, etc.) que seguidamente vendiam, de manhã, no mercado¹¹⁰.

Figura 2 – Vítimas em Kharkiv, 1933



Fonte: Foto da coleção do cardeal Theodor Innitzer (Arquivos da Arquidiocese de Viena). Disponível em: <http://gis.huri.harvard.edu/historical-atlas/the-great-famine/famine-galleries/archive-photos/famine/famine-photo-6.html#joomimg>.

Torna-se importante destacar o aumento do preço dos alimentos nesse período, como o do pão que obteve uma supervalorização. De acordo com o Instituto Ucrainiano da Memória Nacional “1 quilo de pão custava 2 gramas de ouro ou 130 gramas de prata¹¹¹”.

Além dos agricultores, os integrantes do Partido Comunista foram atingidos pelo terror da fome. Diante da situação ocasionada pelas altas cotas de produção, os membros do partido solicitaram a redução das coletas de grãos e ajuda do governo. Porém, “Stalin respondeu denunciando-os como traidores, enviando 100

¹¹⁰ GRAZIOSI, 1989:79 *apud* RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 74. *Grifos do autor*.

¹¹¹ UKRAYINS'KYY INSTYTUT NATSIONAL'NOYI PAM'YATI. **Holodomor 1932-1933 rokiv-Henotsyd Ukrayins'koho narodu**. Kyiv, Vydavnytstvo imeni Oleny Telihy, 2008. [УКРАЇНСЬКИЙ ІНСТИТУТ НАЦІОНАЛЬНОЇ ПАМ'ЯТІ. **Голодомор 1932-1933 років-Геноцид Українського народу**. Київ, Видавництво імені Олени Теліги, 2008], p. 27. *Tradução nossa*.

mil soldados russos a fim de extinguir o Partido Comunista Ucrâniano”¹¹². Todos os víveres foram retirados do povo, com vistorias em todas as casas. Uma vez que, o alimento também era considerado propriedade do Estado. Ainda mais, “na União Soviética, uma pessoa poderia ser presa exclusivamente por utilizar a palavra ‘fome’ em uma sentença”¹¹³.

Tal situação era de conhecimento de Stalin, na medida em que eram enviados relatórios explicando em detalhes os métodos utilizados para imprimir no senso coletivo, o domínio do regime e a situação que o povo se encontrava. Tudo em decorrência dos seus planos. Em uma das suas respostas, Stalin argumenta que os camponeses estavam recebendo penalidade por fazer “greve e sabotagem”, querendo combater o regime¹¹⁴. Deste modo, muitos cidadãos da URSS foram privados do alimento necessário para sua sobrevivência, em grande parte os ucranianos.

3.3 A GRANDE FOME NA UCRÂNIA

A Ucrânia tem uma extensa história de lutas, guerras e sofrimento pela preservação de sua terra e manutenção de sua identidade, tendo em muitos períodos suas terras anexadas a países vizinhos. Os desentendimentos com a Rússia remontam séculos, e os ucranianos tornaram-se alvo – na primeira metade do século XX – do projeto comunista.

O regime soviético foi iniciado pelos bolcheviques¹¹⁵ na Rússia, sob a liderança de Lênin, expandindo-se para o povo vizinho, a Ucrânia. Obteve-se êxito com ajuda de cidadãos ucranianos organizados que tinham o mesmo ideal comunista, ao possibilitar uma esperança de libertar-se do poder czarista dominante na época, e da ameaça do capitalismo, mas também se utilizando de forças

¹¹² VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causas e consequências**. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017, f. 147.

¹¹³ *Ibid.* f. 148.

¹¹⁴ Cf. WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. *et. al.* **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Colaboração de Rémi Kauffer et. al. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 200.

¹¹⁵ Conhecidos como Exército Vermelho, são integrantes do Partido Comunista Russo; antes era o Partido Social Democrático Trabalhista Russo. Bolchevique torna-se uma variação própria da palavra russa para maioria.

armadas. Após tomar o domínio político e econômico, os líderes bolcheviques tornaram proibido algumas atividades do comércio. Indústrias e administrações, foram então nacionalizadas e o povo passou para a servidão do Estado. Com a visão de progresso na indústria e agricultura, foram impostas altas taxas de produção, principalmente aos camponeses¹¹⁶.

Em 1930, começou a desmoralização aos que eram tidos como possíveis líderes (acadêmicos, professores e líderes religiosos), liquidação da Igreja Ortodoxa Ucraniana e mais tarde uma ferrenha perseguição aos membros da Igreja Greco-Católica Ucraniana¹¹⁷. Conduzidos injustamente aos tribunais, julgados de modo iníquo e condenados a trabalhar em campos de concentração, muitas pessoas acabaram exiladas na Sibéria. Cieszyńska e Franco¹¹⁸, sobre essa situação, ressaltam que: “as elites políticas e intelectuais foram silenciadas pela prisão, pelo exílio e pela morte”. Sobre a proibição religiosa, os autores referem-se somente a fé ortodoxa, talvez por ser a maioria, mas não deixa de relatar que a fé e toda sua simbologia foram perseguidas, principalmente com saques às igrejas. Foram proibidas quaisquer formas de expressão ligadas à igreja ou a Deus. Caso fossem realizadas, acabavam em prisões, exílio ou morte. A ofensiva aos líderes e símbolos religiosos, a investida sobre práticas religiosas e a eliminação dos elementos culturais próprios dos ucranianos, mostra a força dos bolcheviques na implementação de seus ideais e ao mesmo tempo o possível fator de resistência¹¹⁹ do povo ao novo regime. Pode-se dizer que a resistência foi ocasionada:

¹¹⁶ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 67; Cf. HANEIKO, Pe. Valdomiro. **Cinquentenário da Fome – Genocídio na Ucrânia 1933-1983**. Curitiba: Kindra, 1983. p. [2-4].

¹¹⁷ Cf. MATTEI, Giampaolo. **Ucrânia, terra de mártires:** o heroico testemunho dos beatos proclamados por João Paulo II em Lviv, durante sua histórica peregrinação. Trad. Daniel Kozlinski. Prudentópolis: GP - Gráfica Prudentópolis, 2009, p. 54. O regime soviético empenhou-se em perseguir as religiões, e a Igreja Greco-Católica Ucraniana, através de uma campanha ateísta, esforçando-se também para romper a união da Igreja Greco-Católica Ucraniana com Roma.

¹¹⁸ CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 18.

¹¹⁹ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 423-424. “[...] O esforço de coletivização e eliminação dos *kulaks*, de 1928 em diante, na verdade interrompeu a NEP, a Nova Política Econômica de Lênin, e com ela a embrionária reconciliação entre o povo e o seu governo. Sabemos também como era feroz a oposição solidária de toda a classe camponesa, que achava ‘melhor não ter nascido do que aderir os *kolkhoz*’, e condenava essas medidas recusando-se a ser classificada em camponeses ricos, médios e pobres, para ser a seguir recrutada para a luta contra os *kulaks*, [...] a situação não era muito melhor nas cidades onde os trabalhadores se recusavam a cooperar com os sindicatos

Em consequência de vários *factores* – recusa em aderir aos *kolkhozes* e aos *sovkhozes*; oposição à política anti-religiosa das autoridades (encerramento das igrejas, confiscação dos sinos, vandalismo anti-religioso dos *activistas* das Juventudes Comunistas, o Komsomol); solidariedade com os *kulaks* e outros «elementos anti-soviéticos» vítimas de repressão; resistência à confiscação de uma crescente percentagem da produção agro-pecuária, através de «desvios» e roubos da colheita «*colectiva*», numa conjuntura económica cada vez mais degradada – a resposta camponesa assume expressões de desespero e violência em numerosas manifestações, revoltas e distúrbios por todo o país¹²⁰.

Os agricultores, desde o início da coletivização¹²¹, opuseram-se aos planos do governo, fazendo com que este tomasse medidas mais violentas, privando-os da propriedade individual. “Os camponeses, que no início se recusavam a entregar suas terras ou nelas trabalhar para o Estado, foram enviados para os campos de trabalhos forçados, os gulag’s, nos remotos territórios da Sibéria”¹²². As metas de arrecadação forçavam a submissão do povo ucraniano e os educava ao novo governo.

Com metas que ultrapassavam os antigos padrões, as famílias, que eram em sua maioria da área rural, foram obrigadas a entregar as colheitas de grãos nos anos de 1932 e 1933. Eram “os que dependiam da agricultura para sobreviver, ou seja, 90% da população, [...] afetada pela fome”¹²³.

A arrecadação dos grãos na Ucrânia com números baixos e lentos não agradavam a Stalin, que acreditava ser falta de firmeza dos encarregados, afirmava

controlados pelo partido, chamando a regência de ‘diabos bem alimentados’, ‘espiões hipócritas’, entre outros epítetos.

¹²⁰ RIBEIRO, Luis de Matos. *Holodomor: O Império da Fome*. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 57. *Grifos do autor*.

¹²¹ Cf. SANTOS, António Ramos dos. A trajetória econômica da URSS e a *Grande Fome* na Ucrânia. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 33. “A industrialização soviética teve lugar na Ucrânia a partir dos finais dos anos 1920, e levou a produção industrial do país a quadruplicar nos anos 1930. Todo o processo impôs um elevado custo ao campesinato, fulcral de um ponto de vista demográfico ao país. Para atender à necessidade de maiores suprimentos de alimentos e para financiar a industrialização, *Estaline* estabeleceu um programa de *colectivização* da agricultura através do qual o Estado combinava as terras e rebanhos dos camponeses em fazendas *colectivas*. O processo era garantido pela *actuação* dos militares e da polícia secreta, e a resistência conduzia a prisão e a deportação. Os camponeses viam-se obrigados a lidar com os devastadores efeitos da *colectivização* da produção agrícola e com as exigências de amplas quotas de produção. Tendo em vista que os integrantes das fazendas *colectivas* não estavam autorizados a receber cereais até completarem as suas quotas de produção, as quais eram completamente impossíveis, o que se sucedeu, como consequência, foi o princípio de uma fome generalizada”.

¹²² PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 68-69.

¹²³ *Ibid.*, p. 71.

ser boicote e terrorismo por parte dos agricultores aos seus planos. Como forma de conter os boicotes dos agricultores, cria-se em agosto de 1932 a “Lei das Cinco Espigas” que consistia em punir os camponeses revoltosos, ou seja, aqueles que furtassem do Estado ou se recusassem a obedecer às metas de arrecadação poderiam ser levados a realizar trabalhos forçados. Tudo passa a ser vistoriado “sondam-se as paredes, o chão da casa ou o poço, à procura de qualquer vestígio de alimentos”¹²⁴.

Os alimentos foram todos confiscados, deixando a população tomada pela fome. As pessoas acabaram num nível deplorável chegando a casos extremos. Por conseguinte:

Comentava-se o horrível canibalismo, como a venda de carne humana. Havia numerosos casos de as mães sacrificarem seus próprios filhos para matar a fome. Havia tantos cadáveres que as autoridades se sentiam impotentes para retirar da vista pública, cadáveres que se encontravam nas estradas, nas ruas e nas aldeias¹²⁵.

Essa situação levou a um clima de morte e todo tipo de barbárie surgiu na sociedade ucraniana: a violência cresceu, aumentaram os roubos, as crianças foram deixadas a mercê de sua própria sorte, ocorreram suicídios, assassinatos e uma espécie de comércio canibal. Os relatórios das autoridades mencionam situações onde as pessoas tiravam os órgãos de seus familiares para comerem, por causa da extrema fome¹²⁶, a insanidade tomou conta das pessoas. A fome alcançou toda o território ucraniano, resultado da política do regime soviético e, mesmo assim, as taxas de arrecadação não eram aliviadas¹²⁷.

Os pesquisadores¹²⁸ estimam, de cinco a onze milhões de pessoas que morreram no espaço de tempo, entre 1932 e 1933, diretamente pela fome ou por

¹²⁴ RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 60-61.

¹²⁵ HANEIKO, Pe. Valdomiro. **Cinquentenário da Fome – Genocídio na Ucrânia 1933-1983**. Curitiba: Kindra, 1983, [p.11].

¹²⁶ Cf. RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 72-74.

¹²⁷ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 75.

¹²⁸ Cf. CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015, p. 295; GASPARD, Carlos. *A Grande Fome na Ucrânia (1932-1933)*. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**.

causas associadas a ela, e ressaltam ainda que os números podem ser maiores. Tamanini¹²⁹, cita que o historiador Timothy Snyder supõe a ocorrência de 14 milhões de mortes na Ucrânia em torno do Holodomor. O número de vítimas exatas se torna impossível por causa da distância do tempo e a ocultação nos relatórios do governo soviético, mas pelas pesquisas sobre o Holodomor se sabe que foram milhões os mortos.

Os mapas a seguir demonstram uma estimativa acerca das mortes ocasionadas pela fome. Na figura 3, encontra-se no Mapa Digital Atlas da grande fome na Ucrânia, do Instituto de Pesquisa da Ucrânia da Universidade de Harvard (2018). Conforme a descreve a introdução geral no website, permite-se visualizar no Mapa a dimensão estimada das mortes do Holodomor por região nos anos de 1932-1934. O Mapa deriva do projeto "Estimativa de perdas regionais da fome na Ucrânia de 1932-1934"¹³⁰ conduzido por Oleh Wolowyna, Omelian Rudnytskyi, Nataliia Levchuk Pavlo Shevchuk e Alla Kovbasiuk. As cores e sua tonalidade em torno de cada região representam o número de mortes, já as barras retratam o excesso de milhares de mortes nessas regiões.

Conforme os dados do Instituto de Pesquisa Ucraniana da Universidade de Harvard, no mapa pode-se observar que as mortes diretas¹³¹ pela fome são destacadas por três diferentes barras em cada região. Conforme os números, as mortes representam aproximadamente em 13 % no ano de 1933, numa população com avaliação de aproximadamente 29,6 milhões nesse mesmo ano, que abrange a população rural e urbana. O mapa ainda revela que as mortes se estenderam ao

Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 41; KOVTUN, Olena. (Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do *holodomor* de 1932-1933. **Revista Angolana de Sociologia**, Mangualde, Portugal, v. 13, p. 129-142, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.1010>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1010>. Acesso em: 30 abr. 2018, p. 138; PRADO, *op. cit.*, p. 61.

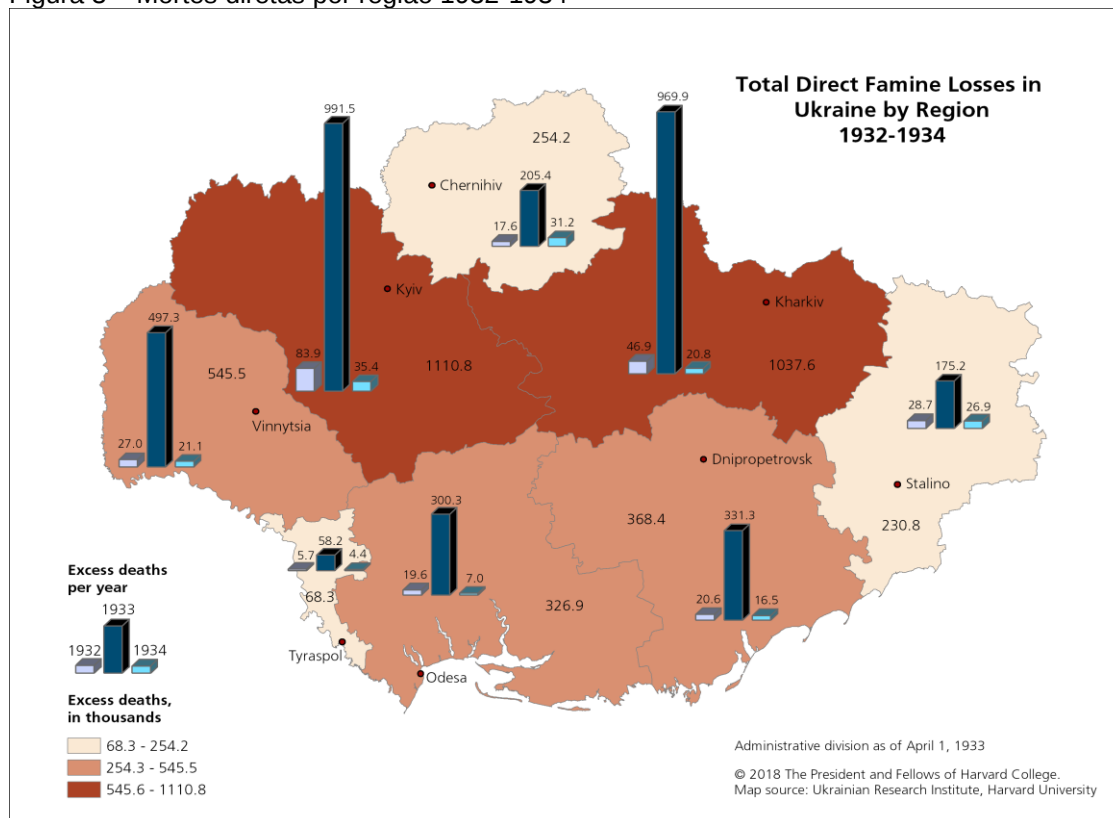
¹²⁹ Cf. TAMANINI, Paulo Augusto. O Holodomor e a memória da Fome dos Ucranianos (1931-1933): O Ressentimentos na História. **Revista do Programa de estudos Pós-graduados de História**, São Paulo, v. 64, p. 154-184, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2019v64p154-184>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/40777>. Acesso em: 16 maio 2019, p. 170.

¹³⁰ Cf. MAPA Digital Atlas of Ukraine. The Great Famine Project. **Ukrainian Research Institute Harvard University** (2018). Disponível em: <http://gis.huri.harvard.edu/historical-atlas/the-great-famine.html>. Acesso em: 03 maio 2019. Tradução nossa.

¹³¹ A descrição do mapa no site indica mortes diretas, sendo em excesso e, mortes indiretas, as pessoas que não nasceram.

ano de 1934. Esses dados são baseados nos relatórios soviéticos e, portanto, os números podem ser bem maiores¹³².

Figura 3 – Mortes diretas por região 1932-1934

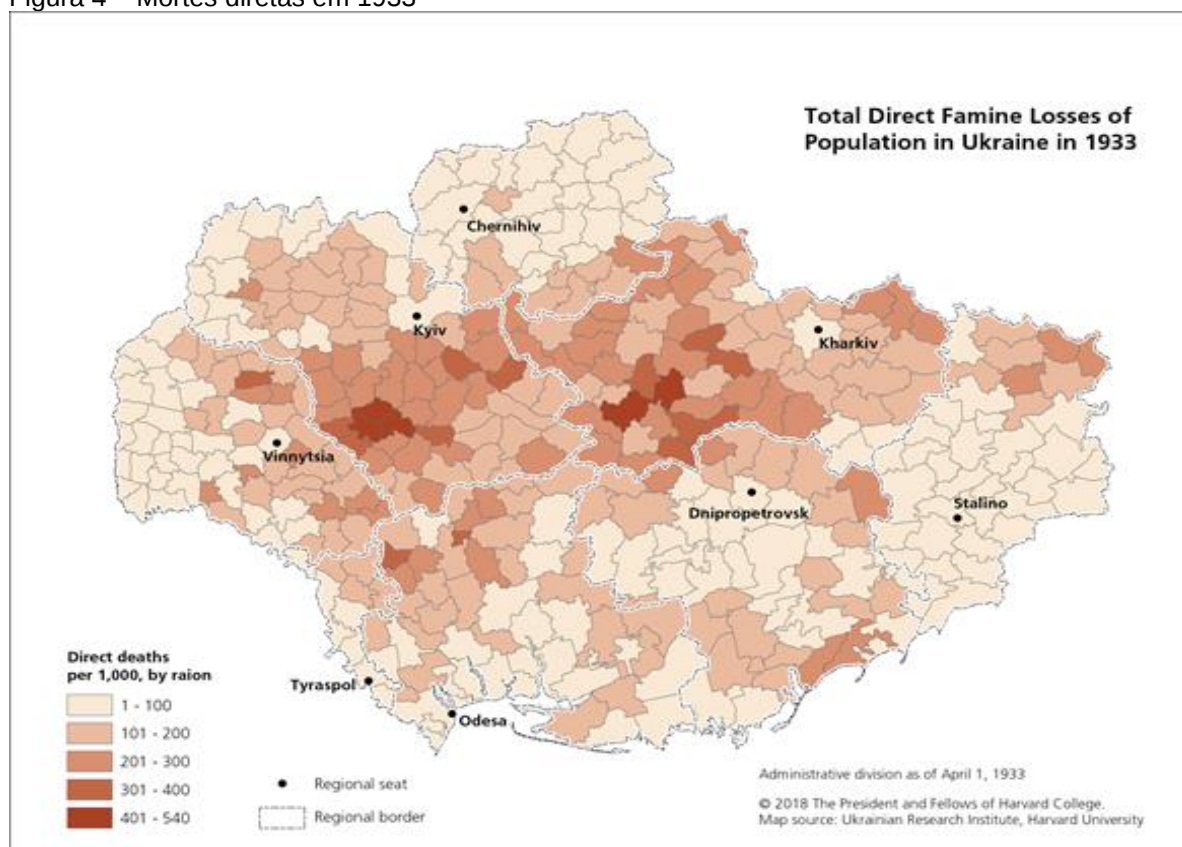


Fonte: Mapa Digital Atlas of Ukraine Great Famine. Disponível em: <http://gis.huri.harvard.edu/historical-atlas/the-great-famine/famine-galleries/famine-map-gallery/demography/population-losses/direct-famine-losses-in-ukraine-by-region-1932-1934.html>. Acesso em: 03 maio 2019.

A figura 4, apresenta outro mapa baseado no mesmo estudo já indicado, especificando o ano de 1933. Aqui se pode observar as mortes pela fome por região (indicado pelo ponto preto) e subdivisão (indicado pela linha pontilhada) da Ucrânia soviética, como na legenda as cores representam 1.000 mortes diretas por regional, conforme a cor tem o número estimado representado. Quanto mais forte a tonalidade, maior o número de mortes indicado. Recordando que esses índices são baseados nos dados fornecidos pelo governo soviético, os quais dão uma noção da quantidade de mortes, mas os estudos têm apontado números mais altos.

¹³² Cf. MAPA Digital Atlas of Ukraine. The Great Famine Project. **Ukrainian Research Institute Harvard University** (2018). Disponível em: <http://gis.huri.harvard.edu/historical-atlas/the-great-famine.html>. Acesso em: 03 maio 2019. Tradução nossa.

Figura 4 – Mortes diretas em 1933



Fonte: Mapa Digital Atlas of Ukraine Great Famine. Disponível em: <http://gis.huri.harvard.edu/historical-atlas/the-great-famine/famine-galleries/famine-map-gallery/demography/population-losses/total-direct-famine-losses-of-population-per-1-000-in-ukraine-for-1933.html>. Acesso em: 03 maio 2019.

As autoridades soviéticas, por sua vez, passaram a negar este acontecimento e justificavam dizendo se tratar de uma revolução entre os próprios camponeses diante da situação de miséria. Quanto aos números de mortes pela fome, o governo soviético justificava como fruto da imaginação dos escritores. Vezneyan¹³³ menciona que o governo apresentava à imprensa internacional fotos mostrando belas imagens das construções na Rússia e na Ucrânia, e aos seus visitantes mostravam uma coletivização bem-sucedida, criando boas impressões, ao promover uma boa imagem. O governo russo nega ainda hoje este acontecimento, alegando falta de documentos. Porém, sabe-se que foram destruídas muitas provas durante o regime

¹³³ Cf. VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causas e consequências**. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017, f. 148-149.

comunista, mas os relatos das testemunhas oculares¹³⁴ e o trabalho dos historiadores têm confirmado esse terrível acontecimento.

Este massacre clama um lugar e justiça na história da humanidade, nas reflexões sobre as relações em sociedade, na política, na ética, enaltecendo o valor da vida humana e a sua dignidade, para todos os países estarem atentos ao respeito no tocante à vida¹³⁵. Há um dever moral, conforme assinala Kul'chyts'kyy¹³⁶, com a memória dos milhares que morreram pela fome, pois morreram “caídos não pela fome, mas pelo terror da fome”.

3.4 QUESTÕES EM TORNO DO HOLODOMOR 1932-1933

O regime soviético visava o crescimento industrial e buscava obter muitos equipamentos tecnológicos, contudo, dependia do mercado capitalista. Então, neste intuito, exportava milhões de sacas trigo tirados da área rural e explorava a mão de obra dos operários em todo seu território.

A figura 5 demonstra o Mapa da Ucrânia e regiões onde o Holodomor ocorreu, as quais estão destacadas pela cor cinza escuro. Permite-se a visualização como os pesquisadores vêm destacando as áreas alcançadas pela fome. As regiões mais atingidas demonstram ser mais de todo território ucraniano e parte significativa de Kuban, em território russo, seja área urbana ou rural. A demarcação em linha preta indica a fronteira atual da Ucrânia e a linha amarela uma fronteira para a etnia ucraniana em 1930. Verifica-se, portanto, que a presença dos ucranianos enquanto etnia ultrapassa as demarcações territoriais atuais.

O mapa indica a presença de ucranianos também em Kuban. Sobre as regiões acometidas pela fome Werth¹³⁷ exemplifica:

¹³⁴ Cf. CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 19.

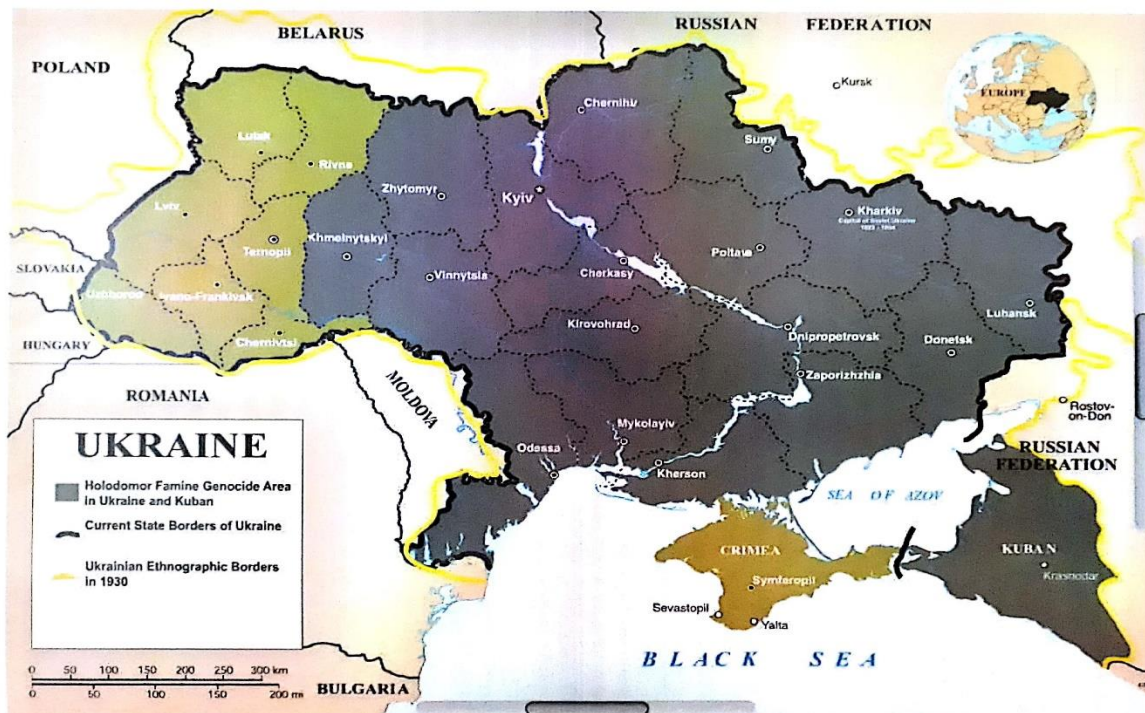
¹³⁵ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II no 70º Aniversário do Holodomor**. Mensagens Pontifícias. Vaticano, 2003. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/johnpauli/pt/messages/pont_messages/2003/documents/hfjpii_mes_20_031123_holodomor-ucraina.html. Acesso em: 30 de abr. de 2018. n. 1-2.

¹³⁶ KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. **Holod 1932-1933 rr.** V Ukrayini yak Henotsyd. Movoyu dokumentiv, ochyma svidkiv. Kyiv: Nash chas, 2008. [КУЛЬЧИЦЬКИЙ, Станіслав. **Голод 1932-1933 рр.** В Україні як Геноцид. Мовою документів, очима свідків. Київ: Наш час, 2008], p. 10. *Tradução nossa*.

¹³⁷ WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. *et. al.* **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**.

Geograficamente, “a zona de fome” cobria a totalidade da Ucrânia, uma parte da zona das terras negras, as ricas planícies do Kuban e do Cáucaso do Norte, e uma parte do Cazaquistão. Cerca de 40 milhões de pessoas foram atingidas pela fome e pela miséria. Nas regiões mais afetadas, como nas zonas rurais de Kharkov, a mortalidade de janeiro a junho de 1933 foi multiplicada por dez com relação à média: 100.000 mortes em junho de 1933 na região de Kharkov, contra 9.000 em junho de 1932. É preciso levar ainda em consideração que muitos dos decessos não eram nem mesmo registrados. As zonas rurais foram, sem dúvida, mais duramente atingidas do que as cidades, mas estas últimas também não foram poupadas.

Figura 5 – Mapa das áreas do Holodomor na Ucrânia e Kuban



With permission of the League of Ukrainian Canadians and the Ukrainica Research Institute from the exhibit/CD "Holodomor: The Ukrainian Genocide."

Fonte: KURLIOW, Valentina. **Holodomor in Ukraine: the Genocidal Famine, 1932-1933**. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2018, p. 24.

Como mencionado, a Ucrânia não foi o único país ou região que foi atingida pela fome ou pelo terror da fome, que envolve as mortes diretas e indiretas dessa tragédia programada. Alguns estudiosos, como Werth¹³⁸, levantam a questão se o Holodomor deve ser visto como um genocídio ao povo ucraniano ou, como ele cita, um termo de Andrei Sakharov, como uma “ucraniofobia de Stalin”. Igualmente,

Colaboração de Rémi Kauffer et. al. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 200.

¹³⁸ Cf. WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. et. al. **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Colaboração de Rémi Kauffer et. al. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 204.

Prado¹³⁹ menciona que historiadores, como Fraco [sic] (2014), dão conotação étnica ao genocídio, constituindo um de seus motivos. Expõe que outras regiões da Rússia e países sofreram com as mesmas políticas governamentais dos ucranianos, que ocasionou a fome. Ambos reconhecem que para os ucranianos houve mais mortos, mas mesmo assim, talvez não se confirme o fator étnico à tragédia.

Também Ribeiro¹⁴⁰ traz algumas menções sobre essa questão. A posição de Stalin em aplicar a fome ao campesinato como repreensão incorpora outros agravantes: a crise da implementação da NEP; o receio de invasão estrangeira; a morte de sua esposa; os opositores dentro do partido. Com a oposição dos camponeses à coletivização, Stalin sabia da repressão exercida de modo mais violento na Ucrânia e que estava perdendo forças entre os camponeses, eles até chegaram a proclamar: “a Ucrânia ainda não morreu”. A medida de Stalin frente ao campesinato ucraniano tomou, então, caráter de genocídio com a implementação rigorosa da fome ao povo. Difere-se da fome ocorrida em outras regiões, porque associa o forte nacionalismo dos camponeses.

Ribeiro¹⁴¹ destaca que para o regime soviético a utilização da fome era uma resposta à guerra civil que estava ocorrendo pela resistência dos camponeses e garantiria assim, o fortalecimento do regime. O silêncio foi então imposto, as famílias não puderam externar a dor pela perda de seus entes, pois “a fome se converteu em segredo de Estado”¹⁴². Para além da fome, ocorreu a eliminação daqueles que contribuíram para a implementação do regime, políticos e policiais, chamado de Grande Terror, se tornaram também vítimas do regime. Há pesquisadores, que ao examinar o contexto histórico do Holodomor, definem-no como um genocídio diferenciado “por não visar o extermínio total da nação ucraniana, tendo sido motivado e executado com base numa racionalidade política e não em fundamentos

¹³⁹ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 64.

¹⁴⁰ Cf. RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 61-64.

¹⁴¹ Cf. *Ibid.*, p. 85-87.

¹⁴² *Ibid.*, p. 87.

étnicos ou raciais”¹⁴³. Já Raphael Lemkin¹⁴⁴ menciona a questão étnica, coloca o genocídio como etapas de extermínio e o Holodomor como uma dessas etapas.

O texto de Raphael Lemkin¹⁴⁵ traz a questão do genocídio na Ucrânia e trabalha como problemática de fundo a eliminação do povo ucraniano e da sua cultura. Assim, visando o expansionismo da União Soviética, no propósito de unir os povos ao seu redor, objetivou o estabelecimento do homem soviético, através da eliminação de culturas e nações da Europa Oriental. Uma ideologia efetuada sistematicamente e a longo prazo, a russificação da nação ucraniana. Por outro lado, o ucraniano não se identifica com o russo, se vê diferente desde seu idioma, até quanto sua religião, há um senso forte da identidade ucraniana. O que se torna uma ameaça para os objetivos do regime. A estratégia de eliminação, então não se deu por motivos raciais, mas motivada pelo surgimento desse novo homem. Começou-se de início, atacar separadamente os grupos, primeiro as lideranças políticas e intelectuais, para destruir o sentimento nacional. Em seguida, as lideranças religiosas da Igreja Ortodoxa e da Igreja Católica Ucraniana. Como último alvo, os camponeses, com suas famílias sendo separadas, e muitas deportações. Pois, o nacionalismo do povo ucraniano precisava ser eliminado. O governo soviético impôs o confisco da safra no intuito destes camponeses aprenderem a lição, e deixa a fome seguir o seu curso natural. Desse modo, toda população foi afetada. Lemkin afirma: “é um caso de genocídio, de destruição, não apenas de indivíduos, mas de uma cultura e de uma nação”¹⁴⁶.

Conforme expõe Cinnella¹⁴⁷, o que ocorreu na Ucrânia equivale a mortes por conjuntos, comparadas as demais tragédias coletivas, mas têm suas peculiaridades, e isso tem gerado desentendimentos. Ele reconhece igualmente outras regiões da URSS acometidas pela fome nesse período, como os nômades do Cazaquistão, onde milhares de pessoas morreram em decorrência da opressão do regime

¹⁴³ RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 87.

¹⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p. 95. “[...] o inspirador da Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio, *doptada* pelas Nações Unidas em 1948”.

¹⁴⁵ LEMKIN, Raphael. Soviet Genocide in the Ukraine. New York Times, 1953, September, 21st. In: KURYLIW Valentina. **Holodomor in Ukraine: the Genocidal Famine, 1932-1933**. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2018, p. 262-266.

¹⁴⁶ LEMKIN, *op. cit.*, p. 266; *Tradução nossa*.

¹⁴⁷ Cf. CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015, p. 13-15.

comunista. Cinnella defende que seria impróprio se referir a fome na Ucrânia como um Holocausto uma vez que este termo deve ser utilizado somente para o extermínio dos judeus. Os pesquisadores russos reconhecem como um genocídio social do povo ucraniano, mas eles negam que haja alguma particularidade. Então, Cinnella questiona se a fome ao povo ucraniano foi somente por serem camponeses ou haveria outros motivos. Tal problemática não encontra uma resposta satisfatória quando se constata a agressão aos intelectuais da Ucrânia, à medida que o regime fere a memória do povo e ataca também os comunistas locais. O resistir dos camponeses mostrou, de certo modo, a esperança de liberdade do domínio de Moscou. Para Cinnella, todas essas questões são importantes e necessárias.

A consideração do Holodomor como o genocídio de um povo se deve ao empenho iniciado pelos ucranianos na diáspora e aos esforços de intelectuais de outros países em defesa da nação ucraniana. Seguiu-se, logo, uma propaganda das autoridades da URSS colocando a fome na Ucrânia como um mito, um excesso da realidade. Então, em 1990 esse fato é recebido como um genocídio, lembrado oficialmente em 1993, com a Ucrânia já autônoma. Após a independência, passaram-se doze anos, quando uma “resolução ucraniana dirigida à ONU exigiu o registro da Grande Fome como genocídio, a celebração do acontecimento de 1933 tornou-se mais do que nunca *actual* num país preocupado em restabelecer a identidade”¹⁴⁸.

Outra questão em torno do Holodomor, na busca de ser lembrado e assumido internacionalmente, diz respeito ao modo que o tema é visto. A campanha “A Ucrânia lembra, o mundo reconhece” iniciada em 2008 pelo 75º aniversário do Holodomor na Ucrânia, trouxe vários avanços para o conhecimento dessa tragédia e homenagens às vítimas. Porém, de acordo Cieszyńska e Franco¹⁴⁹, por vezes tem despertado certa agressividade. Há atribuições inadequadas sobre o Holodomor no tocante a poder ser entendido como uma atividade anti-russa por causa das posições políticas ucranianas. “Registraram-se casos de atitudes marcadas com alguma agressividade, o que traz o perigo de agravar e *actualizar* o trauma nacional,

¹⁴⁸ BRUNETEAU, Bernard. **O século dos Genocídios**. Violências, Massacres e processos genocidários da Arménia ao Ruanda. Trad. Isabel Andrade. Col. Histórias e Biografias. Lisboa: Instituto Piaget, 2008, p. 122-123.

¹⁴⁹ Cf. CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 21.

em vez de o tornar num verdadeiro *acto* de catarse, e assim, de algum modo ultrapassá-lo...”¹⁵⁰.

Como denomina Prado¹⁵¹, o Holodomor, citando os historiadores Franco, Guérios, Hanicz, foi uma fome ocorrida por uma política de extermínio, com características singulares referentes à sua história, cultura, religiosidade e identidade, e se faz desse modo um fenômeno complexo. A sua história requer mais que um valor e dignidade da cultura ucraniana: apela para o extremo que o ser humano pode chegar, ao visar a instalação e consolidação do seu poder. Embora haja pesquisas, esta fome não se tornou conhecida no Ocidente, por vezes apenas acompanha a história, “como uma consequência terrível da ‘guerra campesina’ de José Estaline”¹⁵².

3.5 HOLODOMOR: REPERCUSSÃO NO BRASIL

Os estudos referentes ao Holodomor necessitam de mais aprofundamento. Os Estados Unidos e o Canadá possuem uma expressão crescente de trabalhos e busca da memória sobre grande fome na Ucrânia 1932-1933. No Brasil, as produções científicas ainda são escassas e a notícia sobre esse massacre é mais difundido pela imprensa jornalística e no âmbito das Igrejas ucranianas.

O jornal brasileiro-ucraniano *Prácia* – produzido para a comunidade ucraniana (imigrantes e descendentes) em Prudentópolis/PR – trouxe informações sobre o que vinha ocorrendo na Ucrânia, conforme pesquisa de Prado (2018). Torna-se importante salientar:

A proposta metodológica para o levantamento das notícias sobre o Holodomor nas páginas do *Prácia* consistia em buscar notícias que continham algumas “expressões – chave” como: Fome na Ucrânia, Morte na Ucrânia e Comunismo, tendo em vista que o levantamento bibliográfico sobre o tema apontava para estas terminologias. O recorte temporal pesquisado no jornal (1932-1934) difere um pouco do recorte temporal de fato em si (1932-1933), devido à dificuldade de se obter informações daquele período, especialmente por parte da imprensa, sobre as vicissitudes da Ucrânia sob o domínio soviético. Muitas vezes as notícias

¹⁵⁰ CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 21.

¹⁵¹ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933): Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia**. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 69.

¹⁵² BRUNETEAU, Bernard. **O século dos Genocídios**. Violências, Massacres e processos genocidários da Arménia ao Ruanda. Trad. Isabel Andrade. Col. Histórias e Biografias. Lisboa: Instituto Piaget, 2008, p. 124.

eram veladas e censuradas, tanto que notícias sobre o Holodomor foram publicadas um ano após o “fim” do genocídio¹⁵³.

Prado¹⁵⁴ constata que através das notícias também vinham pedidos de ajuda para a Ucrânia por causa da fome. As publicações traziam informações sobre o modo de agir do governo soviético, os abusos cometidos, e vinham carregadas de certa vitimização. Os artigos eram produzidos a partir de correspondências entre as famílias ucranianas com algum parente ou conforme informações de algum religioso em viagem.

As notícias além disso informavam: sobre a fome em outras regiões pertencentes à União Soviética; relatavam o processo da coletivização e sobre os Gulags; a resistência dos ucranianos contra as medidas do governo; a extrema situação da fome, levando a comer animais mortos e até carne humana; a situação das crianças, muitas abandonadas; a busca de alimentos pelos agentes do governo aos depósitos, utilizando a força, e traziam relatos de outros jornais e fontes sobre o tema¹⁵⁵.

Destaca-se ainda na pesquisa as entrevistas com pessoas dentro da comunidade ucraniana são condizentes com as informações sobre a situação da Ucrânia, que chegavam através de outros membros da comunidade mediante a correspondência com seus familiares na Europa. As notícias, tanto do *Prácia* como das informações dos moradores, causavam grande impacto nas colônias de imigrantes no Brasil, seja pela gravidade dos fatos, ou pelo forte sentimento nacionalista. O “*Prácia*, no período de domínio russo sobre os países anexados, foi aqui no Brasil, segundo seus leitores, um denunciante da política autoritária que assolava o leste europeu”¹⁵⁶.

Outra importante etapa da pesquisa realizada por Prado foi por meio de entrevistas às imigrantes Lara Basan (nome fictício, segundo o autor para preservar a identidade) e Wira Wodolaschka (2016) sobre a memória dos acontecimentos sociais e políticos vivenciados enquanto residiam lá, como a *deskulakização* e a coletivização. Além da fome, outros tipos de doenças e epidemias traziam

¹⁵³ PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p.105-106.

¹⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 106-107.

¹⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 108-123.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 135-147.

sofrimento ao povo. A fome impedia qualquer tipo de rebelião, pois tomava conta de todo raciocínio. Assim igualmente, a expressão da vida religiosa, os atos de fé cotidianos não conseguiam ser praticados, ora pela ineficácia ora pela imensa fome, não somente por causa da perseguição religiosa¹⁵⁷.

Dado a verificação, ainda que limitada, da importância da religiosidade na vivência do povo ucraniano, uma das razões de resistência ao regime e um motivo para a perseguição por parte do governo, o próximo capítulo se ocupará do tema relacionado à essa “fé”, precisamente sobre a Igreja Católica e o Holodomor, apresentando-se como uma introdução ao tema.

¹⁵⁷ Cf. PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933)**: Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018, p. 148-160.

4 A “IGREJA DO SILÊNCIO”: VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO

O Holodomor 1932-1933 é uma tragédia complexa e muitos pesquisadores tem apontado esse fator. A compreensão por diversas áreas sobre as peculiaridades desse acontecimento trágico se torna imprescindível, chegando-se de modo mais verdadeiro e próximo ao seu porquê. Os ucranianos são portadores de uma grande religiosidade, necessitando também a compreensão de uma breve análise no campo religioso sobre os fatos. Além de trazer divisões na esfera social, a ideologia comunista aumentou as divisões no campo religioso¹⁵⁸.

Geralmente os temas circundantes da fé são citados como fator de conhecimento quando o raciocínio humano se torna limitado ou para justificação dos deslizes humanos. Conforme Bonhoeffer, “Deus é transcendente no centro da nossa vida. A igreja não está onde a capacidade humana falha, nos limites, mas no centro da realidade”¹⁵⁹. Essa realidade encontra-se também nas tragédias, com as milhares de vítimas do Holodomor.

Adiante disso, durante o regime soviético ocorreu perseguição e repressão ao cristianismo, nas vertentes católica e ortodoxa. É evidenciado a significativa presença dos papas Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II, os quais buscaram o diálogo com os líderes do regime para proteger a vida e os direitos do ser humano, seja pelos pronunciamentos, documentos ou ações e, quando possível, realizaram intervenções ou ajuda. Sobre as perseguições sofridas pela Igreja, os papas referem-se em variadas ocasiões como a “Igreja do Silêncio”, expressado primeiramente pelo papa Pio XII¹⁶⁰. Na radiomensagem do Natal de 1951, assim expressa:

Nós bem sabemos, e deploramo-lo com coração profundamente aflito, que o nosso convite de paz só chega amortecido a vastas regiões do globo, onde encontra apenas uma “Igreja do silêncio”. Milhões de homens estão impedidos de professar abertamente diante de Deus as suas responsabilidades em favor da paz. Dos seus próprios lares e das igrejas, até a tão íntima e familiar tradição do presépio foi banida pelo despótico

¹⁵⁸ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II no 70º Aniversário do Holodomor.** Mensagens Pontificias. Vaticano, 2003. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/johnpauli/pt/messages/pont_messages/2003/documents/hf_jpii_mes_2_0031123_holodomor-ucraina.html. Acesso em: 30 de abr. de 2018, n. 3.

¹⁵⁹ BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão:** cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 373-374.

¹⁶⁰ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida.** Petrópolis: Vozes, 1958, p. 127.

arbítrio de poderosos. São milhões os homens que se encontram impossibilitados de exercer influxo cristão em prol da liberdade moral e da paz, porque liberdade e paz são hoje monopólio de perturbadores de profissão e de adoradores da força.

Ainda assim, mesmo com os braços presos e os lábios cerrados, a “Igreja do silêncio” responde magnificamente ao nosso apelo. Indica com o olhar sepulturas ainda frescas de seus mártires e cadeias de confessores, na esperança de o seu mudo holocausto e de os seus sofrimentos serem a mais alta invocação e o mais poderoso título para obter, do Príncipe divino da paz, graça e misericórdia para que se cumpra sua missão. *Da pacem, Domine, in diebus nostris!*¹⁶¹

Enquanto dimensão constituinte da condição humana, a religiosidade clama seu lugar nas experiências do cotidiano, na busca da transcendência. O indivíduo não poder expressar sua fé e manifestar-se como cristão traz um sofrimento silenciado. A fé é parte significativa da vida de muitas pessoas, o impedimento de não poder vivenciá-la destrói uma via significativa da transcendência humana. A proibição das expressões de fé pelos governantes se torna um modo de violência contra a integridade do ser humano. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI)¹⁶² expõe que “quando é negada a dimensão religiosa de uma pessoa ou de um povo, a própria cultura é lesada: por vezes, se chega ao ponto de fazê-la desaparecer”. Olhando para o contexto das vítimas do Holodomor, juntamente com demais vítimas do regime soviético, viver a religiosidade era um motivo de sentença de morte.

Para além dessas reflexões, “a Igreja caminha com toda a humanidade ao longo das estradas da história”¹⁶³, sempre tem buscado ser símbolo do amor de Deus na humanidade através de uma práxis humanitária, e por meio de documentos oficiais, ações dos seus representantes e dirigentes. Como explica a CDSI, a Igreja tem o compromisso de “propor a todos os homens um humanismo integral e solidário, capaz de animar uma nova ordem social, econômica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda pessoa humana, a se realizar na paz, na justiça e na solidariedade”¹⁶⁴, ou seja, auxiliar no progresso da humanidade.

¹⁶¹ PAPA PIO XII. **Radiomensagem do natal de 1951:** sobre a Igreja e a paz. Documentos Pontifícios 84. Petrópolis: Vozes, 1952, n. 49-50.

¹⁶² COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA (CDSI). Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. Tradução Conferência Nacional do Bispos do Brasil (CNBB), 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 559.

¹⁶³ CDSI, n. 18.

¹⁶⁴ CDSI, n. 19.

4.1 UMA IGREJA MARCADA PELAS AÇÕES DO REGIME

A realização da missão da Igreja compreende participar tanto das dores e sofrimentos, como das alegrias e esperanças, dos homens e das mulheres, conforme afirmou o Concílio Vaticano II. Igualmente se reconhece que esta mesma Igreja sendo sinal de Cristo no mundo, é atingida por perseguições, e estas provocam feridas e dores. Um exemplo significativo ocorreu em países sob o regime comunista no século XX, havendo no início de sua implementação em cada nação suas diferenciações, como descreve Galter¹⁶⁵ na introdução do *Livro Vermelho da Igreja Perseguida*. Em muitos países, ocorreu um incentivo à liberdade de expressão, educação e à nacionalização, para depois serem punidos. Já em outras nações, para estratégias governamentais, se utilizou a Igreja Ortodoxa¹⁶⁶, ligada a Moscou, alimentando desentendimentos com grupos do rito latino ou do rito oriental, unidos a Roma. Também se solicitou ao clero e aos fiéis colaboração em nome do nacionalismo. As medidas contra a Igreja Católica procuravam ser realizadas aos poucos para não criar revolta.

Uma propaganda contra a Igreja Católica e contra o papa foi implantada, com intuito de tirar sua credibilidade. É acusada de colaborar com os nazistas, apoiar o capitalismo e ser adversária dos trabalhadores. As divergências, tumultos do passado histórico e novas visões da Igreja foram difundidos¹⁶⁷. Além disso, a moral da Igreja foi desacreditada, apontada como um modo de escravidão. Por meio de *slogans* a mentira passou ser verdadeira, fazendo com que as pessoas acreditassem que não era a religião que se visava combater, mas o aprisionamento da religião. Depois disso, as ações promovidas pela Igreja, beneficência e os meios de comunicação católicos começaram a ser suspensos: associações, atividades sociais, escolas, e os bens passaram ao Estado soviético¹⁶⁸.

¹⁶⁵ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 11-13.

¹⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p. 13. A palavra ortodoxa está sendo usada neste trabalho como sentido de diferenciação, Igreja Ortodoxa, e não em sentido dogmático.

¹⁶⁷ Cf. *Ibid.*, [p.3]. “O papa nunca é representado senão como o Chefe de um Estado que seria uma das maiores potências financeiras do mundo. O Vaticano, que se pretende vendido aos Estados Unidos seria o principal instrumento da política reacionária, o fator número um da guerra. Aos povos eslavos lembra-se que a Santa Sé foi sempre inimiga deles, ao longo dos séculos, sacrificando os interesses deles ao do germanismo; aos rumenos [*sic*], frisa-se haver ela sido, no correr da história, o grande obstáculo à unidade nacional, protegendo os ocupantes da Transilvânia”.

¹⁶⁸ Cf. *Ibid.*, p. 12-16.

Conforme os ideais do regime, o sentido religioso precisava dar lugar a uma nova mentalidade. Esse processo é realizado gradualmente. Os representantes religiosos passaram a serem expulsos das regiões da URSS ou presos, e os bispos eram pressionados a realizar acordos políticos, para Igreja aos poucos acabar, no intuito de se chegar até a separação com Roma. A existência da Igreja tinha somente a serventia ao contribuir para os fins políticos, ela devia cooperar e apoiar a construção do novo Estado, mas isso por pouco tempo. Depois das perseguições aos cristãos, a manifestação pública da fé é suprimida e a existência de uma Igreja das catacumbas não foi aceita, apenas uma Igreja do Silêncio¹⁶⁹.

De fato, “os bolcheviques mal haviam conquistado o domínio de todo território do império russo quando começaram sua obstinada luta (...): eliminar completamente a religião em toda a URSS”¹⁷⁰. Foram realizados decretos a partir de 1918, o primeiro com a separação da Igreja e Estado, outra medida foi tornar as comunidades religiosas proibidas, seguindo do decreto que proibia a ação social e caritativa. A Igreja Ortodoxa Russa teve sua hierarquia liquidada num primeiro momento, e mais tarde, com nova hierarquia e insistência do povo em manter a fé, passou a ser aliada do governo soviético com o metropolita Sergio, um colaborador do regime, tornando-se depois patriarca¹⁷¹.

Um fator importante para destacar é quanto à ligação do termo *kulak* com a Igreja. A legislação soviética mencionava o termo de modo indeterminado e arbitrário, quer seja em perspectiva jurídica, econômica ou social, acentuava-se o “[...] seu significado político enfatizando o vínculo entre o *kulak* e a Igreja ”¹⁷². Em 1930, o legislador soviético entendia que os membros ativos das Igrejas deveriam ser classificados como *kulaks* e necessitavam ser liquidados corporalmente, pois a classe dos *kulaks* deveria perder sua força. Por conseguinte, “são *kulaks*: os membros ativos dos conselhos paroquiais (*cerkovnyh sovetov*), de qualquer tipo de comunidade ou grupo religioso e de correligionários ativos”¹⁷³. A GPU seguia com medidas visando à extinção dos *kulaks* (líderes, organizações,

¹⁶⁹ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 16-21.

¹⁷⁰ HAROSKA, Leu. Política Soviética para com a Religião após 1942. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965, p. 7.

¹⁷¹ Cf. *Ibid.*, p. 10-13.

¹⁷² CODEVILLA, Giovanni. **Chiesa e impero in Russia: dalla Rus di Kiev alla Federazione russa**. Milano: Jaca Book, 2011, p. 374. *Tradução nossa*.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 373-374. *Tradução nossa*.

contrarrevolucionários) e a deportação em massa (*kulaks* mais ricos, ativistas, clérigos, famílias dos remotos da URSS, ...).

A partir de 1919, os bolcheviques começaram a saquear nos territórios da Ucrânia as Igrejas prioritariamente mais antigas. Na primeira fase de suas ações, os bolcheviques introduziram uma acirrada campanha contra os ditos “burgueses” da sociedade, por meio de canções, de *slogans* populares de difamação e, com isso, inflamaram a população contra a Igreja. Esse burguês referia-se a religião e a cultura ucraniana. Outra fase se deu nos anos 1923-1929, com o fechamento das igrejas e seus espaços destinados a outras atividades ligadas aos interesses do Estado¹⁷⁴. Porém, o que resultou das fases desse processo totalitário foi a eliminação dos agentes camponeses mais criativos e ativos economicamente:

[...] mais terrível, foi o período da coletivização da agricultura e “eliminação dos *Kulaks* como classe” (1930-1934). Os *kulaks*, culturalmente os mais criativos e economicamente, a classe mais estável dos camponeses, foram aniquilados. Vários milhões de sitiantes pereceram em virtude da fome e da deportação de populações inteiras das aldeias para o extremo norte. Simultaneamente, renovou-se a ação contra a religião. Consoante instruções de Moscou, a destruição de igrejas e a aniquilação do clero foram levadas a cabo em escala maciça. Aboliu-se a Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana e executou-se ou deportou-se a maioria do clero. Casos isolados de destruição continuaram a ocorrer até 1937, depois do que não restou, praticamente, uma igreja que não tivesse sido destruída ou transformada para outros fins¹⁷⁵.

Com efeito, a coletivização na Ucrânia ocorreu juntamente com a perseguição a Igreja Ortodoxa Autocéfala, não unida a Igreja Russa, já que os seus fiéis eram considerados fomentadores contra o regime soviético e que seus membros se uniam com este ideal. Eram vistos como aliados da classe burguesa e intelectuais fascistas, incentivadores do nacionalismo ucraniano¹⁷⁶. Na campanha contra a Igreja Católica, um artigo foi escrito falando e dando a entender que havia certo apoio da Igreja ao fascismo na Itália¹⁷⁷.

Durante o período da escassez de alimentos, que levou milhares de pessoas à morte, o governo, como meio de justificação, utilizou o confisco das Igrejas e dos

¹⁷⁴ Cf. MILLER, M. A. Confisco e Destruição das Propriedades da Igreja na Ucrânia. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965, p. 71-73.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 73.

¹⁷⁶ Cf. CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015, p. 292-293.

¹⁷⁷ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 37.

mosteiros como legitimação das suas ações diante do povo e da comunidade internacional, acusando a Igreja de guardar demasiada riqueza e não socorrer as pessoas famintas. Todas as riquezas foram confiscadas, desde objetos para as celebrações (candelabros, castiçais, cruzes, sudários de Cristo, casulas com bordado de ouro, prata, joias, entre outros), como as obras de arte e bens de valor histórico¹⁷⁸. Assim:

Por volta de 1937, a política e as atividades anti-religiosas [sic] do governo soviético resultaram no fechamento de todas as igrejas e mosteiros e na destruição, em grau maior ou menor, da maioria deles. Não se deixou de tocar num só monumento importante do grande passado da Ucrânia e da cultura de seu povo. Foi esse realmente, o principal objetivo do regime soviético na luta contra a Igreja e o “nacionalismo burguês”. O objetivo fundamental era as futuras gerações ucranianas, nascidas e educadas sob o regime soviético, não terem oportunidade de contemplar e conhecer monumentos eclesiásticos, históricos e culturais criados por sua terra no passado, pois somente assim seria possível inculcar a ideia de que uma cultura ucraniana, como aquela, jamais existira; e que todas as realizações positivas eram obras dos bolcheviques¹⁷⁹.

Havia uma diversidade de grupos religiosos católicos, de rito latino e bizantino, presentes no território da antiga URSS. Portanto, a atividade antirreligiosa do governo soviético implicava serias consequências para os diferentes grupos. Aplicados os decretos referentes à religião, a Igreja Católica não sofreu imediatamente maiores repressões, ocorria certa cautela, em relação a intensidade aplicada aos ortodoxos¹⁸⁰. Por outro lado, a manifestação do papa Bento XV a Lênin, sobre a perseguição à Igreja Ortodoxa não foi bem vista pelo regime, agravando a situação de perseguição aos católicos. Também, como as medidas econômicas do regime já começavam a afetar a população causando a falta de alimentos, o papa Bento XV começa a organizar auxílio para a população. Com sua morte, o papa Pio XI continua o trabalho, pede a liberdade do patriarca Tíkhon em uma Conferência em Gênova e a preservação das Igrejas quanto aos saques, oferecendo dinheiro pelos bens eclesiásticos, mas o governo somente aceitou o socorro aos famintos na busca de boas relações com a Santa Sé. Colocadas

¹⁷⁸ Cf. MILLER, M. A. Confisco e Destruição das Propriedades da Igreja na Ucrânia. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965, p. 76-77.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 87.

¹⁸⁰ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 35-36.

restrições pelo regime a missão da Igreja em auxílio aos famintos e falta de reconhecimento da Santa Sé a favor do regime, a missão foi obrigada a deixar a URSS¹⁸¹.

Entre os anos 1929 e 1932 ocorreram mais obstáculos para existência da Igreja Católica na URSS. A Associação dos Ateus Militantes tinha por objetivo agir pela propaganda contra a religião, e esta foi intensa, terminando em violência. Utilizando-se dos meios de comunicação, os militantes agiam pela ideia de que a ciência devia prevalecer, e tinham o apoio do governo. E de outro lado, as medidas econômicas da NEP do sistema coletivista afetaram igualmente a Igreja. Os meios de subsistência foram impossibilitados, principalmente na área rural e os padres obrigados a trabalhar nos *kolkhoz*, caso contrário, poderia ocorrer a deportação para Sibéria. As taxas impostas para que as Igrejas que permanecessem abertas foram altíssimas, havendo então o seu fechamento. Além disso, realizaram-se medidas administrativas de julgamento: com prisões inesperadas e casuais; deportações; trabalhos forçados e condenações sem julgamento. Assim, bispos e padres foram perseguidos e condenados, por causa da fé e da caridade. Em 1930, o papa Pio XI convocou os católicos às celebrações de penitência e a Igreja Anglicana também passou a condenar o regime soviético. No ano de 1933, o regime soviético sentiu a ameaça do nacionalismo das regiões anexadas prevendo a ocorrência de conflitos¹⁸².

4.2 A IGREJA GRECO-CATÓLICA UCRANIANA E AS ATRIBUIÇÕES SOB O REGIME SOVIÉTICO

Embora não seja de conhecimento geral, a Ucrânia¹⁸³ nos seus primórdios era uma região conhecida como Rus' de Kyiv, onde habitavam diversas tribos. Elas

¹⁸¹ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 31-33; TEODOROVICZ, Nadezhda. Os Católicos Romanos. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965, p. 115-117; MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**. Toronto: University of Toronto, 2011, p. ix.

¹⁸² Cf. *Ibid.*, p. 42-45.

¹⁸³ Cf. HORBATIUK, Paulo. Imigração Ucrâniana no Paraná. Porto União: Uniporto, 1989, p. 113-114. “Os ucranianos são também chamados rutenos, pertencente ao grupo etnográfico de eslavos orientais como os russos. Denominados de rutenos pelo governo austríaco, os ucranianos mantêm seu tipo eslavo primitivo, apesar de conviverem com russos, polacos e judeus em seu território”.; HANICZ, Teodoro. A Igreja Greco-Católica- Ucraniana e o Concílio Vaticano II. **Studium revista**

eram dirigidas por superiores responsáveis pelos mais diversos assuntos, inclusive aos relacionados as guerras. Havia uma diversidade religiosa, pois cada tribo possuía uma forma de se reportar as suas respectivas divindades e, portanto, manifestavam crenças politeístas. Nos anos 860-882 d.C., começou a fase dos príncipes ucranianos considerados fundadores da Ucrânia. Mais tarde em 988, sob a regência do príncipe Volodymyr, chamado de o Grande, a Rus' de Kyiv (Ucrânia) foi cristianizada¹⁸⁴.

Há uma tradição¹⁸⁵ relatando que as regiões de Rus' de Kyiv foram evangelizadas pelo apóstolo André, segundo as crônicas do monge Nestor. Após o crescimento do Império de Rus' de Kyiv, o cristianismo também se expandiu para os povos eslavos e se torna dependente do Patriarcado de Constantinopla, sob o comando dos bispos gregos. Em 1054, estando sob a jurisdição de Bizâncio, chega juntamente ao Cisma Oriental¹⁸⁶.

A união dos ucranianos com Roma ocorreu após muitas tentativas em 1595-1596, pelo sínodo de *Brest-Litovski*, denominados assim como católicos de rito bizantino-eslavo. A partir desse momento, o caráter nacionalista da Igreja passou a prevalecer, os elementos culturais são incorporados e é ressignificada a religiosidade do povo. Estabeleceu-se, então na Ucrânia, fiéis católicos e fiéis

teológica. ISSN 1981-3155. Curitiba, ano 6, n. 11, p. 101-116, 2012, p. 109. "Maria Teresa (1740-1780), imperatriz da Áustria, tolerante aos uniatas por serem católicos, em 1774 'batizou-os' de greco-católicos. De 1595 a 1989 a Igreja uniata ou greco-católica-ucraniana esteve subordinada aos impérios russo, polono lituano, austro-húngaro e soviético"; KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais.** Católicas e Ortodoxas, tradições vivas. São Paulo: Ave-Maria, 1997, p. 117-120. Muitos ucranianos passaram a ser conhecidos como rutenos por causa dessa denominação austríaca, porém existe um povo ruteno, que não tem propriamente uma nação, mas está em territórios da Ucrânia, Polônia, Hungria. Também imigraram a vários países; muitos professam a fé Católica, fazendo parte da Igreja Rutena Católica, unida a Roma.

¹⁸⁴ Cf. TSVIETROV, Viaczeslav. **Pequena História da Ucrânia-Rush.** Trad. Iarema Olijnik. Patrocínio Eparquia Ucraniano-Católica de São João Batista. Curitiba, 1994. p. 14-32.

¹⁸⁵ Cf. SÍNODO DA IGREJA GRECO CATÓLICA UCRANIANA. **Cristo Nossa Páscoa:** Catecismo da Igreja Greco Católica Ucraniana (CNP). Trad. Soter Schiller. Curitiba: Serzegraf, 2014, p. 3. "Essa fé nasceu da audição do Evangelho de Cristo, que foi anunciado em terras da Rush-Ucrânia pela primeira vez, segundo a tradição, ainda por meio de pregação do apóstolo André. A Boa Nova continuou a ressoar na missão dos santos apóstolos eslavos, Cirilo e Metódio, e foi confirmada pelo Batismo da Rush-Ucrânia nos tempos do príncipe isoapóstolo Volodymyr. A Palavra do Evangelho encontrou eco na fé acolhida nos corações dos ouvintes, e a Igreja de Cristo se difundiu por toda Rush de Kiev [Rus' de Kyiv]. Uma nova tradição cristã, posteriormente chamada kievense [kyivense], tornou-se uma pérola no depósito da fé da Igreja Universal. Dentro dessa tradição cresceram numerosas gerações de cristãos, tanto de ucranianos, como de pertencentes a outras culturas". *Grifos nossos.*

¹⁸⁶ Cf. KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais.** Católicas e Ortodoxas, tradições vivas. São Paulo: Ave-Maria, 1997, p. 92-95.

ortodoxos. Em 1946¹⁸⁷, na busca do rompimento da união da Igreja Greco-Católica com o Vaticano, o governo soviético e a Igreja Ortodoxa convocaram um sínodo em Lviv para que os greco-católicos unissem à Igreja Ortodoxa Russa. O que não foi aceito, tornando assim, uma Igreja clandestina. Há de se mencionar que durante o período em que os territórios ucranianos foram divididos (séc. XVIII), uma parte deles foi incorporada à Polônia, na monarquia austro-húngara, e outra foi anexada a Rússia. Portanto, particularmente no período dos czares, muitos católicos, devido às perseguições sofridas, foram forçados a aderir à fé ortodoxa. O metropolita Andrey Sheptyts'kyi (1865-1944), por exemplo, foi preso e enviado aos campos de concentração na Sibéria e só lhe foi restituída a liberdade com a queda do regime dos czares¹⁸⁸.

Quando os bolcheviques ocuparam a Ucrânia, não ocorreu um ataque direto a hierarquia da Igreja Greco-Católica Ucraniana¹⁸⁹, embora no restante acabou sofrendo igualmente com as medidas do regime contra a religião. O ensino religioso era de certo modo exercido e algumas construções permaneciam estando sob a posse da Igreja, visto que, nesse tempo o metropolita Sheptyts'kyi “exercera extraordinária influência sobre a população ucraniana”¹⁹⁰, pois:

Era a pessoa do Metropolita André Szeptyckyj que constituía indubitavelmente para o Governo soviético o maior obstáculo à ação perseguidora contra a Igreja Católica ucraniana. O venerado prelado, que tanto sofrera durante a sua deportação na vigência da primeira guerra mundial, gozava de grande ascendente sobre todo o povo ucraniano, que o admirava como um herói nacional. Enquanto ele estivesse à frente da Igreja Católica ucraniana, as maquinações contra ela dirigidas pelo Governo não obteriam os efeitos esperados¹⁹¹.

¹⁸⁷ Cf. HANICZ, Teodoro. A Igreja Greco-Católica Ucraniana e o Concílio Vaticano II. **Studium revista teológica**. ISSN 1981-3155. Curitiba, ano 6, n. 11, p. 101-116, 2012, p. 105. “O sínodo decidiu romper com o Vaticano, liquidar a União de Brest e a Igreja greco- católica, impondo à força a adesão à Igreja ortodoxa de Moscou. Desencadeia-se o terror e a perseguição. Os greco-católicos que não aderiram à Igreja ortodoxa de Moscou passaram a viver na clandestinidade e nas “catacumbas”.

¹⁸⁸ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 69-70.; GLOVINSKI, Yevhen. A Igreja Católica Ucraniana. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965, p. 125.; KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais**. Católicas e Ortodoxas, tradições vivas. São Paulo: Ave-Maria, 1997, p. 100-101.

¹⁸⁹ A partir desse item da dissertação será usado Igreja Greco-Católica Ucraniana para Igreja Católica Ucraniana, como referem-se Babiak (2017), McVay e Luciuk (2011), por ser uma releitura dos fatos e dar conformidade ao texto.

¹⁹⁰ GLOVINSKI, *op. cit.*, p. 126.

¹⁹¹ GALTER, *op. cit.*, p. 72.

O metropolita zelava pelo povo e pedia, fidelidade à Igreja e à Lei de Deus. Várias vezes se manifestou às autoridades soviéticas sobre os direitos da Igreja. O governo visava atingir a autoridade do metropolita, e consegue através de um padre estimado pelo povo, Gabriel Teodorovyc Kostelnyk. Com esse intuito, os soviéticos forçam o padre a aliar-se ao regime¹⁹².

A morte do metropolita Sheptyts'kyy ocorreu em 1944, e em 1945 começam as ofensivas à hierarquia da Igreja Greco-Católica Ucraniana¹⁹³, buscando reeducar o clero. Juntamente, a memória do metropolita Sheptyts'kyy é atacada através de publicações que buscavam criar uma desmoralização do metropolita e da Igreja. Logo, em seguida, quase todos os bispos são presos, Gregório Chomysyn, Ivan Lastysevskyj, Nicola Carneckyj, Pietro Verhum e entre eles o novo metropolita Joseph Slipyy (1945). Todos foram, após um julgamento rápido, ante a acusação de colaboradores dos alemães, condenados a trabalhos forçados nos campos de concentração. O metropolita Slipyy foi novamente condenado e deportado para a Sibéria (1957). Por sua recusa em renunciar à liderança da Igreja Greco-Católica Ucraniana, foi condenado a permanecer na prisão (1959) e somente foi libertado por intervenção do papa João XXIII em 1963, fixando residência em Roma¹⁹⁴.

A maioria dos bispos não retornou dos campos de concentração, morreram suspeitamente. Outros bispos foram presos e acusados de agir contra o regime. Vários padres foram presos e deportados, outros imigraram. As propriedades da Igreja Greco-Católica Ucraniana passaram a pertencer a Igreja Ortodoxa Russa. Observa-se que diante desses fatos, torna-se “notável característica da proeminente cultura dessa parcela do povo da Ucrânia, sua destruição constituiu parte do padrão geral do genocídio seguido pelos soviéticos”¹⁹⁵. É necessário destacar:

¹⁹² Cf. CODEVILLA, Giovanni. **Chiesa e impero in Russia**: dalla Rus di Kiev alla Federazione russa. Milano: Jaca Book, 2011, p. 435-436; GALTER, *op. cit.*, p. 72.

¹⁹³ CNP n. 324. “No ano de 1946, foram proibidas na Ucrânia todas as atividades da Igreja Greco-Católica, os templos foram tomados, os bens eclesiásticos foram confiscados e começou uma grande perseguição aos fiéis. Todos os bispos da Igreja Greco-Católica foram presos, numerosos sacerdotes, religiosos e religiosas e leigos foram assassinados, presos e deportados ao exílio”.

¹⁹⁴ Cf. GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 74-77; GLOVINSKI, Yevhen. A Igreja Católica Ucraniana. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965, p. 126-127.; KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais**. Católicas e Ortodoxas, tradições vivas. São Paulo: Ave-Maria, 1997, p. 101.

¹⁹⁵ GLOVINSKI, *op. cit.*, p. 127-128.

Nesse ínterim, sobreviviam na URSS certos acontecimentos que deixavam pressagiar mudanças. Desde a morte do Patriarca Tykhon, já não havia senão um “Substituto” à testa da Igreja ortodoxa russa. Em setembro de 1943 realizou-se em Moscou um Sínodo, que elegeu um novo *Patriarca* na pessoa do Metropolita moscovita Sérgio. Essa nomeação do chefe da Igreja ortodoxa russa fora querida pelo governo soviético, que se propunha utilizá-la para a sua política interior e exterior. O novo Patriarca não devia somente rezar pela vitória do exército vermelho, mas devia também, graças a seu prestígio, esforçar-se por congregar em torno de si os emigrados russos, entreter relações amistosas com as outras autocefalias, e sobretudo ganhar para a Igreja ortodoxa os Ucrânios católicos. Após a morte do Patriarca Sérgio, a 15 de maio de 1944, o Metropolita *Alexij* foi elevado, em janeiro de 1945, à dignidade patriarcal, e prosseguiu na mesma linha a obra de seu predecessor¹⁹⁶.

Os padres que restaram, sem orientação dos bispos, acabaram deportados ou aderiram à Igreja Ortodoxa Russa. O povo religioso¹⁹⁷ foi incentivado a deixar a Igreja Greco-Católica Ucrânica como uma medida contra os padres que não colaboravam com o regime. Contudo, as pessoas foram instruídas quando necessário “a administrarem por si mesmos o batismo a seus filhos e para rezarem no domingo em casa – não ficaram insensíveis em face de tais atos de violência”¹⁹⁸. Era considerada nesse momento, uma Igreja clandestina. Assim, muitos membros da Igreja passaram viver sua fé, “reunindo-se para celebrações em locais privados, ouvindo as transmissões da Divina Liturgia pela Rádio Vaticana. O regime comunista perseguia a Igreja sem dar tréguas: os sacerdotes eram presos, os leigos eram demitidos de seus empregos”¹⁹⁹.

Outros fiéis, no começo, quando podiam frequentavam a Igreja de rito latino, mas como o governo também confiscou estas Igrejas, dirigiram-se às Igrejas

¹⁹⁶ GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 76.

¹⁹⁷ TIMASHEFF, Nicholas Sergeyevitch. **Religião na Rússia Soviética (1917-1943)**. Trad. Jorge Amaral. Rio de Janeiro: Stella, 1943, p. 113-116. Timasheff sobre a situação dos fiéis na URSS não especifica qual Igreja, mas relata: “Em certas aldeias da província de Kiev [Kyiv], o povo é obrigado a enterrar seus defuntos sem cerimônias religiosas por não haver padres; mas parentes piedosos tomam u’a [sic] mancheia de terra da sepultura e mandaram-na a uma igreja de Kiev [Kyiv] com o pedido de ser realizado sobre ela o rito dos defuntos; reenviam-na daí aos parentes para ser colocada sobre a sepultura que, destarte, é ao menos consagrada”. Ele menciona ainda que assim se ocorre com os casamentos, as alianças são enviadas para a celebração do matrimônio, e busca-se água benta para abençoar a colheita. Timasheff ainda relata sobre: os padres que andavam de aldeia em aldeia; das celebrações escondidas, como nas catacumbas; mosteiros e consagrações religiosas secretas; ordenações sacerdotais e episcopais secretas; segredo sobre a fé mesmo entre os leigos – “num determinado caso, tanto o marido como a esposa eram crentes, mas ocultavam o fato um do outro. Quando lhes nasceu um filho, a mãe logo mandou batizar e, poucos dias após, o pai procurou um padre para o mesmo fim. Assombrou-se quando o padre se negou a celebrar o rito e lhe disse o motivo. O casal teve a satisfação de chegar a saber que ambos eram crentes”. *Grifos nossos*.

¹⁹⁸ GALTER, *op. cit.*, p. 80.

¹⁹⁹ CNP, n. 325.

Ortodoxas. O governo soviético alegou durante os procedimentos contra a Igreja Greco-Católica Ucraniana que foi “um acontecimento de caráter político a união outrora realizada com Roma, e isso no momento em que a união com Moscou se fazia com o auxílio da teocracia ateia e das prisões do governo soviético”²⁰⁰.

A união com Roma não era bem vista pela Igreja Ortodoxa Russa, ainda mais sob o regime soviético, pois se via um risco à Tradição Oriental e igualmente aos interesses políticos. Aliás, o incômodo dos líderes se encontra na insistência da Igreja Greco-Católica Ucraniana, permanecer ligada a Roma e, assim, não cooperar com regime. Conforme destaca Codevilla²⁰¹, “os ataques ao Vaticano são cada vez mais frequentes na imprensa soviética deste período, acusado de ser o defensor do fascismo com a cumplicidade da Igreja uniata”. Stalin então prosseguiu com o intuito de dissolver a Igreja Greco-Católica Ucraniana, força seus membros a aderirem à Igreja Ortodoxa Russa, tirando as tentativas de ação de Roma na URSS.

4.3 O HOLODOMOR E A IGREJA CATÓLICA

O metropolita Andrey Sheptyts'kyi no exercício de sua pastoral, preocupava-se desde o início com a situação da Igreja, da sociedade e do socialismo. “Ele sabia que a Revolução de Outubro era uma ameaça não apenas para a Igreja, mas também para toda a sociedade, porque impunha um modelo econômico-social que sufocava a liberdade e a autonomia das nações”²⁰². O metropolita percebeu nos discursos do governo soviético, que se declarava ser contrário ao capitalismo, consentir na URSS a afirmação de um capitalismo caracterizado em sua forma mais radical e desigual, no uso de um discurso que se mostrava uma liberdade ilusória, pois explorava o povo, escondendo o absolutismo do Estado²⁰³.

Com a informação confirmada dos reais acontecimentos da fome na Ucrânia, o metropolita Sheptyts'kyi, juntamente com os bispos se manifestaram²⁰⁴ contra o

²⁰⁰ GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 81.

²⁰¹ CODEVILLA, Giovanni. **Chiesa e impero in Russia: dalla Rus di Kiev alla Federazione russa**. Milano: Jaca Book, 2011, p. 443. *Tradução nossa*.

²⁰² BABIAK, Augustyn. **La Chiesa greco-cattolica e l'Holodomor (1932-1933)**. Conferenza «85° anniversario del genocidio ucraino, 1932-1933; organizzata dal Consolato generale ucraino e dalla Chiesa greco-cattolica ucraina in Italia, a Milano, dal 24 al 26 novembre 2017, p. 1. *Tradução nossa*.

²⁰³ Cf. *Ibid.*, p.1.

²⁰⁴ MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**.

regime soviético, relatando ser uma forma de capitalismo estatal, com um programa canibalístico. Mencionavam que os riscos apontados pelo papa Pio XI, três anos antes, em decorrência das práticas contrárias dos bolcheviques, demonstravam-se serem opostos a Deus e ao ser humano. O metropolita enfatiza ainda, que a face do regime se revela perversa, piora com o passar do tempo, e sustenta-se à custa do suor e da fome dos camponeses, não havendo mais alimentos. Então, convida a todos a oração e jejum por esses irmãos, visto que, não tem como ajudar de outra forma²⁰⁵.

“O Vaticano também estava ciente da fome e acompanhava o curso dos eventos com atenção: suas principais fontes de informação eram os diplomatas das embaixadas ocidentais em Moscou”²⁰⁶. A Santa Sé acompanhou as situações desde o início enviando ajuda durante a fome em 1921 e 1922, salvando muitas vidas. O que não foi possível durante a grande fome, pois o governo não reconhecia a situação, negando-se assim qualquer tipo de ajuda. O papa Pio XI chegou a criar a Comissão Pró-Rússia para atender as vítimas da fome já em 1925. O embaixador da Itália em Moscou, Bernardo Attolico, sabendo pelo Monsenhor Neveu que o pontífice queria enviar ajuda para os famintos, aconselhou não o fazer. Portanto, apesar dos motivos políticos de não poder enviar ajuda humanitária, a Santa Sé utilizou a imprensa²⁰⁷.

O metropolita Sheptyts'kyi e os bispos mantiveram-se sempre ao lado do povo. Eles percebiam “o plano de Stalin de aniquilar a Ucrânia e reprimir todas as suas aspirações de independência. Mas quando o Holodomor se espalhou em toda a sua brutalidade, eles se viram incapazes de lutar contra um oponente diabólico”²⁰⁸. Estando mais concentrada na região da Galícia [região oeste, divisa com a Polônia], a Igreja Greco-Católica Ucraniana, com número menor de membros e ainda mais

Toronto: University of Toronto, 2011, p. xiii. McVay e Luciuk mencionam que se torna difícil saber se a Santa Sé ajudou ou não nesse Apelo dos bispos da Igreja Católica Ucraniana aos cristãos em 1933. O Monsenhor Wienken escreveu que esse apelo obteve forte impressão no governo soviético e no mundo. Com incentivo da Comissão Pró-Rússia, o jornal católico *Pax* de outubro de 1933 publica esse apelo.

²⁰⁵ Cf. BABIAK, Augustyn. **La Chiesa greco-cattolica e l'Holodomor (1932-1933)**. Conferenza «85° anniversario del genocidio ucraino, 1932-1933; organizzata dal Consolato generale ucraino e dalla Chiesa greco-cattolica ucraina in Italia, a Milano, dal 24 al 26 novembre 2017, p. 2.

²⁰⁶ CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015, p. 38. *Tradução nossa*.

²⁰⁷ Cf. CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015, p. 38-39; MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**. Toronto: University of Toronto, 2011, p. xi.

²⁰⁸ BABIAK, *op. cit.*, p. 2-3; *Tradução nossa*.

com as limitações impostas, pouco poderia fazer. Quanto à Igreja Ortodoxa Russa, esta foi arrasada e, os muitos que restaram condenados aos Gulags, não pôde também fazer algo. A Igreja Católica Latina tinha poucos meios, embora, começou uma ação para denunciar o que estava acontecendo.

A comunidade ucraniana da diáspora pouco pôde fazer por causa das restrições. Qualquer ajuda era proibida, mesmo da comunidade internacional. O pouco alimento arrecadado, por vias clandestinas, se tornava escasso diante de tamanha tragédia. Sheptyts'kyi era ciente que ocorreria negação da realidade de muitos, porque a população não tinha acesso real da proporção dos acontecimentos, por causa da propaganda de fachada, da qual principalmente os jovens se renderiam. Já em 1932, o metropolita procurou através do Monsenhor Ivan Buczko, levar a denúncia dos fatos até o papa Pio XI²⁰⁹.

Babiak²¹⁰ menciona a historiadora Giovanna Brogi sobre as gerações de ucranianos destruídas, duas foram exterminadas com o Holodomor. Além disso, a agricultura, o idioma, a cultura, os artistas e os intelectuais foram atingidos, rompendo o processo de evolução, a Ucrânia não progrediu. Stalin pode ter silenciado a humanidade, contudo, o silêncio dos mortos, o sofrimento dos inocentes, reclama ainda uma reação digna.

4.3.1 As evidências do Holodomor no Vaticano

Conforme McVay e Luciuk²¹¹ as principais documentações para compreender os diálogos sobre a situação dos ucranianos nos territórios da URSS e da Polônia durante o regime soviético, encontram-se nos Arquivos Secretos do Vaticano²¹², nos da Secretaria de Estado da Santa Sé e da Congregação para as Igrejas Orientais. Também há documentos entre os acervos da chamada Sagrada Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários (AES).

²⁰⁹ Cf. BABIAK, Augustyn. **La Chiesa greco-cattolica e l'Holodomor (1932-1933)**. Conferenza «85° anniversario del genocidio ucraino, 1932-1933; organizzata dal Consolato generale ucraino e dalla Chiesa greco-cattolica ucraina in Italia, a Milano, dal 24 al 26 novembre 2017, p. 3-4.

²¹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 5.

²¹¹ Cf. MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**. Toronto: University of Toronto, 2011, p. iii.

²¹² O papa Francisco, no dia 28 de outubro de 2019, alterou o nome de Arquivos Secretos do Vaticano para Arquivo Apostólico do Vaticano.

Os arquivos referentes à URSS em 1925, permaneciam com a Comissão Pró-Rússia, mas estando ligada a Congregação das Igrejas Orientais. Tempo depois, essa comissão passa a ter mais independência, situando-se na Cidade do Vaticano. Mais tarde, ocorre uma reorganização dos documentos: os que se refiram aos cristãos vão para a Congregação das Igrejas Orientais e de teor político para AES²¹³. De acordo com McVay e Luciuk, mesmo buscando analisar os muitos documentos sobre a fome, faltam ainda materiais para se obter repostas. Deve-se destacar, que o papa Bento XV tinha composto um setor para o que se referisse aos católicos orientais e aos ortodoxos, este setor era a Congregação para a Igreja Oriental, o nome foi mudado em 1967, para Congregação para as Igrejas Orientais. Já o papa Pio XI instituiu uma Comissão Pró-Rússia para cuidar dos assuntos na URSS, estando a Ucrânia e regiões da Polônia²¹⁴.

Há datado em 1933, nos arquivos da Comissão Pró-Rússia a informação de que ocorreu uma fome assustadora nas regiões da Rússia, podendo ter vítimas em maiores proporções do que em 1921 e 1922, atingindo em grande parte católicos da parte sul da Rússia e do Volga. Um auxílio foi organizado na Alemanha no fim do ano de 1932, esta tinha um acordo de compra de grãos, mas decide não os obter por causa do aumento da fome²¹⁵.

O Vaticano passou a receber notícias sobre a situação do povo na URSS em 1929 e 1930, dos ucranianos e de pessoas da região de Kuban. A população vinha sofrendo uma grande penúria com as medidas da coletivização e *deskulakização*. A Comissão Pró-Rússia manda publicar as primeiras notícias no jornal *L'Osservatore Romano*: “Fome e agitação na Ucrânia’ (janeiro de 1929); ‘A fome na Ucrânia’ (julho de 1930); ‘Sob o jugo bolchevique - Entre o auge da fome’ (setembro de 1930)”²¹⁶. Chegaram mais notícias em 1933 por cartas redigidas pelos “cidadãos soviéticos

²¹³ Cf. MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**. Toronto: University of Toronto, 2011, p. iv.

²¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. vii.

²¹⁵ Cf. AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74, f. 27rv-28v (Italian translation f. 29rv) Wienken to d'Herbigny, Berlin, 15 March 1933; AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74, f. 31rv-32v. (Italian summary f. 33rv) Wienken to Müller, Berlin, 18 March 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**. Toronto: University of Toronto, 2011, p. 1-2.

²¹⁶ MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**. Toronto: University of Toronto, 2011, p. xxv. *Tradução nossa*.

anônimos e encaminhadas por diplomatas estrangeiros”²¹⁷. Então, foi levado ao papa através de uma audiência, o pedido de ajuda vindo da cidade Novorossijsk, que também foi publicado no jornal no *L’Osservatore Romano*.

Foram realizados muitos pedidos de ajuda para vários lugares, entre eles para a Alemanha e para o papa. Pois, a situação da fome era terrível, a esperança estava em um auxílio do Vaticano, porque eram milhares de católicos passando fome. A região mais afetada era na Ucrânia e região do Volga, com situações muito tristes nas ruas. O papa, diante disso, queria enviar ajuda às pessoas, independente da religião²¹⁸.

O bispo d’Herbigny, consultor geral da Comissão Pró-Rússia, conseguiu informações com o Dr. Otto Schiller que visitou a região e informou sobre a fome. Apresentou ao papa Pio XI em audiência essas notícias, e após elaborou-se um texto para publicação com aprovação do Secretário de Estado. Os diplomatas da Itália também falaram para o Vaticano sobre a fome na Ucrânia, o embaixador Bernardo Attolico expressou que as vítimas poderiam ser estimadas entre três a dez milhões, mas era incerto. Os relatos sobre a fome, apesar de não estarem ou serem expressos por vezes nos arquivos, foram recebidos com confiança pelo Bispo d’Herbigny, afirmados pelo papa, e se tive outras fontes que constatavam a situação da fome²¹⁹.

Diante dos problemas que poderiam surgir com a tentativa de auxílio por parte da Santa Sé, como a rejeição dos líderes soviéticos e perseguição, levantados pelo embaixador da Itália e pelo Secretário de Estado do Vaticano, o papa Pio XI entendeu a possível ineficácia da tentativa de uma ação direta: a ajuda não chegaria ao seu destino²²⁰.

Embora a Igreja não tenha conseguido enviar ajuda para amenizar os tristes acontecimentos causados pela fome, buscou outros meios para denunciar as ações

²¹⁷ Cf. MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine.** Toronto: University of Toronto, 2011, p. ix. *Tradução nossa*.

²¹⁸ Cf. AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74; f. 49r, prot. 134/28, *Pro Russia* Commission to Maglionc, 1 May 1933; AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74; f. 50r, prot. 160/1929, d’Herbigny to Pacelli, Vatican, 4 May 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine.** Toronto: University of Toronto, 2011, p. 8-9.

²¹⁹ Cf. MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine.** Toronto: University of Toronto, 2011, p. x.

²²⁰ Cf. *Ibid.*, p. x.

do regime. Publicou um artigo no *L'Osservatore Romano* em 07 de julho de 1933 sobre a Fome na Ucrânia, dada pelo papa Pio XI e pelo secretário de Estado Eugenio Pacelli, que viria a ser o papa Pio XII, mesmo sabendo ser uma situação delicada²²¹.

O jornal *L'Osservatore Romano* de 7 de julho 1933, traz as notícias: “‘Miséria e perseguições religiosas na Rússia soviética’; ‘Fogem para a Romênia arriscando a morte’ – ‘Ucrânia aterrorizada’ – ‘Concessões à fé dos camponeses’ – ‘O renascimento do sentimento religioso’”²²². O artigo expõe as tentativas de fuga para a Romênia por causa da fome. Relata-se ainda, que foram criados em toda Ucrânia soviética “conselhos de guerra móveis”, estes tinham a missão de “investigar sobre os camponeses que sabotam os novos decretos emitidos por Stalin acerca do sequestro de cereais: condenações à morte em massa e execuções imediatas são a consequência disto. O terror é assustador”²²³.

O artigo informa que faltava progresso no campo dos ditos operários agrários e igualmente de quem estava nos *kolkhoz*. As restrições impostas motivaram a religião e aumentou os crentes, mesmo passando a serem malvistas pelo regime. Como justificção, os iniciantes na fé diziam aos agentes, que suas mulheres é que tinham a crença em Deus. Em seguida menciona: “tudo isso é uma reação a perseguição religiosa desumana, e o governo soviético deve se convencer de que não se pode matar a religião”²²⁴. Um trecho mais adiante no artigo relata:

A imprensa da Ucrânia soviética publicou um edital da G.P.U. o que poderia considerar-se uma brincadeira, se não fosse reproduzido pela imprensa oficial. Segundo este decreto, os camponeses são proibidos de ir às cidades, a não ser em caso de extrema importância ou de necessidade urgente, contudo munidos de uma autorização motivada pelo soviet local. A imprensa, nos comentários explica, que o decreto é derivado do fato de os agricultores invadirem os mercados da cidade, tentando comprar ou mendigar por algum alimento, o que impede seriamente o fornecimento regular das cidades. Este fato pode considerar-se único nos anais mundiais: ver os produtores de alimentos tentar encontrá-los entre os consumidores!
²²⁵.

²²¹ Cf. CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015, p. 39.

²²² L'OSSERVATORE ROMANO. **Miseria e persecuzione religiose nella Russia sovietica**. 7 jul. 1933. Tradução nossa.

²²³ *Ibid.*, 07 de jul. 1933. Tradução nossa.

²²⁴ *Ibid.*, 07 de jul. 1933. Tradução nossa.

²²⁵ *Ibid.*, 07 de jul. 1933. Tradução nossa.

Como revela o artigo, o decreto da GPU proibia a ida dos agricultores à cidade. Desse modo, os trabalhadores eram impedidos de buscar alimentos na área urbana, mesmo para comprar alimentos, pois, ocorreria desordem nas cidades.

McVay e Luciuk²²⁶ informam que o Secretário de Estado do Vaticano recebeu uma carta com assinatura “A voz”, com data do Natal do ano de 1933, onde seu interlocutor insiste que o papa, dada sua posição, precisaria tomar uma atitude diante do mundo sobre a fome que estava acontecendo na Ucrânia, esquecendo possíveis problemas políticos, necessitava diminuir a fome de milhões. McVay e Luciuk²²⁷ assinalam que diante desse apelo, já seria impossível a Igreja ter evitado a tragédia, até mesmo por causa da data da carta. A fome estava caracterizada como um genocídio e a população não ofereceria mais risco ao regime soviético. A Igreja não teve possibilidade de evitar esse mal, “tudo o que o Santo Padre poderia fazer era oferecer uma oração pelas vítimas que tinham tomado o Pão da Vida [em referência ao texto de João 6,35], o pão diário deles havia sido negado”²²⁸.

4.4 BREVE EXPOSIÇÃO NOS PRONUNCIAMENTOS E DOCUMENTOS PAPAIS

Os governos totalitários marcaram o século XX com derramamento de sangue inocente. As vítimas do Holocausto dos judeus e as vítimas do regime soviético e tantas outras vítimas de massacres desconhecidas reclamam um lugar na história, para que a indiferença não se torne modelo humano e a vida não seja insignificante.

No decorrer dos tempos, em diferentes épocas conforme as mais variadas situações, a Igreja tem buscado intervir nas situações onde a dignidade humana é desrespeitada, não valorizada, chamando atenção para os abusos que podem ocorrer, como as mortes. Vale enaltecer, que “a Igreja Católica, portanto, repudia toda a perseguição, em qualquer lugar e em qualquer tempo, perpetrada contra um povo ou um grupo humano. Ela condena do modo mais firme todas as formas de

²²⁶ Cf. MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine.** Toronto: University of Toronto, 2011, p. xv.

²²⁷ Cf. MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine.** Toronto: University of Toronto, 2011, p. xvi.

²²⁸ *Ibid.*, p. xvi. *Tradução nossa.*

genocídio”²²⁹. Como repudia o que foi se caracterizando o avanço do bolchevismo na URSS, com a vida e os direitos de liberdade ameaçados.

A Igreja Católica também passou a enfrentar novas situações impostas pelo governo soviético. De modo sistemático, buscou-se sufocar e extinguir a religiosidade das massas, o partido bolchevique precisava estar em seu lugar. A propaganda antirreligiosa, então, foi muito utilizada para tirar o prestígio da Igreja, colocando a ciência como ideal de batalha contra a fé. O papa Bento XV, ao saber das aflições do povo na Rússia, procurou promover um auxílio, mas “para além da ajuda material, a preocupação do Santo Padre ia ao povo russo, para que lhe fossem concedidas condições de vida e de governo mais humanas”²³⁰.

O papa Pio XI no começo do regime soviético manteve cautela sobre o comunismo. Com o avançar do regime suas críticas aumentaram nos pronunciamentos, tendo maior expressão na Encíclica *Divini Redemptoris* de 1937, sobre o comunismo ateu²³¹. No início da Encíclica, já menciona a perseguição a Igreja, como imensa e violenta, um grande risco “é o comunismo, denominado bolchevista e ateu, que visa subverter a ordem social e abalar os próprios fundamentos da civilização cristã”²³².

Esta ideia tinha-se mostrado falsamente, como uma promessa de elevação dos humildes, sem imparcialidades, que se teria dignidade e união. Através de um falso comprometimento levou muitos a miséria, exploração da mão de obra e dos recursos naturais. Em nome da coletividade, visando uma igualdade absoluta, os direitos naturais da pessoa humana foram negados, a influência de Deus e dos pais rejeitadas, por serem entendidos como um domínio de autoridade. A família foi considerada como algo produzido e recusava-se dar “à vida humana todo caráter sagrado e espiritual”²³³.

²²⁹ COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. **Nós recordamos:** uma reflexão sobre o Shoah. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_po.html. Acesso em: 15 maio 2019, n. IV.

²³⁰ GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958, p. 29-32.

²³¹ Cf. MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor:** documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine. Toronto: University of Toronto, 2011, p. vi.

²³² PAPA PIO XI. **Divini Remptoris**. Carta Encíclica sobre o comunismo ateu. 4. ed. Documentos pontifícios 1. Petrópolis: Vozes, 1945, n. 2-3.

²³³ DR, n. 8-11.

Com isso, porém, não queremos de modo algum condenar em massa os povos da União Soviética, por quem nutrimos a mais viva afeição paternal. Sabemos como vários entre eles gemem debaixo do jugo cruel que lhes impuseram à força, homens em máxima parte estranhos aos verdadeiros interesses do país, e reconhecemos que muitos outros foram iludidos por enganosas esperanças. Acusamos o sistema e seus fautores, que julgaram fosse a Rússia terreno mais adaptado para pôr em prática um sistema há decênios já elaborado, e que de lá continuam a propagá-lo por todo o mundo²³⁴.

Na Encíclica *Orientales Omnes Ecclesias* (1945)²³⁵, sobre o 350º aniversário da união da Igreja Rutena com a Sé Apostólica, o papa Pio XII fala sobre o sofrimento que os membros da Igreja Rutena vêm passando por manter a união com a Sé Apostólica, muitos são forçados a abandonar a Igreja-Mãe. Todos os bispos e muitos padres foram presos, e sabe-se que as penalidades foram por motivos políticos, e aumentaram-se as perseguições por causa da recusa em negar a fé. Já na Carta Encíclica *Orientales Ecclesias* de 1952²³⁶, sobre a condição das Igrejas Orientais, o papa Pio XII recorda as perseguições sofridas pelo povo ucraniano, mencionando as aflições dos bispos de rito oriental como líderes, os quais foram os primeiros a sentir as ofensas e sofrimentos em defesa da religião²³⁷. Já no discurso aos alunos e superiores do Pontifício Colégio São Josafat²³⁸, no XX aniversário da fundação do Instituto (1952), Pio XII se refere sobre os membros da hierarquia ucraniana, muitos mortos, uns exilados, outros presos nos campos de concentração culpados pela fidelidade ao Bom Pastor, dividiram o pão das lágrimas com outros irmãos.

Um reconhecimento a ser destacado sobre os fatos ocorridos durante o regime soviético ao povo ucraniano, ocorreu com o papa João Paulo II em viagem apostólica à Ucrânia, em 2001. No encontro com os representantes da política, cultura, ciência e indústria lembra os anos de grande miséria ocasionada pelas

²³⁴ DR, n. 24.

²³⁵ Cf. PAPA PIO XII. ***Orientales Omnes Ecclesias***. 350º Anniversario Dell'unione Della Chiesa Rutena Alla Sede Apostolica Di Roma. Carta Encíclica por ocasião do 350º aniversário da reunião da Igreja Rutena à Sé Apostólica. 1946. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_23121945_orientales-omnes-ecclesias.html. Acesso em: 10 de set. de 2018, n. III.

²³⁶ Cf. PAPA PIO XII. *Orientales Ecclesias*. Carta Encíclica sobre a condição das Igrejas Orientais (1952). In: **Documentos de Pio XII - 1939-1958**. São Paulo: Paulus, 1999, n. 10-12.

²³⁷ Cf. OE, n. 12.

²³⁸ Cf. PAPA PIO XII. Discorso Di Sua Santità Pio PP. **XII Agli Alunni e ai Superiori Del Pontificio Collegio di San Giosafat, Nel XX di Fondazione del Loro Istituto**. (14 nov. 1952). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19521114_san-giosafat.html. Acesso em: 10 maio de 2018.

práticas do regime a começar nos anos 30, perdendo milhões de vidas pela fome. Após a libertação dos nazistas, o regime prosseguiu com medidas contra os direitos humanos, com as deportações e muitas prisões, “perseguindo os crentes, e até mesmo tentando apagar da consciência do Povo a própria ideia de liberdade e de independência”²³⁹.

Em encontro com os bispos, João Paulo II recorda o metropolita Andrey Sheptyts'kyi, e cita Pio XII que disse que a morte dele não foi tanto causada pelo avanço da idade, mas pelos tormentos no espírito, enquanto condutor do seu povo. Traz à lembrança também o cardeal Joseph Slipyi sobre os anos de prisão, além de padres, bispos presos e perseguidos, muitos mártires por causa da fidelidade a Cristo e à Igreja. Ainda em sua fala, se reporta que “durante a perseguição comunista, a Igreja greco-católica e a Igreja latino-católica tiveram relações exemplares, que constituíram a sólida premissa do consequente florescimento eclesial”²⁴⁰.

Através de um discurso no encontro com os representantes do conselho pan-ucraniano das Igrejas e organizações religiosas cumprimenta os que possuem a mesma fé, salienta que “a violenta perseguição comunista não conseguiu eliminar da alma do povo ucraniano a aspiração a Cristo e ao seu Evangelho, porque esta fé faz parte da sua história e da sua própria vida”²⁴¹. Adiante, o papa fala sobre a perseguição aos judeus em território ucraniano pelos nazistas, tendo muitos mortos. O povo judeu também se manteve fiel aos seus ancestrais e a sua fé. Em seguida, o papa diz que o que ocorreu deve advertir sobre o que o ser humano pode chegar a fazer movido pela cólera assassina, “quando se ilude pensando poder viver sem Deus! A vontade de se contrapor a Ele e de combater contra qualquer expressão religiosa, manifestou-se com prepotência também no totalitarismo ateu e

²³⁹ PAPA JOÃO PAULO II. **Encontro com os Representantes da Política, Cultura, Ciência e Indústria.** Viagem Apostólica à Ucrânia (23-27 junho 2001). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/june/documents/hf_jp-ii_spe_20010623_ukraina-meeting.html. Acesso em: 10 maio 2019, n. 3.

²⁴⁰ PAPA JOÃO PAULO II. **Encontro com os Membros do Episcopado Ucraniano.** Viagem Apostólica à Ucrânia (23-27 junho 2001). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/june/documents/hf_jp-ii_spe_20010624_ukraina-meeting-episc.html. Acesso em: 10 maio 2019, n. 2; n. 6.

²⁴¹ PAPA JOÃO PAULO II. **Encontro com os Representantes do Conselho Pan – Ucraniano das Igrejas e Organizações Religiosas.** Viagem Apostólica à Ucrânia (23-27 junho 2001). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/june/documents/hf_jp-ii_spe_20010624_ukraina-meeting-panucr.html. Acesso em: 10 maio 2019, n. 3.

comunista”²⁴². Depois, menciona o memorial do Holodomor, os mortos de Bykivnia e da guerra do Afeganistão.

Na Divina Liturgia para beatificação de vinte e oito servos de Deus, o papa João Paulo II cita o papa Pio XII, ao destacar a fidelidade dessas pessoas ao cristianismo e ao pastor de Roma. Assim:

Amparados pela graça divina, eles percorreram até ao fim o caminho da vitória. É um caminho que passa através do perdão e da reconciliação; caminho que conduz à luz resplandecente da Páscoa, depois do sacrifício do Calvário. Estes nossos irmãos e irmãs são os representantes conhecidos de uma multidão de heróis anónimos homens e mulheres, maridos e esposas, sacerdotes e consagrados, jovens e idosos que no decurso do século XX, o "século do martírio", enfrentaram a perseguição, a violência e a morte para não renunciar à sua fé²⁴³.

Logo após, o papa faz referência ao metropolita Andrey Sheptyts'kyi, reconhece a importância do seu trabalho pastoral, e recorda a própria experiência na juventude, nomeando esses tempos como sombrios, “apocalípticos”²⁴⁴.

Em 2003, por ocasião do 70º aniversário do Holodomor, João Paulo II dirige sua mensagem ao cardeal Lubomyr Husar, arcebispo-mor de Lviv dos ucranianos, e ao cardeal Marian Jaworsky, arcebispo de Lviv dos latinos. É importante lembrar as adversidades de determinado povo, para que as pessoas possam no futuro reconhecer a dignidade humana. A evocação a Deus sobre esses acontecimentos transforma-se em conforto ao sofrimento, atinge outros povos, se aproximando pela semelhança da dor. Portanto:

São estes os sentimentos que o 70º aniversário das tristes vicissitudes do Holodomor inspira ao meu coração: milhões de pessoas sofreram uma morte atroz devido à nefasta eficiência de uma ideologia que, durante todo o século XX, causou sofrimentos e lutos em muitas partes do mundo. Por esta razão, Venerados Irmãos, desejo estar espiritualmente presente nas celebrações que se realizarão na recordação das inúmeras vítimas da grande carestia provocada na Ucrânia durante o regime comunista. Tratou-se de um desígnio desumano praticado com determinação cruel pelos detentores do poder naquela época.

²⁴² PAPA JOÃO PAULO II. **Encontro com os Representantes do Conselho Pan – Ucraniano das Igrejas e Organizações Religiosas**. Viagem Apostólica à Ucrânia (23-27 junho 2001). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/june/documents/hf_jp-ii_spe_20010624_ukraina-meeting-panucr.html. Acesso em: 10 maio 2019, n. 5.

²⁴³ PAPA JOÃO PAULO II. **Divina Liturgia em Rito Bizantino para a beatificação de vinte e oito servos de Deus**. Homília do Santo Padre. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010627_ukraina-beat.html. Acesso em: 10 maio 2019, n. 3.

²⁴⁴ *Ibid.*, n. 3-4.

Voltando àqueles tristes acontecimentos, peço a vós, Venerados Irmãos, que vos façais intérpretes do meu pensamento solidário e orante junto das Autoridades do País e junto dos vossos Concidadãos, que me são particularmente queridos. As celebrações previstas, destinadas a restabelecer o justo amor pela Pátria na recordação do sacrifício dos seus filhos, não se dirigem contra outras Nações, mas, ao contrário, desejam despertar no coração de cada um o sentido da dignidade de todas as pessoas, seja qual for o povo a que pertençam²⁴⁵.

Neste período dramático foram muitas as pessoas que padeceram. Durante o qual, muitas famílias foram destruídas e a ordem social abalada. A recordação desses fatos, promove enquanto comunidade humana a obrigação de não os repetir. Desta maneira, “a consciência das aberrações passadas traduz-se num estímulo constante a construir um futuro mais à medida do homem, contrastando qualquer ideologia que profane a vida, a dignidade, as justas aspirações da pessoa”²⁴⁶.

O papa João Paulo II chamou os ucranianos a edificar, a partir dos trágicos eventos, uma sociedade para as gerações presentes e futuras, na busca de sua identidade enquanto país, baseado na lei natural e na construção de uma justiça, sem violência. O papa destaca que herança cristã oriental e ocidental, são chamadas a colaborar com a comunidade europeia sobre o acolhimento e respeito de cada cultura, de cada povo: “desejo que o povo ucraniano saiba olhar para as vicissitudes da história com um olhar reconciliado, confio quantos ainda sofrem devido às consequências daqueles tristes acontecimentos ao conforto interior da Toda Santa, Mãe de Deus”²⁴⁷.

Também o papa Bento XVI, após o *Angelus*, fez menção a memória do 75º aniversário do Holodomor 1932-1933, as milhões de vítimas na Ucrânia e localidades da URSS. O papa anseia “que nunca mais ordenamento político algum possa, em nome de uma ideologia, negar os direitos da pessoa humana, a sua liberdade e dignidade, garanto a minha oração por todas as vítimas inocentes daquela imane tragédia”²⁴⁸, pediu a intercessão da Mãe de Deus para edificação do respeito e da paz nos países.

²⁴⁵ PAPA JOÃO PAULO II. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II no 70º Aniversário do Holodomor.** Mensagens Pontificias. Vaticano, 2003. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/2003/documents/hf_jp-ii_mes_20031123_holodomor-ucraina.html. Acesso em: 30 abr. 2018, n. 2.

²⁴⁶ *Ibid.*, n. 2.

²⁴⁷ *Ibid.*, n. 2-5.

²⁴⁸ PAPA BENTO XVI. **ANGELUS**, 23 de novembro de 2008. Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2008/documents/hf_ben-xvi_ang_20081123.html. Acesso em: 11 maio 2019.

Já o papa Francisco se referiu ao Holodomor em 2013: “saúdo a comunidade ucraniana, que recorda o 80º aniversário do Holodomor, a «grande fome», provocada pelo regime soviético que causou milhões de vítimas”²⁴⁹. Igualmente em 2017, após o *Angelus*, fez saudação aos ucranianos, lembrando o Holodomor: “rezo pela Ucrânia, a fim de que a força da fé possa contribuir para curar as feridas do passado e promover hoje caminhos de paz”²⁵⁰. E em 2018, atraiu a atenção novamente pela ocasião do aniversário do Holodomor, no *Angelus*: “A imagem é dolorosa. Que ferida do passado seja um apelo para todos a fim de que tais tragédias nunca mais se repitam. Rezemos por aquele querido país e pela paz tão desejada”²⁵¹.

4.4.1 Alusões referentes à Igreja do Silêncio pelos papas

Como exposto nesta pesquisa o papa Pio XII começou a se referir à perseguição dos cristãos por causa da fé, como Igreja do Silêncio. Na Encíclica, *Ad Caeli Reginam*, sobre a Realeza de Maria e a instituição da sua festa, recorda esse modo de ser Igreja, imposto perversamente a muitos cristãos, tirando, além disso, seu valor humano. Os meios para livrar-se de tais males, não surtiu efeito. O papa pede a Maria o auxílio para a vitória dessas aflições e para que esses cristãos possam manifestar sua fé. “E, servindo a causa do Evangelho – com o seu esforço concorde e egrégias virtudes, de que no meio de tantas dificuldades dão exemplo – concorram para o fortalecimento e progresso das sociedades terrestres”²⁵².

Outra alusão encontra-se na Encíclica *Ad Petri Cathedram*, sobre o conhecimento da verdade, restauração da unidade e da paz na caridade do papa João XXIII. Os números 71-74 abordam sobre a Igreja perseguida e menciona os muitos padres e bispos exilados, nos cárceres e campos de concentração. Há pessoas perseguidas por manifestarem sua fé e pede orações por todos. No número

²⁴⁹ PAPA FRANCISCO. **ANGELUS**, 24 de novembro de 2013. Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo. Vídeo. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papafrancesco_angelus_20131124.html. Acesso em: 11 maio 2019.

²⁵⁰ PAPA FRANCISCO. **ANGELUS**, 26 de novembro de 2017. [Multimídia]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papafrancesco_angelus_20171126.html. Versão português. Acesso em: 11 maio 2019.

²⁵¹ PAPA FRANCISCO. **ANGELUS**, 25 de novembro de 2018. [Multimídia]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papafrancesco_angelus_20181125.html. Acesso em: 11 maio 2019.

²⁵² PAPA PIO XII. *Ad Caeli Reginam*. Carta Encíclica sobre a Realeza de Maria e a instituição da sua festa (1954). In: **Documentos de Pio XII - 1939-1958**. São Paulo: Paulus, 1999, n. 48.

78 cita as palavras da *Carta a Diogneto*: “nestas belíssimas frases, há coisas que se podem aplicar de modo especial aos cristãos da chamada Igreja do silêncio. Por eles devemos todos de modo especialíssimo pedir a Deus”²⁵³, e pede orações como outras em outras ocasiões por esta Igreja.

No discurso do papa Paulo VI, na terceira sessão do Concílio Vaticano II, fez a referência: aos “nossos irmãos e filhos que vivem nas regiões onde até hoje é negada ou muito diminuída a suficiente e condigna liberdade religiosa, de forma que na Igreja do silêncio e das lágrimas devemos inscrevê-los”²⁵⁴, por sua presença e martírio são merecedores da glória de Cristo.

Encontra-se também nas palavras do papa João Paulo II, no *Angelus* para o início da Semana Santa, sobre a cruz de Cristo. O papa pede para aqueles que estão livres “não podem deixar de olhar para esta cruz e passar em silêncio o testemunho daqueles que pertencem àquela que se costuma chamar a Igreja do silêncio. A Igreja forçada ao silêncio, nas condições da ateização obrigatória”²⁵⁵.

Torna-se importante corroborar o trabalho incessante do papa João Paulo II sobre a Igreja do Silêncio, já no começo do seu pontificado assume essa tarefa. Clama, desde então, sobre os direitos fundamentais do ser humano e para a livre expressão da fé. “Tanto que hoje é largamente reconhecido o contributo relevante da sua acção para as vicissitudes que determinaram a queda do muro de Berlim em 1989 e o sucessivo colapso dos regimes filo-soviético”²⁵⁶. Os povos que viveram sobre o regime da URSS compreendem a importância do papa João Paulo II e o seu contributo para o fim de políticas totalitárias em suas nações.

Esta pesquisa sobre o Holodomor tem apontado até aqui, por fatos históricos, as situações de violência, o sofrimento das pessoas, de modo restrito a situação

²⁵³ PAPA JOÃO XXIII. **Ad Petri Cathedram**. Carta Encíclica sobre o conhecimento da verdade, restauração da unidade e da paz na caridade. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html. Acesso em: 11 de maio de 2019, n. 71-74; n. 78.

²⁵⁴ PAPA PAULO VI. **Discurso do papa Paulo VI na clausura da terceira sessão do Concílio Vaticano II**. 21 de novembro de 1964. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html. Acesso em: 11 maio 2019.

²⁵⁵ PAPA JOÃO PAULO II. **ANGELUS**, 30 de março de 1980. Domingo de Ramos. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1980/documents/hf_jp-ii_ang_19800330.html. Versão português. Acesso em: 11 maio 2019, n. 3.

²⁵⁶ L'OSSERVATORE ROMANO. **Wojtyla**. 26 abr. 2014. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/wojtyla-por>. Acesso em: 11 maio 2019.

religiosa dos fiéis e da Igreja. A seguir, a compreensão será um ensaio em perspectiva teológica sobre o Holodomor.

5 HOLODOMOR: UMA LEITURA A PARTIR DA SENSIBILIDADE TEOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

A perspectiva cristã contemporânea introduz um novo olhar sobre as realidades. Mediante à religião, em sentido cristão, pela Igreja²⁵⁷, o ser humano busca saciar as aspirações escondidas em seu íntimo, assim como não se torna alheio as questões que surgem relacionadas a religiosidade, como evidencia os primórdios do seu passado, o *homo religiosus*. Naturalmente “o homem, com efeito, desejará sempre conhecer, ao menos confusamente, o significado de sua vida, de sua atividade e de sua morte”²⁵⁸. A religiosidade, nesse sentido, certamente influencia profundamente o ser humano, consciente de sua presença ou não. Além do mais, o empenho para unidade da família humana é um dado religioso, um querer divino²⁵⁹.

O comprometimento da teologia e das outras ciências humanas se torna sempre necessário para uma ampla e adequada compreensão do humano e do divino, como o ambiente que o circunda. Por conseguinte, “longe de prejudicar a revelação teológica ou de estar em concorrência com ela, a revelação antropológica é inseparável dela. Esta fusão das duas é reclamada pelo dogma da Encarnação, o mistério da dupla natureza, divina e humana, de Jesus”²⁶⁰. Conhecer o ser humano e suas ações se torna fundamental. A violência e o sofrimento nas tragédias causadas ou impostas às vítimas, por ações governamentais, intimam uma resposta, enquanto sinal de algo a ser transformado.

Distante de excluir a análise técnica das ciências sobre tais eventos, a perspectiva cristã traz um pensar diferenciado sobre as tragédias naturais ou desumanas, se torna um auxílio quando se aproxima dessas realidades, até mais verdadeiro. Em razão de que, essa reflexão parte das vítimas e procura encontrar as reais motivações, sem justificativas desonestas, para superar a apatia, a barbárie conduzindo a atos mais humanos²⁶¹. Uma perspectiva ao despontar de baixo, olha a

²⁵⁷ O termo Igreja se entende aqui para além da instituição.

²⁵⁸ CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et Spes*. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. Coord. Frei Frederico Vier, OFM.13. ed. Petrópolis: Vozes. 1979, n. 41.

²⁵⁹ Cf. GS, n. 42.

²⁶⁰ GIRARD, René. **Eu via satanás cair do céu como um raio**. Col. Crença e Razão, Dir. Antonio Oliveira Cruz. Trad. Dorindo Carvalho. Ed. Instituto Piaget: Lisboa, 1999, p. 234.

²⁶¹ Cf. SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p.44-48.

humanidade e seus episódios dolorosos, mediante a experiência dos sofredores, na construção de uma vivência mais sublime, sem as amarras de padrões excludentes pré-estabelecidos, contemplando toda a singularidade da vida²⁶².

Na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*²⁶³, sobre o sentido cristão do sofrimento humano, João Paulo II sublinha que o sofrimento se encontra cravado na humanidade, mostrando-se para além da dor. A sua amplitude é identificada quando se discerne sua dimensão física e espiritual, “o *sofrimento físico* dá-se quando, seja de que modo for, ‘dói’ o corpo; enquanto o *sofrimento moral* é ‘dor de alma’”²⁶⁴. Ocorre o sofrimento de certo modo, por causa de um mal, ou ainda, em justificativa de um bem do qual não se pode participar, um bem distorcido, que o ser humano se torna privado. Ao perceber o sofrimento como um universo pessoal e coletivo, entende-se sua singularidade e também sua extensão social. Os seres humanos compartilham seus sofrimentos, procuram compreensão. Em dados momentos da história isso é notável, como nas catástrofes, epidemias, tragédias ou de outras procedências como “no flagelo da fome”²⁶⁵.

A fome tem sido algo que ressurgue conforme o transcorrer da história, ocasionada em determinados contextos por acontecimentos naturais, entretanto, também provocada pela ação humana. “No decurso da história, esta tragédia repete-se infelizmente, mas a consciência contemporânea compreende melhor que outrora que a fome constitui um escândalo”²⁶⁶. Evidentemente os pobres são os primeiros a serem atingidos, em seguida os idosos e as crianças. O Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* exorta sobre a questão da fome, “o Sagrado Concílio insiste com todos, particulares e autoridades que, lembremos daquela sentença dos Padres: ‘Alimenta a quem está morrendo de fome, porque, se não o nutriste, mataste-o’”²⁶⁷.

²⁶² Cf. BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 43.

²⁶³ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. *Salvifici doloris*. Carta Apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano. São Paulo: Paulinas, 1984, n. 5.

²⁶⁴ SD, n. 5.

²⁶⁵ SD, n. 7-8.

²⁶⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO «COR UNUM». **A Fome no mundo um desafio para todos: o desenvolvimento solidário**. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/corunum/corunum_po/pubblicazioni_po/rc_pc_corunum_doc_04101996_world-hunger_po.html. Acesso em: 10 jul. 2019, n.5.

²⁶⁷ GS, n. 69.

No Brasil, no ano de 1932 e 1942, a fome produziu suas vítimas no Nordeste brasileiro. Diante de uma grande seca, a falta de alimentos se fez mais grave conforme foram aplicadas as medidas governamentais, em resposta a essa questão social nesses períodos. Assim, “[...] um amplo programa de criação de campos de concentração, em que os retirantes fossem induzidos a entrar e proibidos de sair, foi implementado com total apoio da Interventoria Federal no Ceará”²⁶⁸. As condições de sobrevivência eram mínimas, sem resolver o problema da fome, a situação gerou circunstâncias sub-humanas, causando muitas mortes.

5.1 ALGUNS ELEMENTOS PARA UMA APROXIMAÇÃO ANTROPOLÓGICA-TEOLÓGICA DA TRAGÉDIA

Na medida em que se constata as causas da morte pela fome, permite-se indicar meios responsáveis para evitá-la. Se porventura sua causa é por motivações políticas, caracteriza-se como um crime humanitário, exemplos de casos vivenciados no século XX como na Bósnia [em Sarajevo], Etiópia, Biafra e União Soviética. No interior do governo soviético destaca-se o bloqueio de alimentos aos ucranianos sob o governo de Stalin, a começar sistematicamente no ano de 1930, produzindo em consequência milhares de mortos. Permaneceu muito tempo ignorado, contudo depois da abertura dos arquivos do Kremlim, essa tragédia se confirma²⁶⁹. Essa morte, como já mencionado nesta pesquisa, recebe o nome de Holodomor.

Diante da complexidade do Holodomor e a busca de uma aproximação teológica, em um primeiro momento destacam-se por si só a violência, o sofrimento humano e a religiosidade presente no contexto das vítimas. O Holodomor torna-se, um dos pontos de elevação trágica, dentro do regime, cometido ao povo ucraniano, e um marco expressivo enquanto tragédia imposta aos povos da URSS. “A ‘grande fome’ foi também o princípio do ‘grande terror’ – o segundo massacre totalitário, com

²⁶⁸ NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 107-129, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882001000100006&lng=en&nrm=1. Acesso em: 25 ago. 2019, p. 108-122.

²⁶⁹ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO «COR UNUM», **A Fome no mundo um desafio para todos: o desenvolvimento solidário**. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/corunum/corunum_po/pubblicazioni_po/rc_pc_corunum_doc_04101996_world-hunger_po.html. Acesso em: 10 jul. 2019, n.16.

a depuração massiva dos comunistas, que completou o domínio de *Estaline* sobre o partido comunista russo”²⁷⁰, e dos povos que já estavam sob seu domínio.

Outros modos de violência e sofrimento fizeram parte de um plano sistematizado durante o período do governo soviético. “Uma pessoa pode morrer em decorrência de tortura ou de fome sistemática, ou porque o campo está superpovoado e há necessidade de liquidar o material humano supérfluo”²⁷¹. As vítimas, assim, tornam-se milhares, questões em âmbito pessoal e coletivo surgem sobre o agir do ser humano e o agir de Deus.

Uma das funções da religião consiste em instigar o ser humano a encontrar a verdade²⁷² e também o controle das possíveis inclinações ao mal. Basílio de Cesareia²⁷³ em *A origem do homem, primeira homília: à Imagem*, reporta-se aos animais selvagens presentes no íntimo do ser humano, tendência natural, de inclinações e impulsos que podem surgir no humano, dado característico do homem enquanto animal. “Tens dentro de ti uma turba enorme de feras [...] Que haverá de pior do que o homem não conseguir manter-se no seu interior, vencido pela paixão, quando a ira expulsa a razão, apossando-se do governo da alma?”²⁷⁴. Ao passo que o conhecimento interior²⁷⁵ da condição humana, conduz a uma reflexão para o domínio de suas vontades, desejos e atos juntamente, libertando-o da “escravidão de suas paixões”. Com a prática dos princípios de uma fé verdadeira se terá a partir de cada “um”, uma possível fonte de paz e amor. “Curemo-nos, portanto, primeiro a nós mesmos”²⁷⁶.

Os sofrimentos produzidos pelos problemas sociais devem ser conhecidos, precisam encontrar o seu lugar, levando a sensibilização da consciência do sujeito e do coletivo. Contudo, há dores silenciadas, escondidas no íntimo do ser humano. Muito menos “devemos ignorar as feridas não curadas dentro de nós mesmos:

²⁷⁰ GASPAR, Carlos. *A Grande Fome na Ucrânia (1932-1933)*. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 44.

²⁷¹ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 588.

²⁷² Cf. Jo 14, 6. “Eu sou o caminho a verdade e a vida”.

²⁷³ Cf. BASÍLIO DE CESAREIA. **Homilia sobre Lucas 12. Homilia sobre a origem do homem. Tratado sobre o Espírito Santo**. 2. ed. Trad. Introd. e notas Roque Frangiotti; Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo, Caxumbu (MG). Col. Patrística. São Paulo: Paulus, 2005, p. 48-61.

²⁷⁴ *Ibid.*, p. 59-60.

²⁷⁵ Cf. Dt 15,9. “Fica atento a ti mesmo”. As citações bíblicas nesta pesquisa seguem a referência da BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2010.

²⁷⁶ Cf. BASÍLIO DE CESAREIA, *op. cit.* p. 59-61.

quando admitimos sua existência e buscamos sua cura, também contribuímos para a ‘cura do mundo’²⁷⁷, e as dores de grupos, nas cidades e nos países. Admitir a presença do sofrimento remete ao questionamento de sua causa, e acaba se deparando com a violência. A violência e o sofrimento parecem estar sempre juntos.

Na perspectiva cristã, encontra-se a violência inserida na vida humana pela ação do homem, ocasionada pelo afastamento de Deus. Posteriormente, “ao ato voluntário com que o homem altera a ordem divina, o mundo conhece o derramamento de sangue e a divisão: a violência se manifesta nas relações interpessoais (cf. Gn 4,1-16) e sociais (cf. Gn 11,1-9)”²⁷⁸.

O CDSI ainda acrescenta “a paz e violência não podem habitar na mesma morada, onde há violência aí Deus não pode estar”²⁷⁹. Logo, torna-se preciso recordar que o sofrimento e a violência vivenciados por Jesus, na semana da Paixão, demonstram uma verdade da face humana. Ele se torna vítima e um símbolo, que reclama um novo modo de agir do ser humano frente as feridas ocasionadas por vezes pelo poder dos governantes. Jesus mostra a veracidade da face da violência. Ademais a verdade, a busca dela, é tema de um dos diálogos realizados por Pilatos e Jesus durante a realidade da dor e o do sofrimento²⁸⁰, e o próprio Jesus acaba se revelando como a verdade: “Eis o homem”²⁸¹.

O líder do regime soviético pode ter com certa maestria, silenciado a voz das vítimas, contudo como expõe Babiak²⁸² “[...] o grito dos inocentes reprimidos pela fome rasgou o silêncio dos túmulos à espera de uma resposta justa. Stalin conseguiu silenciar milhões de vivos, mas não conseguiu silenciar os mortos”. O terror da fome, a morte, o sofrimento, ecoaram e ecoam pela história aludindo-se de certa forma a fala divina ao questionar Caim: “Onde está teu irmão?” (Gn 4,9) e “Que fizeste? Ouço o sangue do teu irmão, do solo, clamar para mim” (Gn 4,10). Atualiza-se essa cena na vivência e nas relações humanas. De tal maneira, “é antropológica

²⁷⁷ HALÍK, Tomáš. **Toque as feridas**. Sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 17.

²⁷⁸ CDSI, n. 488.

²⁷⁹ CDSI, n. 488.

²⁸⁰ Cf. Jo 19, 5; Cf. HALÍK, Tomáš. **Toque as feridas**. Sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 28-33.

²⁸¹ *Ibid.*, p. 33-34.

²⁸² BABIAK, Augustyn. **La Chiesa greco-cattolica e l’Holodomor (1932-1933)**. Conferenza «85° anniversario del genocidio ucraino, 1932-1933; organizzata dal Consolato generale ucraino e dalla Chiesa greco-cattolica ucraina in Italia, a Milano, dal 24 al 26 novembre 2017, p. 5; *Tradução nossa*.

e socialmente fundamental, pois na Bíblia o assassinato de Abel – não somente o pecado de Adão e de Eva – está na categoria de ‘pecado original’²⁸³. Pois, o sofrimento, a barbárie, a crueldade e desumanidade têm permeado o mundo todo.

5.2 O CLAMOR DAS VÍTIMAS

Nos mais variados contextos da vida, o histórico de episódios com vítimas inocentes tem continuado e crescido. Houve um grande avanço tecnológico, no entanto, o avanço nas relações pessoais ou de grupos ainda carece de mudanças significativas. Os padrões que legitimam tal situação, vem se estabelecendo como um triste legado da história humana. Mesmo da parte daqueles que devem, deveriam ou dizem promover a vida.

Em continuidade, há de se considerar que a contemporaneidade por vezes designa ao termo história uma conotação que alude a sentença julgadora sobre os fatos, com tendência a distanciar-se de uma reflexão crítica. No seu lugar, a memória tem exercido a função de olhar o passado de modo singular, no qual se encontram muitas mortes, recordando-as²⁸⁴.

Ao olhar para a vítima no contexto das antigas religiões, esta aparece como sacrifício privilegiado a determinada divindade. Sucessivamente, o sacrifício vitimário passou a ser considerado pela nação como um ato heroico em defesa do país, uma forma de patriotismo. Conforme Hartog²⁸⁵, os cidadãos combatentes se tornam a redenção social do país, formando outro sentido para a vítima. Institui-se, portanto, um tipo de religião civil de martírio, propiciando um modo de educação servil que alimenta a formação do totalitarismo. A vítima, dessa maneira não é reconhecida, permanece no anonimato.

Os crimes contra a humanidade e as tragédias continuam ocorrendo, no entanto, antes da busca pelas razões e dos porquês, parece ser mais fácil o apelo a justificativas e, antes de sensibilização e mudanças, há a indiferença e o

²⁸³ SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 49.

²⁸⁴ Cf. HARTOG, François. El tiempo de las víctimas. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 44, p. 12-19, dez., 2012. Trad. Andrea Mejía. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/1326319715/fulltextPDF/61B4C52C5A624777PQ/1?accountid=40690>. Acesso em: 28 abr. 2018, p. 12.

²⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 12-13.

esquecimento. Sobrino²⁸⁶ chama a atenção sobre a ocorrência de tragédias provenientes da natureza, como os terremotos, ou causadas por desumanidade, exemplos o terrorismo e a barbárie, demonstram um sinal, e alude a Paul Ricoeur, dizendo que o símbolo instiga a uma reflexão. “Esse pensar não tem nada de diletante, mas exige conversão pessoal e mudança estrutural. Pode oferecer utopia. Mas principalmente, interpela e faz perguntas que não podem deixar de ser ouvidas”²⁸⁷.

É necessário sensibilizar e refletir, colocar-se continuamente dentro da realidade que circunda, a partir das tragédias, do sofrimento, construindo espaços onde o mecanismo vitimário não seja considerado necessário, alimentando um círculo vicioso das mais variadas formas de violência. Além disso, é preciso perguntar-se como se verifica o valor do humano: através do poder, dos bens ou pelas qualidades de alguns sujeitos. Talvez seja determinado pela insensibilidade diante daqueles que sofrem ou quem sabe seja dos que são impostamente calados²⁸⁸.

Interpelar a falta da presença de Deus nestas ocasiões, obtêm como resposta o seu silêncio. Remete talvez a situação de Jó para os fiéis, e não obstante, ocasiona no dilema da existência/inexistência Divina para os intelectuais e descrentes. Nada obstante, “a religiosidade do ser humano o remete, na sua necessidade ou aflição, ao poder de Deus no mundo”²⁸⁹. Diante das situações de grande maldade a interrogação sobre a ação de Deus é realizada, uma peculiaridade humana²⁹⁰, e também assim foi do papa Bento XVI quando visitou o campo de concentração em Auschwitz-Birkenau, em viagem à Polônia, a pergunta dirigida a Deus surgiu: por que esse silêncio? Em seguida mencionou as lápides nos vários idiomas, em memória das vítimas. Na frente da lápide escrita em russo, recordou os soldados russos mortos no confronto com os nazistas, eles libertaram

²⁸⁶ Cf. SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 17.

²⁸⁷ SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 17.

²⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 18.

²⁸⁹ BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 488.

²⁹⁰ Cf. PAPA BENTO XVI. **Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau**. 28 de maio de 2006. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_benxvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html. Acesso: 29 dezembro 2019.

peessoas de uma ideologia, no entanto, ao mesmo tempo estavam, sob outra ideologia, a ditadura de Stalin.

Um fator a ser destacado é que “a fé introduz um grande bem em nosso mundo. O grande bem é que as vítimas podem e devem pedir contas. E que os responsáveis – sejam quais forem – têm que prestá-las”²⁹¹. Por conseguinte:

A implicação da *teodicéia*, pedir contas a Deus, questioná-lo diante do mal no mundo, é a formulação *religiosa* de algo mais profundo e que tem seu equivalente secular na *antropodicéia*, ou seja, em justificar o ser humano na presença do mal no mundo. Talvez a simetria que propomos ao usar o termo “antropodicéia” não pareça adequada, pois, no tocante a Deus, o problema consiste, formalmente, em que, podendo superar o mal, não o faz, ou, querendo, não pode: Deus não é tão Deus como se pensa, e disso – com esse radicalismo – não se poderia acusar os seres humanos. No entanto, as coisas não são tão simples. Anualmente morrem 50 milhões de seres humanos devido à fome ou de doenças causadas pela fome. Não há então desculpa – como, nos terremotos, não haveria para Deus, por assim dizer –, pois bastaria dedicar um por cento do produto mundial para suprimi-la²⁹².

Para longe de uma comparação radical entre esses dois termos, antropodiceia e teodiceia, é preciso lembrar a responsabilidade da humanidade diante dos males, como por exemplo a fome. O culpar Deus invoca também o culpar o humano sobre o que, enquanto família humana, poderia ser feito. Essa interrogação vai de encontro ao porquê da morte de tantos seres humanos, e até que ponto a humanidade tem a capacidade ou deseja destruir o mal. Questionar a ação de Deus e do homem ainda traz a não solução do problema do mal, e permanece como uma interpelação: “a pergunta e a queixa a Deus e aos seres humanos é onde estavam ‘ambos’ em Auschwitz, Hiroshima, o Gulag... Onde estão hoje nos Grandes Lagos, no Haiti, em Bangladesh, países que vivem conosco”²⁹³. Neste ponto, é preciso destacar que “a Bíblia remete o ser humano à impotência e ao sofrimento de Deus; somente o Deus sofredor pode ajudar”²⁹⁴. O poder de Deus está neste mundo ao vivenciar o sofrimento, ao assumir a cruz, é aí que Cristo ajuda, toma a cruz do ser humano, participa das mazelas humanas, o “Deus conosco”.

²⁹¹ SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 56-57.

²⁹² *Ibid.*, p. 57. *Grifos do autor.*

²⁹³ *Ibid.*, p. 57-59.

²⁹⁴ BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão:** cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 488.

No decorrer dos tempos, com o avanço dos estudos da mente, a vítima passou a ser compreendida pelos seus sofrimentos, impactos e aflições. Deste modo, “a transformação do status da vítima traz consigo, como é natural, releituras de certos episódios da história”²⁹⁵. Houve conseqüentemente uma nova visão de justiça e novos apontamentos de crime contra a humanidade, na busca de sanar as feridas da sociedade, com progressos para o futuro. No caso da memória pode ocorrer uma identificação patriótica, por compartilhar socialmente, particularmente e diversamente a mesma tragédia, como no caso do Holodomor 1932-1933. A Assembleia da Ucrânia, em 2006 reconhece em lei esta tragédia como genocídio cometido ao povo ucraniano, trazendo a memória com eventos comemorativos. “A tragédia foi assim transfigurada em um patrimônio em torno da qual poderia ser reconstruída uma identidade coletiva. Sua inserção no quadro da lei permitiu que um ucraniano se reconhecesse como vítima”²⁹⁶. É um modo de admitir o sofrimento da vítima, dar voz a seu sacrifício silencioso.

O processo histórico demonstra uma persistente atualização do mal. A perspectiva cristã ao percebê-lo nas realidades traz como função de não consentir a sua normalidade. Não aceita a negatividade como sendo necessário para implementação de novos modelos, usando desse modo, milhares de justificativas²⁹⁷. Além disso:

[...] quando a queixa das vítimas inocentes não é mais coberta por argumentos de justificação, essa queixa nua é levada ao estado de puro grito. Uma vez mais, o movimento de ida e de volta, da lamentação ao louvor, do louvor à lamentação – essa alternância dramática subentendida no livro dos salmos – é reativada. Enquanto a teoria da retribuição torna igualmente culpáveis vítimas e algozes, a lamentação revela os algozes como algozes e as vítimas como vítimas. Assim podemos fazer memória das vítimas pelo que elas são: a saber, os portadores de uma lamentação que nenhuma explicação é capaz de abrandar²⁹⁸.

A tragédia imposta pela fome na Ucrânia, durante o regime soviético, necessita ser vista e compreendida além de uma problemática histórica, aliás, ela

²⁹⁵ HARTOG, François. El tiempo de las víctimas. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 44, p. 12-19, dez., 2012. Trad. Andrea Mejía. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/1326319715/fulltextPDF/61B4C52C5A624777PQ/1?accountid=40690>. Acesso em: 28 abr. 2018, p. 14. Tradução nossa.

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 15-16. Tradução nossa.

²⁹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 59.

²⁹⁸ RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Trad. Paulo Meneses. Campinas: Loyola, 2006, p. 242.

deve ser posterior. O seu entendimento envolve o sofrimento de milhares de pessoas ressoando na vida cotidiana deste povo²⁹⁹, as suas consequências são ainda sentidas. O Holodomor é uma realidade perturbadora e viva no íntimo do povo, tanto no sentido pessoal, quanto no senso coletivo dos ucranianos e seus descendentes.

5.3 A REALIDADE A PARTIR DO “OLHAR” DAS VÍTIMAS

Olhando o processo da coletivização e *deskulakização*, o modo como foram desencadeando-se os acontecimentos para o Holodomor, faz com que seja importante “escutar” o testemunho de alguns sobreviventes sobre os fatos ocorridos, sua percepção nesses anos de fome, adentrando com compaixão na singularidade de cada sofrimento.

As reflexões provenientes das interpelações sobre o agir humano, conforme Sobrino³⁰⁰, serão mais verdadeiras se forem realizadas a partir das vítimas. A história humana tem comprovado que a problemática do mal necessita buscar seu entendimento no interior de cada realidade, o seu incômodo, desconforto, “é a consumação do ‘estar na realidade’; na linguagem cristã, a encarnação”³⁰¹. É preciso assumir a realidade do mal para poder transformá-la.

O ser humano é chamado a partilhar “o sofrimento de Deus por causa de um mundo sem Deus”³⁰². O que determina o ser humano ser religioso, não é uma alguma fórmula, um certo ato específico. Cristo provoca a existência, em cada um, o essencial do ser humano, isto, na medida da participação na sua “Paixão”, segundo a condição humana. Ele lança luz às desumanidades. Porque “a ‘fé’ é algo inteiro, um ato da vida”³⁰³, na sua totalidade.

No tocante ao contexto das vítimas do Holodomor, evidencia-se a chegada de correspondências anônimas e de representantes de entidades, ao Vaticano. Em duas dessas cartas está descrito a existência de um grande sofrimento do povo

²⁹⁹ Cf. KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. **Holod 1932-1933 rr.** V Ukrayini yak Henotsyd. Movoyu dokumentiv, ochyma svidkiv. Kyiv: Nash chas, 2008. [КУЛЬЧИЦЬКИЙ, Станіслав. **Голод 1932-1933 pp.** В Україні як Геноцид. Мовою документів, очима свідків. Київ: Наш час, 2008], p. 12.

³⁰⁰ Cf. SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 18-23.

³⁰¹ *Ibid.*, p. 22.

³⁰² BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão:** cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 489.

³⁰³ *Ibid.*, p. 489-491.

ucraniano na época da fome, com proporções enormes. O contexto é retratado: mães que procuravam alimentar seus filhos definhados e de muitas outras que acabavam abandonando-os; o surgimento de muitos órfãos; mesmo os não crentes pediam pão em nome de Deus; a ocorrência de muitos roubos, extrema fome e doenças; vinda de milhares de pessoas das aldeias em busca de comida e o impedimento das autoridades daqueles que buscam ajuda; aumento diário do número de mortos; corpos pelas ruas; situações de loucura e canibalismo; a vida social estava generalizada pela desordem. Apesar de toda essa situação e o povo estar morrendo de fome, não se revoltava. A ironia dessas circunstâncias é que o governo soviético armazenava e exportava quantidades enormes de alimentos, ou ainda, destruía e desperdiçava, para não dar a população faminta³⁰⁴.

Os relatos de imigrantes no Brasil, sobreviventes do Holodomor, foram registrados pelo historiador Anderson Prado em 27 de maio de 2016³⁰⁵ com a Senhora Wira Wodolaschka, e em 27 de agosto de 2016³⁰⁶, com a Senhora Lara Basan (nome fictício).

A senhora Wira Wodolaschka expõe que juntamente ao confisco de bens, realizado sistematicamente, surgiu doenças como malária e cólera, que atingiu muitas pessoas. Os equipamentos agrícolas foram jogados por muitas famílias nos rios para não serem dados ao governo. Ela diz que ocorria a fiscalização nas propriedades à procura de alimentos escondidos. Permitia-se um pouco para dar de comer ao gado que ainda permanecia em posse das famílias. Seu pai, assim como outras famílias, escondeu alimentos onde conseguiu e também na terra, para poder saciar a fome da família. Aliás, a neve impedia a procura de mantimentos e se fossem encontrados qualquer tipo de comida ou vestígios de preparação de alimentos, considerava-se como furto ao Estado, tendo severa punição. Mesmo

³⁰⁴ Cf. AES, Pro Russia, box 11, fasc. 74; f. 53r-54v, Anonymous to Wienken, [Ukraine], 7 April 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine.** Toronto: University of Toronto, 2011, p. 5; AES, Pro Russia, pos. 644, fasc. 29; f. 4r-4r, Andrievsky to Pacelli, (prot.2840/33), annex dact. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine.** Toronto: University of Toronto, 2011. p. 71-72.

³⁰⁵ PRADO, **O jornal ucraniano – brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933).** 2017. 223 f. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 15 out. 2017. p. 148-178.

³⁰⁶ *Ibid.*, p. 179-199.

após a morte de Stalin, e eles mudando de lugar, a perseguição era diária³⁰⁷. Ela explica como era sentida essa fome:

Eu dei uma entrevista a um jornal, (Gazeta do Povo) há sete ou oito anos, e a moça perguntou-me: “O que a senhora sentia? Sentia raiva, ódio...? Falei, não, moça! A cabeça com fome não funciona, a pessoa só pensa na comida, de noite não consegue nem dormir. Não é assim... Ah, fominha! Não! Passavam-se dias, às vezes até semanas, só água! E de água, a pessoa fica toda inchada. A minha mãe que começou.... Inchar as pernas dela, toda. Então chegou a primavera, trinta e três. Nós comíamos já flores das árvores, aqui se chama acácia, aquilo era comida predileta nossa³⁰⁸.

A senhora Wira ainda relata que as pessoas que morriam eram recolhidas e enterradas. Ela não sabia quem e nem como realizava essa função. O seu pai não deixava que os filhos vissem, mas, ela sabia da dificuldade por causa da neve. Depois do inverno, os animais recebiam comida porque trabalhavam na terra. A mãe, quando ia trabalhar na fazenda coletiva, tirava um pouco do cereal dos animais misturando com pouco de capim fazia bolinhos para eles comerem. Quando o mundo começou a saber que na Ucrânia havia uma grande fome, os líderes do governo soviético deram para determinadas aldeias uma porcentagem de alimentos e ainda um pouco de remuneração, pois, assim mostrariam outra situação à comunidade internacional. Quanto a religião, a senhora Wira relata a iniciativa dos representantes do governo de eliminar o clero 1929-1930, e que poucos padres conseguiram se refugiar em algum lugar. Durante o período da fome, a oração era feita quando era lembrado e os sentidos humanos permitiam. Ela destaca que a fé do ucraniano é muito grande e sempre se rezava antes das refeições. Sobre a Igreja da sua aldeia, recorda-se de sua beleza, construída em madeira, por encaixes, mas destruída já em 1929³⁰⁹.

Na entrevista com a senhora Lara Basan, a fome nos anos de 1932-1933 é descrita:

³⁰⁷ Cf. WODOLASCHKA, Wira. Entrevista realizada com a sra. Wira Wodolaschka, Imigrante Ucraniana, residente em Londrina/PR. Concedida a Anderson Prado em 27 de maio de 2016. In: PRADO, **O jornal ucraniano – brasileiro Prácia**: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933). 2017. 223 f. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 15 out. 2017, p. 154-156.

³⁰⁸ *Ibid.*, p.156-157.

³⁰⁹ Cf. *Ibid.*, p.156-163.

Presenciei, como disse, não tinha o que comer, comia mato, assim nós vivemos um tempinho, morria muita gente de fome, morria na rua igual bicho, carroça catava e fazia uma valeta bem grande e jogavam assim que nem madeira, eu tinha 12 anos, eu “tava” [sic] perto desse túmulo que “tavam” [sic] trazendo os cadáveres e jogava e eu “tava” [sic] olhando aquilo, criança né, e aí trouxeram e já estava cheio, buraco grande e já não tinha mais lugar nas aldeias pra colocar tantos cadáveres. Todo dia era a mesma coisa, me lembro bem, não tinha dia que não chegava uma carroça com muita gente morta. Pode ser que não acreditem, mas eu vi e me lembro, tinham pessoas que ainda não estavam bem mortas e mesmo assim, eram enterradas³¹⁰.

A fome era grande nesse tempo. As pessoas se mantinham conforme conseguiam e muitos morreram de fome. O governo soviético impôs altos impostos para as pessoas. Quando não encontravam dinheiro ou comida, os enviados do governo soviético procuravam qualquer coisa para levarem. A comida que havia nas casas era pouca e ainda o que restava era levado pelos responsáveis pela coleta. Também houve casos de canibalismo, a senhora Lara não havia presenciado, mas uma tia sua contou que, os pais ou mesmo os filhos ao morrer, os próprios familiares escondiam o corpo para não ser enterrado e poderem comer, davam para as crianças também. Quando ela arrumou trabalho, algumas vezes pegou de escondido trigo, levou para casa³¹¹.

Outra fonte é a *Coleção Maniak*, onde contém declarações de sobreviventes do Holodomor, em idioma ucraniano e alguns traduzidos para o inglês. Essa *Coleção Maniak*³¹² foi um trabalho desenvolvido por Volodymyr Maniak e sua esposa, Lidiia Kovalenko, com o intuito de trazer para os ucranianos informações sobre o que havia ocorrido na Ucrânia entre 1932 e 1933, recebendo muitos depoimentos. As pessoas se sentiram gratas por poderem falar sobre os tristes

³¹⁰ BASAN, Lara. Entrevista concedida pela sra. Lara Basan, residente em Curitiba-PR, a Anderson Prado em 27 de agosto de 2016. In: PRADO, Anderson. **O jornal ucraniano – brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933)**. 2017. 223 f. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 15 out. 2017, p. 182.

³¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 184-187.

³¹² Cf. HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019. É um projeto do Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) da Universidade de Alberta e da Universidade de Toronto. “Maniak e Kovalenko receberam milhares de relatos a respeito do Holodomor por correio para sua residência em Kyiv. O destino da coleção completa ainda está para ser determinado. Contudo, eles transmitiram aproximadamente 700 das cartas originais a um colega da França, Wladimir Bojczuk (Volodymyr Boichuk), que eles conheceram e fizeram amizade em Kyiv na primeira conferência pública sobre o Holodomor. Atualmente, o HREC está trabalhando com o Sr. Bojczuk para garantir a preservação e acessibilidade dessa coleção única e significativa”. *Tradução nossa*.

acontecimentos naqueles anos e de seus sofrimentos. Alguns desses testemunhos estão mencionados na sequência desta pesquisa.

A senhora Lidia Antonenko-Zhyrenko³¹³ relembra os fatos quando tinha sete anos. Ela fala que não compreendia tudo o que acontecia e seu depoimento na carta é uma percepção dos acontecimentos a partir do seu contexto familiar. Embora o seu pai e a sua irmã tivessem um emprego, não tinham o que comer. Alimentavam-se de folhas ou do que encontrasse na natureza para comer. O sabor dos alimentos, como carne e leite, foi esquecido. Em seguida, todos começaram a inchar, sua irmã foi uma das primeiras a morrer, logo o seu pai. A sua mãe encontrou cevada e foi levar para vender, mas foi presa. Então, a menina encontrava-se sozinha em casa e vieram algumas pessoas para vasculhar, acharam a cevada e levaram. Depois sua mãe retornou e elas foram pedir comida nas famílias, receberam recusa, também não tinham. Mais tarde, alguém doou um pouco de pão. A sua mãe acabou falecendo e ela ficou sozinha. A irmã mais velha então veio buscá-la e a deixou, em seguida, em um orfanato. O seu estado era doentio, quase entregando a vida. A alimentação no orfanato era ruim. De tal modo expressa:

Minha irmã veio, enterrou minha mãe, levou-me para Kherson e me colocou em um orfanato. Neste orfanato, cheguei perto de entregar minha alma a Deus. Contraí febre tifoide e fui colocada em quarentena. Ali, deitados em uma cama, sofriam de eczema, tracoma, disenteria e tifo, e fomos mal alimentados. Por exemplo, aqueles com febre tifoide recebiam *borshch*, pão azedo com espigas que eram tão duras que você poderia bater contra paralelepípedos. De alguma forma, minha irmã veio ver como eu estava e viu um esqueleto cuja pele estava coberta de sarna e os olhos cheios de tracoma. Ela reclamou com seu empregador, Berestetsky, que era o chefe da GPU local e o diretor de orfanatos locais. Depois disso, recebemos lençóis limpos e pãezinhos brancos com manteiga e café com leite. Eu fui levada para um hospital central³¹⁴.

A carta de Hanna Banakh³¹⁵ começa descrevendo que estavam ocorrendo conflitos em 1919 e que acabaram se repetindo em 1930. Os ataques dos

³¹³ Cf. ANTONENKO-ZHYRENKO, Lidia. Letter from Lidiia Antonenko-Zhyrenko to Volodymyr Maniak, June 1989. Regarding events in Nova Zburivka, Hola Prystan raion, Kherson oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³¹⁴ *Ibid.* Tradução nossa.

³¹⁵ Cf. BANAKH, Hanna. Letter from Hanna Banakh to Volodymyr Maniak, 17 December 1988. Regarding events in Onyshky, Orzhytsia raion, Poltava oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE).

representantes do governo começaram em sua vila: mataram os cachorros e prenderam pessoas, ela não sabe para onde foram enviadas. A sua mãe foi levada a um conselho e presa. O seu pai saiu com outros homens em busca de um trabalho, porque não havia nada para comer. A mãe, passado um tempo foi solta, voltou para a casa e foi trabalhar faminta. As crianças também estavam famintas, indo para os bosques para comer grama e acabavam adormecendo lá mesmo por fraqueza. A senhora Hanna descreve uma outra situação de prisão e fome:

Certa vez, meus irmãos e eu chegamos em casa e descobrimos que minha mãe não estava lá, então fomos à vizinha - uma mulher idosa - e perguntamos: "Onde está a mãe?". E a mulher disse "Em uma reunião". Então, voltei para a nossa casa com meus irmãos. Entramos, e a mãe não estava lá, mas havia cinco "autorizados" sentados em volta da mesa, incluindo o chefe da aldeia Yaremenko. [Este último] era membro do Partido, enquanto os outros eram estrangeiros da Rússia. Eles disseram: "As aldeias estão cheias [de grãos] e fomos enviados para coletá-los". E assim, com longos piques, eles começaram a procurá-las. Perguntei: "Onde está minha mãe?" E um dos "autorizados" disse [em russo]: "E quem é sua mãe?" Eu respondi: "Maria Tarasenko". Ele disse: "Chegue mais perto". E ele perguntou: "Diga-nos, menina, você tem grãos?" Meus irmãos começaram a chorar: "Queremos nossa mãe!", e esse homem diz: "Trancamos sua mãe no porão, porque você não vai nos dar seus grãos. Vamos deixá-la sair quando você der para nós". E meus irmãos continuaram chorando. [...] "Queremos comer!". E este comissário diz: "E o que você come?" Então, eu disse a ele: "Nós comemos folhas de tília e azeda", então ele disse: "Agora vamos deixar sua mãe sair", e eles abriram o alçapão para o porão - onde estava muito frio - e mamãe ficou lá, toda congelada. Mal conseguimos chegar em casa a tempo [de salvá-la]³¹⁶.

A senhora Hanna menciona que sua mãe depois disso, recolhia uma erva misturando com farinha e moía no pilão. Apareceu um homem com machado para acabar com esse pilão, ela era ainda menina, sentou-se sobre o pilão para impedir sua destruição, seus irmãos choraram. Mais tarde, sua mãe foi levada novamente para "reunião", ficando três dias detida. Em 1932 e 1933 tudo piorou. A sua mãe estava muito magra e andava a procura de comida pelo campo. Por causa da fome acabou arrancando alguns grãos que encontrou, um vigia vendo isso, bateu nela. Ela machucada ficou com uma espiga agarrada firmemente. Ao anoitecer, começou a sangrar danificando seus pulmões e desse modo ela faleceu. Ao perguntar por sua mãe a vizinha, esta fala que pode ser que já esteja morta. Ela foi então até o homem que recolhia os mortos e juntos foram procurar o corpo de sua mãe. Encontram-na

Maniak Collection. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³¹⁶ *Ibid.* Tradução nossa.

assim como a vizinha relatara. Sempre alguns homens abriam as valas para enterrar os que morriam. A noite os corpos eram recolhidos, pois, caíam como mosquitos mortos³¹⁷.

Nós três ficamos sozinhos e aterrorizados porque [tínhamos ouvido falar que] as pessoas passavam e estrangulavam crianças, roubavam as casas e depois comiam as crianças. Fomos mantidos em segurança por meu tio - o irmão de meu pai - e assim sobrevivemos até que nosso pai chegou com pão e batatas. Mas, mesmo assim, a mãe se foi. Isso foi em 1933 - o ano mais terrível. Mais tarde, esse patrulheiro foi levado a julgamento. As pessoas começaram a gritar que ele havia assassinado muitas pessoas. O nome dele era Zimenko, um membro do Partido³¹⁸.

Outro testemunho, é a narrativa da senhora Natalia Diachenko³¹⁹. Ela lembra com vivacidade alguns sabores:

Até hoje, lembro-me do sabor das folhas de muitas espécies de árvores, com as quais as pessoas se alimentavam durante a primavera de 1933, e do sabor da sopa cozida a partir dos restos de batatas podres descobertas no campo da safra de batatas do ano anterior, bem como [o gosto de] “pão” assado com palha, verme e urtiga. Minha vida acabou de tal maneira que tenho a impressão de que esse infortúnio continua se arrastando até os dias atuais, embora esse seja o outro lado da moeda³²⁰.

A senhora Natalia manifesta certa preocupação pela tendência nas cartas enviadas, em rotular pessoas como inimigas do Estado pelos “sofredores”, mas não se fala a verdade realmente sobre a fome, coloca-se toda a culpa em Stalin. A sobrevivência da sua família foi possível com a vinda de um “tipo de negociantes” ela não sabe quem eles eram. Essas pessoas davam comida em troca de ouro e metais. A sua família obteve farinha vendendo as alianças de casamento, que eram dos seus pais. Questiona, em seguida, quem permitiu a venda de alimentos nessa época, decidindo quem sobreviveria, só pessoas ricas possuíam tais preciosidades.

³¹⁷ Cf. BANAKH, Hanna. Letter from Hanna Banakh to Volodymyr Maniak, 17 December 1988. Regarding events in Onyshky, Orzhytsia raion, Poltava oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³¹⁸ *Ibid.* Tradução nossa.

³¹⁹ Cf. DIACHENKO, Natalia. Letter from Nataliia Diachenko to Volodymyr Maniak, n.d. [1989?] Regarding Events in Stari Vyrky, Bilopillia raion, Sumy oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³²⁰ *Ibid.* Tradução nossa.

Acredita que Stalin não se interessava em aniquilar os trabalhadores e não estava protegendo os ricos. Stalin foi culpado pelos episódios trágicos por ser o líder. Porém, outras pessoas trabalharam para criar a situação das coisas³²¹.

O testemunho de Maria Herasimchuk³²² inicia-se datando o ano de 1932, mesmo o seu pai não entrando na categoria de *kulaks* e não tendo dívidas com o vilarejo, o conselho chegou em sua casa e recolheu os mantimentos, as roupas, também as roupas de cama, e a vaca, sob o protesto da família. O diretor de sua escola a aconselhou escrever para os responsáveis do Comitê, em resposta, devolveram a vaca para a família, isso ajudou a família por um tempo. Mais tarde, a vaca foi entregue para um judeu em troca de pão. Um dia o seu pai e ela foram buscar pão, e ela viu muitas pessoas caídas pelo caminho até a cidade. Estando já no armazém a multidão era imensa, havia muita confusão e gritos, pessoas eram pisoteadas e muitas morreram por causa deste tumulto. Circulou pela aldeia que as pessoas de uma família foram deportadas e mãe deles ficou sozinha, sem ter como sobreviver. Estava deitada no chão, os ratos vieram e começaram a roê-la viva, sem forças para espantá-los, assim morreu. Sobre os animais, também sofreram com a situação, ficavam muito magros acabavam morrendo.

O povo se salvou principalmente [comendo] batatas podres. Eles procuravam nos campos do kolhosp [fazenda coletiva] [...]. As pessoas se salvavam da maneira que podiam. As pessoas não foram as únicas que morreram. O gado, pertencente às pessoas, assim como o gado nos kolhosps, não foram capazes de se sustentar com suas próprias pernas. [...] E os cavalos eram tão magros que também desmoronavam e pereciam. Quando chegava o tempo da primavera de plantar batatas, as pessoas corriam com fervor [para os campos], a fim de roubar e esconder debaixo dos braços pelo menos cinco batatas, e de tal maneira que uma família conseguiria viver mais um dia. Em 1933, essa foi uma grande calamidade para o povo, imensa miséria. É difícil pensar nisso agora e suportar esse horror. E foi assim que Stalin governou sobre nós na Ucrânia³²³.

³²¹ Cf. DIACHENKO, Natalia. Letter from Nataliia Diachenko to Volodymyr Maniak, n.d. [1989?] Regarding Events in Stari Vyrky, Bilopillia raion, Sumy oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³²² Cf. HERASIMCHUK, Maria. Letter from Mariia Herasimchuk to Volodymyr Maniak, 19 December 1989. Regarding events in Ivankiv, Cherniakhiv raion, Zhytomyr oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³²³ *Ibid.* Tradução nossa.

O senhor Ivan Horb³²⁴ traz a sua memória de quando tinha 11 anos de idade. No ano de 1930, seu pai solicitou para entrar trabalhar nos *kolhosp* levando o que tinha de material agrícola. Ainda levou cavalos que deixou presos à árvore. Passado um tempo, retornando viu os cavalos que estavam famintos, com pena deles levou novamente para sua residência. Nos anos 1932 e 1933, seu pai cultivou a terra e conseguiu atingir o objetivo estipulado pelo governo. Estando tranquilo em relação a cota exigida, a família não seria incomodada e guardou o restante no forno. Em 1933, durante o inverno, chegaram representantes do governo atrás dos grãos, não se importando que a família já tivesse cumprido com o que era exigido, encontraram os alimentos que estavam armazenados e levaram para o *kolhosp*. Sua mãe recolheu as sobras armazenando em sacos e disse que aquele era o alimento deles até o novo plantio, tinha nove filhos para alimentar. Ele relembra que era grande a fome entre os meses de abril a maio. Acabando os meios de se alimentarem, seus pais foram à fazenda estatal para poderem comer algo e também levar para os filhos. Os filhos mais velhos tinham partido em busca de trabalho, ficaram os três menores esperando quando os pais voltassem. Houve um dia que sua mãe os levou para recolherem os restos de comida da lanchonete, disse para eles ficarem esperando porque talvez derramassem e eles teriam o que comer. Nessa situação encontravam igualmente idosos e jovens.

Perto de nossa casa havia um campo não cultivado e íamos lá para pastar, flores de cardo cresciam ali. Quando me lembro agora do que vi naquele dia, calafrios correm pela minha espinha. Eu vim para o campo não cultivado, peguei algumas flores de cardo e, quando comecei a comê-las, uma mulher com uma criança nos braços - ambas estavam exaustas - estava andando por perto e me pediram para recolher algumas flores de cardo para ela. Peguei alguns [cardos] e os levei até ela, sentei-me ao lado dela e partimos para comer as flores de cardo. Mas até então ela já estava tão exausta que não tinha forças para limpar o cardo, então eu a ajudei, enquanto a criança chorava com gritos, diferente de qualquer coisa parecida com a de uma criança comum (não consigo transmitir o som adequadamente). Depois de nos sentarmos um pouco, essa mulher, com o filho nos braços, conseguiu, com grande dificuldade, levantar-se e seguir em direção à fazenda estatal³²⁵.

³²⁴ Cf. HORB, Ivan. Letter from Ivan Horb to Volodymyr Maniak, ca 14 December 1988. Regarding events in Smotryky, Pyriatyn raion, Poltava oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³²⁵ *Ibid.* Tradução nossa.

O senhor Ivan se lembra de um dia em que seu pai viajou em busca de mantimentos. Retornou sem nada e narrou para a sua mãe ter visto no bazar um homem que havia comprado uma tigela de sopa, sentou para comer e ao terminar encontrou a ponta do dedo de uma criança. Ivan conta ainda que eram feitas valas para enterrar os mortos, onde os que trabalhavam nelas recebiam um pão por dia, havia fileiras de sepulturas, onde os mortos eram jogados³²⁶.

A carta de Petro Minenko³²⁷ primeiramente contextualiza a situação daquele tempo. Havia um incentivo do governo sobre o novo modo de realizar a agricultura com as cooperativas. Contudo, foram poucas as pessoas que aceitaram entrar para o *kolhosp*. A pressão aumentou aos que não aderissem:

[...] imporiam um pesado "prodrazverstka" [a política de apropriação agrícola excedente] aos camponeses. Se um camponês cumprisse as cotas "prodrazverstka", mas não por usar aquelas culturas de grãos que haviam sido escolhidas por decreto oficial, ele seria cobrado de outras culturas, para que não pudesse cumprir a ordem. Como resultado, esse camponês seria rotulado de "tverdozdavets" (um indivíduo encarregado de cumprir uma cota rigorosa), cuja propriedade e gado passariam por um inventário e seriam posteriormente vendidos em leilão público. A família seria cercada por uma casa ou deportada para o exílio, a fim de perecer. Em relação a atos de sabotagem durante o processo de coleta de grãos por funcionários do partido e agricultores - esses indivíduos não se envolveram em sabotagem de propósito. Pelo contrário, o que realmente ocorreu foi o pesado e inigualável "prodrazverstka"³²⁸.

O senhor Petro menciona que somente os que trabalhassem nos *kolhosp* tinham certa alimentação e poderiam levar algo para casa. No dia recebia-se 500 a 600g de pão. Como aldeias inteiras não possuíam qualquer tipo de assistência, houve casos em que famílias inteiras desapareceram. Quando estava em sua aldeia, ele trabalhava na fazenda da sua família. Nesses anos de 1932 e 1933, ele era aluno em uma vila vizinha e, devido a fome, não tinha quase forças para

³²⁶ Cf. HORB, Ivan. Letter from Ivan Horb to Volodymyr Maniak, ca 14 December 1988. Regarding events in Smotryky, Pyriatyn raion, Poltava oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³²⁷ Cf. MINENKO, Petro. Letter from Petro Minenko to Volodymyr Maniak, 19 December 1988. Regarding events in Velyka Vilshanka, Vasylkiv raion, Kyiv oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³²⁸ *Ibid*. Tradução nossa.

caminhar, não indo mais para a escola. O diretor inteirando-se do caso, pediu as autoridades do *kolhosp* para que ele lá pudesse comer³²⁹.

Quando as pessoas começaram a morrer de fome na primavera de 1933, toda a situação era horrível. As pessoas se reuniam em funerais, choravam e lamentavam. O *kolhosp* fez os caixões e designou pessoas para cavar poços separados para cada indivíduo [cadáver]. Um padre realizaria uma cerimônia de enterro. E mais tarde, quando as pessoas começaram a morrer em massa - 10 a 15 indivíduos por dia - elas seriam enterradas sem caixões em um só poço, independentemente de quantos pudessem em um dia ³³⁰.

Petro recorda que alguns membros de sua família e vizinhos acabaram falecendo. Quando famílias inteiras morriam, a propriedade passava para os *kolhosp*³³¹.

O Senhor Oleksandr Vdovychenko³³² tinha oito anos de idade em 1932 e se recorda de ocasiões durante a fome. Ele se recorda de sua mãe vendendo coisas para ter alimentos e tudo era consumido imediatamente, mesmo assim, lembra que o estomago doía. Com a falta de alimentos e nada mais para vender, foi necessário pedir ajuda aos parentes. Eles davam alguma coisa quando podiam, uma vez receberam cascas de batata, mesmo cozinhando não foi possível comer, era repulsivo. Recorda que certo dia, na estrada que levava a Igreja, um cavalo caiu e morreu, e logo os cachorros começaram a devorá-lo. Voltando para a casa, seu irmão e ele contaram para sua mãe, e imediatamente com eles foi até o cavalo. Os vizinhos já tinham estraçalhado o cavalo, mas mesmo assim eles conseguiram um pedaço de carne. Relata ainda que depois começaram a frequentar a escola e a refeição lá era pouca, ele lembra que não havia carne, mas, às vezes, os cachorros recebiam ossos para comer. Então ele descreve:

³²⁹ Cf. MINENKO, Petro. Letter from Petro Minenko to Volodymyr Maniak, 19 December 1988. Regarding events in Velyka Vilshanka, Vasylkiv raion, Kyiv oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

³³⁰ *Ibid.* Tradução nossa.

³³¹ Cf. *Ibid.*

³³² Cf. VDOVYCHENKO, Oleksandr. Letter from Oleksandr Vdovychenko to Volodymyr Maniak, 26 June 1989. Regarding events in Prylymanske (earlier Tatarka), Ovidiopol raion, Odesa oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

Lá, naquele jardim de infância, vi crianças inchadas pela primeira vez. Eles tinham um tipo de corpo azulado e inchado: se você o pressionasse com um dedo, ele deixaria uma covinha. Depois de comer nossa aveia, eu e meu irmão íamos para a janela da cozinha, da qual às vezes os ossos eram jogados para os cães (mas não me lembro de uma única vez que nos deram carne). Se conseguíssemos pegar um osso antes que os cães o fizessem (e havia muitos), então o roeríamos e o chuparíamos por muito tempo (muitíssimo tempo), e só então o entregaríamos aos cães. [...] Mamãe disse que se vivêssemos para ver a azeda brotar, sobreviveríamos. E assim acabou. Quando a castanheira brotou, ele foi misturada à azeda do cavalo e era possível comer um *borshch* verde, embora sem batatas, mas ainda com o que queríamos ³³³.

Oleksandr termina seu relato mencionando sobre as situações de canibalismo que leu nas memórias da literatura ucraniana, ele diz que não ocorreram casos assim na sua aldeia em Kyiv, somente muita fome³³⁴.

Embora a maioria os relatos acabem se reportando limitadamente a fé, sabe-se a profunda importância do ser religioso para o povo ucraniano. O papa Francisco³³⁵, na audiência geral em 11 de dezembro de 2019, dirige-se aos peregrinos ucranianos em visita a Roma, relembra a perseguição e o sofrimento do povo por causa do Evangelho de Cristo. Uma fé que foi mantida, pois eles se recusavam abandoná-la, foram resistência ao regime soviético e são um modelo. Ele declarou que o martírio é o oxigênio da vivência de um cristão, os mártires sempre existirão, são testemunhas no meio do Povo de Deus.

5.4 BUSCAR A VERDADE NA TRAGÉDIA? CONTROVÉRSIAS

O ser humano traz em si perguntas essenciais sobre sua existência, sobrevivência, sofrimento e futuro, e é chamado a conhecer a si mesmo, procurar a verdade. “O significado profundo do existir humano, com efeito, se revela na livre busca da verdade, capaz de oferecer direção e plenitude à vida, busca essa a que

³³³ VDOVYCHENKO, Oleksandr. Letter from Oleksandr Vdovychenko to Volodymyr Maniak, 26 June 1989. Regarding events in Prylymanske (earlier Tatarka), Ovidiopol raion, Odesa oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019. *Tradução nossa*.

³³⁴ Cf. *Ibid*.

³³⁵ Cf. PAPA FRANCISCO. **Audiência Geral**. Sala Paulo VI; quarta-feira, 11 de dezembro de 2019. [Multimídia]. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papafrancesco_20191211_udienza-generale.html. Acesso: 30 dezembro 2019.

tais questões impelem incessantemente a inteligência e a vontade do homem”³³⁶. Portanto, o desejo pela busca da verdade se dá pelo sentido da existência humana e pela liberdade³³⁷.

Há dificuldades em encontrar a verdade nas situações de cada realidade. Aqueles que conseguem denunciar profeticamente parecem não encontrar êxito na sensibilização da consciência coletiva, mesmo neste tempo onde se fala tanto e se defende a liberdade de poder exprimir os pensamentos. Percebe-se um empenho daqueles que buscam o poder, ao posicionar as vozes proféticas em descrédito e ocultá-las. Os interesses então, dos detentores do poder acabam se sobressaindo, esmagando a verdade. Um certo absolutismo de interesses entra em disputa, colocando a democracia em jogo com indagações de situações menos importantes³³⁸.

“Olhando todo o conjunto, o atual encobrimento da realidade de nosso mundo é um verdadeiro escândalo, cuja consequência fundamental é o atual processo de desumanização”³³⁹. O contraditório se apresenta, pois, o tempo atual possibilita, diferente de outras épocas, muito aprendizado sobre as diversas questões que afligem a humanidade, e igualmente, há mais oportunidade de se fazer algo em prol do próximo. O que falta é vontade ou então, se procura na “globalização: converter uma realidade dura, muitas vezes cruel, em artigo de consumo atraente”³⁴⁰. Deseja-se certa harmonia mundial, uma vida para qual todos estão abrangidos. Não obstante, a realidade que se apresenta é outra, tem-se produzido mais pessoas na margem desse processo. Além do mais:

O que é mais importante nessas reflexões é a conclusão. Vivemos numa cultura do encobrimento, da tergiversação e, através disso, vivemos efetivamente na mentira. Não existe apenas a injustiça estrutural, não apenas a *violência institucionalizada* – como se enfatiza na época de Medellín -, existe também o *encobrimento*, a *tergiversação* e a *mentira institucionalizadas*. E muitos recursos são investidos nisso³⁴¹.

³³⁶ CDSI, n.15.

³³⁷ Cf. Jo 8,32.

³³⁸ Cf. SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 64-65.

³³⁹ *Ibid.*, p.65.

³⁴⁰ *Ibid.*, p. 65-66.

³⁴¹ *Ibid.*, p. 67.

O Iluminismo se empenhou em trazer a verdade combatendo todas as formas que não permitissem encontrá-la, seja de práticas por motivos religiosos ou imperiais. A libertação dessas formas garantiria um mundo mais humano. No Ocidente, essas reflexões constituíram uma sociedade ateia, tido como ideal para a busca da verdade. Estando agora em outro tempo, após a “iluminação”, muitos acabam anunciando um “evangelho de mercado”, sem questionamentos científicos, passando assim a um dogmatismo político, então “acontece que é mais fácil suspeitar e imitar um julgamento crítico sobre Deus, a quem não vemos, do que sobre a realidade feita pelos humanos, que podemos ver bem”³⁴².

Na perspectiva cristã é importante ressaltar que Jesus, como apresenta Sobrino³⁴³, teve sua ação direcionada profeticamente em desmascarar argumentações e situações de desigualdade, as não humanas, situações opressoras que estavam contra a verdade e tinham um uso ideológico de Deus. Jesus aponta a cegueira que pode dominar o ser humano, em não querer ver a realidade, um ver sem realmente ver. Direcionada por vezes a interesses próprios que acarretam em mentira. Outro ponto sinalizado por Jesus no humano, é a tendência em camuflar a realidade, em disfarçar para si mesmo sua vivência, com a hipocrisia, utilizando-se de uma falsa glória. Há a falta de honestidade com a realidade e Deus. Tira-se o sentido real dos mandamentos, substituindo por práticas estimuladas mais por interesses humanos do que no sentido real, desejado por Deus. O relacionamento com Deus³⁴⁴ se entende como o cumprimento de normas religiosas, acaba se compreendendo como uma troca de favores, tira-se, portanto, o sentido da graça. Nessa linha, é mais fácil permanecer com as práticas de fé do que com situações concretas, existe uma fuga do real. De acordo com Sobrino, se tenta “encobrir o que fazemos com a realidade (violação do Oitavo Mandamento) e, às vezes, em buscar uma última justificativa para o que fazemos de injustificável com a realidade

³⁴² SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 67-69.

³⁴³ Cf. *Ibid.*, p. 70-74.

³⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p. 70-74; BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão:** cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 510. “A fé é a participação neste ser de Jesus, é a experiência da transcendência! Da liberdade em relação a si mesmo, da ‘existência em favor dos outros’ até a morte é que provêm a onipotência, a onisciência, a onipresença. A fé é a participação neste ser de Jesus. (Encarnação, cruz, ressurreição). Nossa relação com Deus é uma nova vida na ‘existência para os outros’, na participação no ser de Jesus. O transcendente não são as tarefas infinitas, inatingíveis, mas é o respectivo próximo que está ao alcance”.

(violação do Segundo Mandamento)”³⁴⁵. O ser humano, como tem certa inclinação para o que é certo, tem também para o erro, o pecado, que resulta na ocultação e nas falsidades. Além disso, “a magnitude do pecado vai depender da magnitude do encobrimento. [...] O mal tem seu próprio dinamismo, e o encobrimento e a mentira são essenciais para ele”³⁴⁶. É necessário por isso ouvir a realidade.

Sobrinho³⁴⁷ chama a atenção que a revelação de Deus aconteceu historicamente, porque Ele ouviu a realidade do povo, o clamor de seus sofrimentos e menciona nas palavras de Ellacuría: além desses, ver o sinal iniciando pelo “*povo crucificado*”. Este clamor serve como chave de hermenêutica da realidade e da história. Assim cita o Concílio Vaticano II (GS, n. 4) “discernir os sinais dos tempos”, vendo o período histórico, porém não só esse, também o geográfico.

Conjuntamente é preciso entender as particularidades segundo o contexto cultural de cada nação. “Uma correta antropologia é critério de iluminação e de verificação para todas as formas culturais históricas. O empenho do cristianismo no âmbito cultural se opõe a todas as visões redutivas e ideológicas do homem e da vida”³⁴⁸. Torna-se importante o empenho para manter o valor religioso na compreensão da vida humana, da sociedade. Quando excluído seu contributo, destrói-se a cultura e os princípios sociais da nação, pois esta faz parte do ser humano.

O CDSI³⁴⁹ destaca que “nos conflitos da era moderna, frequentemente no seio do próprio Estado, as disposições do direito internacional humanitário devem ser plenamente respeitadas”. Para isso, a humanidade também, enquanto comunidade universal, necessita entrar em consenso atualizando as definições dos valores e princípios no tocante à vida e a dignidade de cada ser humano. Caso não ocorra um acordo, os padrões de crueldades estarão longe de permanecerem apenas nas páginas da história como um trágico episódio, serão repetidos³⁵⁰. Observa-se ainda que:

³⁴⁵ SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 72-74.

³⁴⁶ *Ibid.*, p. 74.

³⁴⁷ *Cf. Ibid.*, p. 76-77.

³⁴⁸ CDSI, n. 558.

³⁴⁹ CDSI, n. 504.

³⁵⁰ *Cf. CDSI*, n. 505.

As tentativas de eliminação de inteiros grupos nacionais, étnicos, religiosos ou linguísticos são delitos contra Deus e contra a própria humanidade e os responsáveis de tais crimes devem ser chamados a responder diante da justiça. O século XX caracterizou-se tragicamente por vários genocídios: daquele dos armênios ao dos ucranianos, do dos cambojanos aos ocorridos na África e nos Bálcãs. Dentre eles se destaca o holocausto do povo hebraico, a *Shoah*: “Os dias da *Shoah* assinalaram uma verdadeira noite na história, registrando crimes inauditos contra Deus e contra o homem”³⁵¹.

Ao buscar a fundamentação sobre os direitos primordiais do ser humano a comunidade internacional deve intervir nas situações onde existam possíveis situações de ameaças violentas, por causa étnica, religiosa, nacional, ou linguística, a grupos ou a indivíduos. Há uma responsabilidade moral de todos, pois “o princípio da soberania nacional não pode ser aduzido como motivo para impedir a intervenção em defesa das vítimas”³⁵², ao violar o que foi se estabelecido em comum.

Os valores humanos devem ser preservados no futuro, mas é importante reconhecê-los no passado para sensibilizar a consciência da ocorrência ainda de certos modelos. As pesquisas sobre o Holodomor têm trazido grandes avanços na compreensão dos fatos sobre essa tragédia. Algumas pessoas sustentam que o Holodomor não deve ser entendido como genocídio, mesmo confirmando sua criminalidade, sustentam que havia outras vítimas do regime. Sem adentrar o entendimento dos termos crimes contra a humanidade, extermínio e genocídio³⁵³, torna-se preciso destacar “o que aproxima o genocídio dos outros crimes contra a humanidade é a violação generalizada ou sistemática dos direitos humanos naturais

³⁵¹ CDSI, n. 506.

³⁵² CDSI, n. 506.

³⁵³ Cf. VASSYLENKO, Volodymyr. O Holodomor como genocídio. Uma avaliação jurídica. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor**: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 127-128. “[...] qualquer tentativa de “melhorar” ou adaptar as disposições da Convenção de 1948 às especificidades do “genocídio soviético” está condenada ao fracasso. Os investigadores que *adoptam* estas abordagens acabam por desenvolver teses que, contrariando as suas boas intenções, rejeitam de um ponto de vista jurídico a natureza genocida do Holodomor. Por outro lado, é inadmissível que haja investigadores, políticos e cientistas políticos de determinados países a distorcer em plena consciência as disposições da Convenção de 1948 para negar ao Holodomor o carácter de genocídio”; “A natureza do genocídio difere dos demais crimes contra a humanidade, antes de mais, pela sua intenção (e não pelo número de vítimas). Em segundo lugar, não é cometido contra a população em geral, mas sim contra um grupo específico. Em terceiro lugar, o genocídio não se *direcciona* apenas a alguns membros concretos do grupo, mas fundamentalmente contra o grupo em si. Por outras palavras, a característica incontornável do genocídio é o facto de que os membros dos grupos designados na Convenção de 1948 (nacional, étnico, racial ou religioso) são, parcial ou totalmente, exterminados por fazerem parte desse mesmo grupo”.

e das liberdades fundamentais”³⁵⁴. A negação do Holodomor como genocídio é sustentada por alguns pesquisadores, sendo dado não existir provas documentais claras, com esta intenção. Já que, devido a política de administração do regime em ocultar³⁵⁵ a verdade, seja impossível existir tal documentação³⁵⁶.

A propaganda se tornou uma forte aliada do regime soviético para ocultação da grande fome entre os 1932 e 1933 na Ucrânia, denominada Holodomor. A mentira passa a trabalhar com a verdade. Visto que, não há quaisquer informações ou estatísticas fidedignas sobre o número de vítimas entre os anos 1929 e 1937 na URSS, embora haja outras informações sobre os expurgos soviéticos³⁵⁷. Os dados estatísticos enviados para as regiões da URSS, bem como, as condutas a serem tomadas podem ser também enganosas. Essa evidência, como destaca Arendt, explica que “eram tratados como mentiras todos os fatos que não concordassem, ou pudessem discordar, com a ficção oficial, fossem dados sobre as colheitas de trigo, a criminalidade ou as reais ocorrências de atividades ‘contrarrevolucionárias’”³⁵⁸.

Como determinação do Kremlin, era proibido falar da fome que estava ocorrendo. “Foi como se uma parede de silêncio tivesse sido erigida diante do aparelho de Estado e do próprio partido. A propaganda oficial da U.R.S.S. deixava em silêncio as informações sobre a fome do início dos anos 30”³⁵⁹. Mesmo as estatísticas quantos as mortes são silenciadas, se tornaram fraudulentas.

As autoridades e Stalin eram cientes das mortes que estavam acontecendo, no entanto, nada se falava. Mesmo havendo cartas enviadas a Stalin, os indícios da fome deveriam desaparecer, no sentido de nunca ter existido, nem os jornais a

³⁵⁴ VASSYLENKO, Volodymyr. O Holodomor como genocídio. Uma avaliação jurídica. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 125-127.

³⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 130-131. “Veja-se a avaliação presente no relatório do departamento político secreto do Directório Político do Estado da União (DPCE) relativo ao final de 1931 e ao início de 1932: ‘Já há registos de falta de alimento e de subnutrição entre as famílias de agricultores colectivos em várias regiões da RSSU[cr.], como Carcóvia, Kiev [Kyiv], Odessa, Dnipropetrovsk e Vinnytsia’. Contudo, nos documentos oficiais não há uma só menção directa à fome que então grassava, referida apenas através de eufemismos como ‘escassez de alimentos’ e ‘sofreguidão’”.

³⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 129.

³⁵⁷ Cf. ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 417-418.

³⁵⁸ *Ibid.*, p. 424.

³⁵⁹ SANTOS, António Ramos dos. A *trajectória* económica da URSS e a *Grande Fome* na Ucrânia. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 34.

mencionavam. Muitas cartas foram retidas e escondidas para as pessoas não saberem da situação. Os comentários sobre a situação da fome também eram reprimidos, como na saúde investigar as possíveis mortes ou doenças³⁶⁰. E caso o profissional de saúde anotasse os números da ocorrência de mortes, era considerado criminoso e declarado como obra dos *kulaks*. Os dados dos censos por vezes recebiam números ilusórios e quando foram mostrados os números reais da população, Stalin não aceitou, muitos vieram a morrer por isso. Mesmo com a violência, punições, adulteração dos registros, a parte ocidental da Ucrânia denunciou em jornal, e igualmente houve revelação na imprensa internacional³⁶¹.

Em uma fala de Nikita Khrushchev, citada e comentada por Kul'chyts'kyi³⁶², encontra-se um entender sobre essa ocultação. O silencioso terror da fome³⁶³ causado, não era do conhecimento nem das autoridades maiores, como Nikita Khrushchev. Ele como segundo secretário, diz desconhecer a fome no ano de 1932, não se atendo quanto as estatísticas da coletivização, e se fosse questionado sobre isso, sua justificativa dar-se-ia como repreensão pela sabotagem dos contrarrevolucionários *kulaks*.

Retomando a questão do reconhecimento, conforme Kul'chyts'kyi³⁶⁴ os pesquisadores russos encontram dificuldades em aceitar e entrar em concordância por causa de uma polarização em torno do Holodomor ao compará-lo com Holocausto. O Holocausto deve ser reservado somente aos judeus e quando se usar Holocausto ucraniano que seja para se referir aos 1,6 milhões de judeus mortos em terras ucranianas. Eles eram perseguidos e mortos por serem judeus onde fossem localizados e se visava uma limpeza étnica. E que Stalin utilizou a fome como reação a uma possível falência do regime, contra os cidadãos, tendo um sentido

³⁶⁰ Cf. APPLEBAUM, Anne. **A fome vermelha**: a guerra de Stalin na Ucrânia. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 363-365.

³⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 365-372.

³⁶² Cf. KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. The Holodomor of 1932–33: How and Why? **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. Edmonton, v. 2, n. 1, p. 93-116, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21226/T23K51>. Disponível em: <https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Kul%CA%B9chyts%CA%B9kyi>. Acesso em: 20 maio 2018, p. 26.

³⁶³ Cf. KUL'CHYTS'KYY, *op. cit.*, p. 12, cita que foi Robert Conquest que utilizou primeiro essa expressão “terror da fome”.

³⁶⁴ Cf. KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. **The famine of 1932-1933 in Ukraine**: an anatomy of the Holodomor. Trans. Ali Kinsella. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2018, p. 134.

somente nacional. Essa característica étnica é também apontada por Graziozi³⁶⁵, menciona com referência a Martin, que o sentido nacional dado primeiramente à fome, veio por Stalin. Buscava-se uma russificação das cidades e se fomentava o descrédito da língua ucraniana, implementando normas gramaticais que parecessem mais com o russo. Destaca-se aqui, que os entendendo os intelectuais, camponeses, sua cultura e idioma juntamente, entram como genocídio na designação da Organização das Nações Unidas (ONU).

Vassylenko³⁶⁶ já acrescenta que, além de nacional, deve ser considerado o fator étnico, conforme suas características peculiares. Nas regiões da URSS acometidas pela fome havia a presença significativa de ucranianos, mas, enquanto cidadãos russos, preservavam a tradição, cultura e o idioma ucraniano. O caráter nacional está presente sim, porém, enquanto etnia, e se firma também, por sua união para estabelecer a nação, o campesinato se encontrava como a grande maioria da população.

Destaca-se, por fim que, “o Holodomor ucraniano foi organizado a partir dos órgãos do sistema partidário e soviético que formavam um aparelho a que se pode chamar ‘estado-partido’ (Gray e Dorsey) ou ‘estado-comuna’ (Kul’chyts’kyy) totalitário”³⁶⁷. Havia uma sujeição total ao partido, em sua maioria, das representações públicas e locais. A centralização ficou toda em Stalin e seus comandantes de confiança, e se estabeleceram como único partido. Desse modo, os planos a serem executados na Ucrânia para a ocorrência do Holodomor, tiveram sua origem no Kremlin [Rússia] com aliados entre os ucranianos soviéticos³⁶⁸.

5.5 UM GENOCÍDIO AINDA DESCONHECIDO

O empenho da Ucrânia pelo reconhecimento do Holodomor 1932-1933 não busca a condenação da Rússia, acusando seu povo, nem querendo exigências

³⁶⁵ Cf. GRAZIOZI, Andrea. The Impact of Holodomor Studies on the Understanding of The USSR. **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. Edmonton, v. 2, n. 1, p. 53-80, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21226/T2Z595>. Disponível em: <https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Graziosi>. Acesso em: 20 jun. 2019, p. 73.

³⁶⁶ Cf. VASSYLENKO, Volodymyr. O Holodomor como genocídio. Uma avaliação jurídica. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 140-144.

³⁶⁷ *Ibid.*, p. 150.

³⁶⁸ Cf. *Ibid.*, p. 150-152.

compensatórias. E sim, pretende obter a identificação da ocorrência de um sistema de um governo ideológico prejudicial, porque, “em termos políticos, a responsabilidade pelo Holodomor na Ucrânia e o extermínio de camponeses através da fome em outras zonas da URSS é do regime comunista de *Estaline*”³⁶⁹.

A versão das autoridades russas sobre a reivindicação por parte do povo ucraniano, de que a grande fome tenha sido um genocídio perpetrado por eles, tem alegado constituir um desrespeito as demais vítimas da fome sob o regime. A questão do reconhecimento não é esquecer de outros crimes do regime, ou seja, “um verdadeiro insulto à memória dessas vítimas não é a posição da Ucrânia, mas sim a glorificação da figura responsável por semelhantes crimes”³⁷⁰. Essa glorificação acontece contemporaneamente.

O povo russo, conseqüentemente, acaba sofrendo com a posição do não reconhecimento das adversidades em sua história durante o regime soviético. As famílias perderam seus entes queridos e não sabem o que aconteceu com eles, por exemplo, como as mortes ocorridas no chamado grande Expurgo ou Grande Terror, com julgamentos preparados antecipadamente, declarava-se a pessoa como o inimigo do Estado levando-a para a execução. Nota-se assim que:

A recuperação da memória histórica é um tema enormemente espinhoso na Rússia, que ainda vive à beira de uma amnésia histórica. O corpo de Stálin foi tirado do mausoléu de Lênin em 1961. Entretanto, ainda está enterrado na praça Vermelha, diante da muralha do Kremlin. E a cada ano, no aniversário de sua morte, dezenas de pessoas vão até lá deixar flores. No país euroasiático, 19% dos jovens dizem não saber nada sobre a repressão stalinista, e 26% têm dificuldades de caracterizá-la, segundo uma pesquisa de 2016 do Centro Levada, uma instituição independente. E, embora nos últimos anos tenham sido erguidos monumentos em memória das vítimas — o presidente Vladimir Putin inaugurou um deles em 2017 — e colocadas algumas placas nas casas onde viveram os retaliados, as autoridades evitam o debate. “Putin condena honestamente as repressões, mas reconhecer que o Estado era criminoso — e na época soviética de fato era — é, para ele, uma forma de questionar o Estado de hoje”, opina o presidente da ONG Memorial, que exige o acesso total aos documentos da NKVD³⁷¹.

³⁶⁹ VASSYLENKO, Volodymyr. O Holodomor como genocídio. Uma avaliação jurídica. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p.154-155.

³⁷⁰ *Ibid.*, p.155.

³⁷¹ SAHUQUILLO, María. A luta contra o esquecimento dos expurgos stalinistas. **El País**, internacional/BRA. Moscou - 08 APR 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/07/internacional/1554656259_794620.html. Acesso em: 15 set. 2019.

A averiguação dos fatos e a busca de memórias sobre a fome que aconteceu nos anos 1932 e 1933 na Ucrânia, teve seu início em 1989, ainda sob o regime soviético. Encontrou-se já desde o começo a negativa por parte da URSS sobre os fatos³⁷², apesar de, como Ribeiro³⁷³ menciona que, Volodymyr Shcherbytsky, autoridade comunista na Ucrânia, tenha feito em 1987 uma afirmação sobre a existência da fome 1932-1933.

Oficialmente, a construção da memória sobre o Holodomor tem seu marco cultural e político a partir de 1991, quando a Ucrânia se torna independente da URSS. Constitui-se duas importantes celebrações “um decreto para as primeiras comemorações oficiais do Holodomor [...], em 26 de Novembro de 1998, institui-se a celebração anual, no quarto sábado do mês de Novembro, do ‘Dia Nacional da Memória das Vítimas da Fome’”³⁷⁴.

Destaca-se ainda, de acordo com Ribeiro³⁷⁵, os importantes atos realizados na Ucrânia: a declaração da fome como genocídio em 2016; a inauguração do monumento em memória das vítimas em 2008; a criação do Instituto Ucrâniano de Memória Nacional e a condenação judicial dos culpados (após investigação) da fome. A figura 6 traz a imagem da vela da memória³⁷⁶ ao fundo e a menina com trigos nas mãos recordando as crianças que morreram de fome.

³⁷² Cf. CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p.18-19.

³⁷³ Cf. RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 95.

³⁷⁴ *Ibid.*, p.96.

³⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 97-98.

³⁷⁶ Cf. SADOKHA, Pavlo. A comunidade Ucraniana em Portugal e o Holodomor. Um dever de Memória. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 176. “[...] o biénio 2007-2008 assinalou o 75º aniversário do genocídio estalinista. Nesse âmbito, definiu-se um programa de comemorações, sob a égide do Congresso Mundial Ucraniano, e em cooperação com o Estado ucraniano, na pessoa do Presidente Viktor Yushchenko. Com o lema «A Ucrânia Recorda e o Mundo Reconhece!», uma tocha comemorativa, designada «Chama da Memória», percorreu, entre 1 de abril e 1 de novembro de 2008, 33 países de vários continentes. [...] terminando o *trajecto* na Ucrânia, no contexto da inauguração, a 22 de novembro, do monumento da «Vela da Memória», integrado no Museu Nacional «Memorial em Homenagem às Vítimas das Fomes na Ucrânia», em Kiev [Kyiv]”.

Figura 6 – Estátua e Vela da Memória em homenagem às vítimas do Holodomor, Ucrânia



Fonte: Revista Contemporartes, 09 de nov. de 2017. Disponível em: <http://revistacontemporartes.com.br/2017/11/09/2363/>. Acesso: 12 jul. 2018.

Ocorre um esforço das autoridades ucranianas e dos descendentes dos ucranianos internacionalmente para que este genocídio seja reconhecido. No entanto, encontraram-se obstáculos políticos dos países por causa das relações com a Rússia. “Os países europeus e, particularmente, os ocidentais, quando solicitados a apoiar a causa de uma nação periférica e vulnerável, optam por evitar participar numa ‘guerra de memórias’ com o poderoso vizinho russo”³⁷⁷.

Alguns países já declararam oficialmente o reconhecimento do Holodomor como um genocídio contra o povo ucraniano, na América Latina, há de se destacar o país vizinho Paraguai. Já a Argentina e o Brasil não se encontram ainda entre esses³⁷⁸. Embora no Brasil haja um reconhecimento enquanto crime: “referidas as moções da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados do Brasil (19 de setembro de 2007) e da Comissão de Educação e Cultura da Câmara

³⁷⁷ RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 98-99.

³⁷⁸ Cf. MARINHUK OSBM, Pe. Elias. Celebração dos 50 anos do Congresso Mundial dos Ucranianos. In: **Boletim Informativo**, n. 65, set. /out. 2017. Metropolia Católica Ucraniana São João Batista, Curitiba. Disponível em: <<https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Boletim-no-65-2017-Setembro-Outubro.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

dos Deputados do Brasil (16 de setembro de 2009)”³⁷⁹. Houve o reconhecimento do Holodomor “pela Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, nas Câmaras Municipais do Rio de Janeiro, Curitiba, Prudentópolis, Irati, Campo Mourão, Antônio Olinto, Mafra e Papanduva – Santa Catarina”³⁸⁰.

Junto ao Memorial Ucrâniano no Parque Tingui, em Curitiba, há um monumento em homenagem às vítimas do Holodomor, cópia do monumento que se encontra na cidade de Kyiv na Ucrânia, inaugurado em 2009. Vale neste ponto mencionar a importância da memória expressada pelo monumento, ao mesmo tempo em que se recorda e se reconhece. Dado a constatação do ser humano se ater às lembranças dos lugares percorridos, a memória vincula as experiências vividas aos ambientes. Os monumentos permanecem, então, como “guardiões da memória” coletiva, da aprendizagem e reconhecimento histórico, evitando assim, o esquecimento³⁸¹.

O monumento do Holodomor em Curitiba está lapidado na pedra em forma de uma cruz, dentro da qual está figurada uma mulher que traz em seu ventre uma criança:

A imagem da mulher também insinua a figura de Nossa Senhora, a *Theotokos* que tem lugar cativo nas orações, rito e devoções do povo ucraniano. Muitos acreditam que a tragédia do Holodomor só não foi maior, por causa da proteção de Nossa Senhora. A imagem vazada de uma criança na altura do ventre da mulher, recorda os filhos que não chegaram a sobreviver por conta do Holodomor³⁸².

³⁷⁹ RIBEIRO, Luís de Matos; PROKOPYSHYN, Ana. Introdução e apresentação. In: **Holodomor**. A desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor**: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013, p. 203-204.

³⁸⁰ TRONENKO, Rostyslav. **Discurso do Embaixador da Ucrânia no Brasil Rostyslav Tronenko durante a abertura oficial da exposição "Holodomor: Ucrânia 1932-1933. Genocídio pela Fome"** na Universidade Católica de Brasília, 13 de novembro de 2019. Embaixada da Ucrânia no Brasil. Posto on-line em: 14 novembro 2019. Disponível em: <https://brazil.mfa.gov.ua/pt/news/7049-vistup-posla-ukrajini-v-braziliji-rvtronenka-na-oficijnomu-vidkriti-vistavki-golodomor-ukrajina-1932-1933-genocid-golodom-v-katolicykomu-universiteti-mbrazilia-13-listopada-2019-roka-mo>. Acesso: 03 jan. 2020.

³⁸¹ Cf. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007, p. 57-58.

³⁸² TAMANINI, Paulo Augusto. O *Holodomor* e a memória da Fome dos Ucranianos (1931-1933): Os Ressentimentos na História. **Revista do Programa de estudos Pós-graduados de História**, São Paulo, v. 64, p. 154-184, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2019v64p154-184>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/40777>. Acesso em: 16 maio 2019, p. 175-176.

A figura 7 traz o monumento do Holodomor em Curitiba junto a réplica da Igreja São Miguel Arcanjo da localidade de Serra do Tigre, Mallet/PR, uma das primeiras Igrejas construídas em madeira por imigrantes ucranianos.

Figura 7 – Monumento Holodomor em Curitiba, Parque Tingui



Fonte: a autora.

Percebe-se que a religiosidade é sempre presente na vivência do povo ucraniano, mesmo em meio as tragédias e tristezas, no passado e no presente, se preserva também pelos costumes. Torna-se um modo de agir na busca de um novo significado para as situações que escapam da compreensão, constitui-se como parte da identidade étnica³⁸³.

Tamanini³⁸⁴ desenvolve a questão do ressentimento na visão de alguns autores reportando-se aos ucranianos quando buscam o reconhecimento do Holodomor. Esse *res-sentir* é necessário para se livrar, de certo modo, do que ainda

³⁸³ Cf. TAMANINI, Paulo Augusto. O *Holodomor* e a memória da Fome dos Ucranianos (1931-1933): Os Ressentimentos na História. **Revista do Programa de estudos Pós-graduados de História**, São Paulo, v. 64, p. 154-184, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2019v64p154-184>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/40777>. Acesso em: 16 maio 2019, p. 177-178.

³⁸⁴ Cf. *Ibid.*, p. 157-164.

se prende à tragédia. Recordar esses fatos vem ser uma resposta em forma de resistência, vítimas e família, a uma possível amnésia social.

A tragédia do Holodomor não deve ser vista somente como pertencente ao passado, como um símbolo doloroso. Porém, também se necessita entender os sentimentos desse povo, já que antes de reconhecer e pedir perdão, a Rússia através de uma nova agressão, reabre as feridas antigas³⁸⁵.

O Holodomor é uma grande ferida ainda para as pessoas e não está bem cicatrizada. A busca para a compreensão da identidade do povo, a vida das pessoas antes da tragédia e seu entendimento do que são após a sua ocorrência, torna-se fundamental para o encontro da sua cura³⁸⁶.

Nessa perspectiva a história adquire outra função: a confiança de novos tempos, um futuro novo. A glória e a liberdade na Ucrânia, enquanto nação e povo, ainda permanecem vivas como expressa o seu Hino Nacional, não está morto. Já após sua independência cantava-se Ucrânia não morreu. O seu idioma e a sua cultura, continuam existindo. Mesmo que pela tragédia houvesse a destruição, se tornou um sinal, e as pessoas têm buscado através desse sinal entender o seu passado para a construção de seu amanhã³⁸⁷.

Ainda mais, ao se estar em frente a uma determinada tragédia, se deve entender primeiro e o que não pode passar despercebido, é o valor e a dignidade de ser humano. Consequentemente, “sofrimento e compaixão não podem ser vistos com base nessa ou naquela etnia ou religião, causa ou ideologia”³⁸⁸ somente, mas necessita-se reconhecer a própria espécie, são seres humanos que sofreram, que

³⁸⁵ Cf. CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015, p. 15. “A tragédia do *holodomor* não é apenas uma página escura da história, pertencente ao passado e agora arquivada. Tendo ressuscitado como um símbolo doloroso da redenção nacional da Ucrânia, também deve ser conhecido por aqueles que querem entender algo dos sentimentos mais profundos desse povo. Em vez de pedir perdão e atenuar as feridas antigas, a Rússia, com a agressão atual, ajuda a reabri-las, fazendo-as inflamar e sangrar mais uma vez. Para um povo, terrivelmente marcado ontem e humilhado novamente hoje, tudo o que resta é esperar numa integração política, econômica e militar em um mundo menos bárbaro do que aquele que o destino histórico manteve atado por muito tempo” *Tradução nossa*.

³⁸⁶ Cf. KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. **The famine of 1932-1933 in Ukraine: an anatomy of the Holodomor**. Trans. Ali Kinsella. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2018, p.12.

³⁸⁷ Cf. APPLEBAUM, Anne. **A fome vermelha: a guerra de Stalin na Ucrânia**. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 436.

³⁸⁸ SOBRINO, Jon. **Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia**. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 155.

sofrem. A barbárie não deve ser legitimada como justificativa para as ações de líderes, governantes, é uma ofensa a vida.

A redenção se torna possível, a exemplo de Jesus, assumindo a realidade do sofrimento, a realidade causada pelo mal. Cristo se entregou ao sofrimento para a salvar o gênero humano, e fez isso livremente. A salvação do mundo pertence a Cristo, não é um fardo que cada ser humano deva procurar ou carregar, porque isso cabe a Ele, e sim se deve permanecer como instrumento para Deus. O aproximar-se da dor do outro ocorre em certa medida e tem seus limites. O ser cristão acontece na ação a outrem, e mediante o coração de Cristo, com responsabilidade, com compaixão autêntica de todos que sofrem³⁸⁹. De tal modo, “redime-se lutando contra o pecado e, ao mesmo tempo, estando na realidade de pecado, ideia pouco – ou nada – considerada”³⁹⁰.

Cada ato de memória do Holodomor evoca a partir daqueles que morreram vítimas da fome, a reivindicação de reconciliação e de perdão. Os mortos desta tragédia “despertam a nossa memória, despertam o nosso coração. Não querem provocar em nós o ódio: ao contrário, demonstram-nos como é terrível a obra do ódio. Querem conduzir a razão a reconhecer o mal como mal e a rejeitá-lo”³⁹¹, abrem os olhos da humanidade e estimula a atitudes para o bem, na força para combater o mal. Porque permanece ecoando o seu clamor ao Deus da vida, para que nunca ocorram situações iguais³⁹². Estimulados por essas palavras de vida, que o povo ucraniano possa ver a sua história para além de suas adversidades, com uma visão pacificadora³⁹³.

³⁸⁹ Cf. BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélis Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 39-40.

³⁹⁰ *Ibid.*, p. 202.

³⁹¹ PAPA BENTO XVI. **Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau**. 28 de maio de 2006. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_benxvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html. Acesso: 29 dezembro 2019.

³⁹² *Ibid.*

³⁹³ PAPA JOÃO PAULO II. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II no 70º Aniversário do Holodomor**. Mensagens Pontifícias. Vaticano, 2003. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/2003/documents/hf_jp-ii_mes_20031123_holodomor-ucraina.html. Acesso em: 30 abr. 2018.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história da humanidade há muitos genocídios e extermínios esquecidos ou com falta de reconhecimento mundial. Muitos destes aconteceram por meio de métodos governamentais de eliminação humana, utilizados como justificativas políticas contra determinados povos ou grupos, por variadas pretensões, e sem um porquê, continuam permanecendo em silêncio.

As pesquisas no Brasil sobre o Holodomor 1932-1933 genocídio de ucranianos, ainda são escassas. Essa tragédia aparece algumas vezes em pesquisas sobre os ucranianos, geralmente quando se trabalhado o contexto da Ucrânia soviética, período em que ocorreu um ciclo de imigrações, mas refere-se de modo breve. No entanto, como tema principal, ainda carece de investigação acadêmica em território brasileiro e na América Latina.

Quanto as pesquisas internacionais, esta tragédia, embora seja encontrado um considerável volume de produções científicas, continua desconhecida e ligada em certas ocasiões à pessoa de Stalin, permanecendo com a falta de uma investigação imparcial. Quando averiguada por ucranianos ou seus descendentes, tende a ser interpretada como um sentimentalismo e vitimismo. Há ainda, os que negam a ocorrência do Holodomor, entendendo-o como um mito que tem como objetivo manchar a imagem de Stalin, ou então, como uma invenção para combater o comunismo ideológico. A falta de reconhecimento da comunidade internacional, quanto a ocorrência do Holodomor, proporciona ainda mais tais compreensões.

É fato, as tensões entre Rússia e Ucrânia, em relação a território, poder e domínio, remontam séculos. Não obstante, igualmente são evidenciados conflitos com países vizinhos, como a Polônia e a Áustria, por motivos similares. Ao mesmo tempo em que, o bolchevismo trouxe uma esperança ao povo ucraniano com a libertação do poder czarista, promovendo um ideal igualitário e fomentação da identidade cultural ucraniana, acabou se revelando como um ideal enganador para a legitimação do poder, levando assim, a tragédia da fome à Ucrânia e demais regiões da URSS.

O povo tornou-se alvo para os objetivos de crescimento do regime soviético, pois o capital para o financiamento industrial, científico e bélico precisava ser produzido ou retirado. Para que isso acontecesse, uma das primeiras medidas foi o ataque aos líderes religiosos e perseguições à religiosidade do povo. Logo depois,

foi introduzido gradualmente os saques as Igrejas. A coletivização passou a ser obrigatória mesmo as famílias com poucas terras e por qualquer motivo poderia haver um *kulak*. O qual deveria ser preso, enviado a algum campo de concentração ou mesmo condenado à morte, conforme a gravidade da sua acusação, através de julgamentos suspeitos.

Com altas metas de arrecadação de grãos que precisavam serem cumpridas pelos agricultores, principalmente em território ucraniano, foi exigido o mesmo em regiões onde houvesse outra cultura de plantio, e uma grande fome começou a surgir. Stalin sabia da importância da Ucrânia para seus ideais, aliás algo que tem se demonstrado não somente nas pretensões deste ditador, mas evidente também nas antigas e nas atuais relações de domínio dos seus governantes, um tipo de imperialismo. Assim, mesmo havendo a ocorrência dos primeiros indícios de fome, aumentou ainda mais as taxas de arrecadação, instalando, desse modo, uma fome denominada artificial, vivida tanto no campo quanto na cidade, como foi demonstrado por meio dos mapas do Instituto de Pesquisa da Ucrânia da Universidade de Harvard.

Em relação a religião, a Igreja Ortodoxa na Ucrânia e na Rússia, em um primeiro momento é aniquilada, pois os líderes do regime sabiam da forte religiosidade do povo e desejavam um Estado sem Deus, tomaram medidas gradativas para tirar todo o sentido religioso do povo. Em um segundo momento, o governo não podendo eliminar totalmente o senso de fé do povo, renova a Igreja e alia-se com então denominado patriarca Sergio, passando a Igreja Ortodoxa Russa colaborar com regime.

A Igreja Católica, com papa Bento XV, já na primeira fome ocorrida na URSS, ainda sob a liderança de Lênin, buscou meios de aliviar os sofrimentos do povo. O papa Pio XI deu continuidade as atividades de auxílio e institui a comissão Pró-Rússia para acompanhar os acontecimentos no regime soviético. É importante destacar que na época do Holodomor, Eugenio Pacelli, que então seria mais tarde o papa Pio XII, era secretário de Estado do Vaticano, e também acompanhava a situação e os assuntos referentes à URSS. O quadro governamental do regime mostrou-se preocupante e a Igreja Católica passou por muitas tribulações e desmoralização.

Entre os fiéis greco-católicos, destaca-se a importante presença do metropolita Andrey Sheptyts'kyi que além de líder religioso, era estimado

socialmente, pelo povo ucraniano. Tinha uma grande influência para o povo ucraniano e alertou antecipadamente sobre as intenções do regime. Ele e os bispos protestaram e denunciaram corajosamente o terror da fome. A Igreja Católica pouco pôde realizar para conter essa tragédia, mas procurou meios de aliviar a fome e denunciar ao mundo o que estava acontecendo. Há autores que apontam que a Igreja Católica deveria ter feito mais para que o Holodomor não acontecesse.

Mesmo com as dificuldades em obter grandes êxitos junto ao regime, o papel dos papas, embora estando em situação delicada, foi importante e atuante. O reconhecimento do Holodomor se tornou mais evidente para o mundo, com a visita do Papa João Paulo II à Ucrânia e com a sua mensagem pelo 70º aniversário do Holodomor. A menção do Holodomor pelo papa Bento XVI e pelo papa Francisco, também trazem um apelo para que esta tragédia não seja esquecida e as vítimas tenham seu lugar na história, e seu sacrifício não seja em vão.

A perspectiva teológica procura a partir das vítimas, identificar o que as tragédias, ao se tornarem símbolo, querem dizer a humanidade, o que permanece encoberto e o que necessita ser curado. Há aspectos que tendem ao mal arraigados no ser humano, ainda usados como arquétipos de ações de lideranças e justificados como necessários. A vítima deve ser reconhecida porque é um ser humano e não objeto para um fim. O cristianismo assume a realidade humana, denuncia os males e anuncia os caminhos para o crescimento do diálogo e da paz.

O Holodomor é uma tragédia complexa e necessita de mais pesquisas com abordagens das mais diferentes áreas. Igualmente a questão religiosa precisa ser mais compreendida através de pesquisas científicas, como um fator de resistência ao regime e o entendimento da postura dos fiéis nesta tragédia. Requer ao mesmo tempo estudos sobre os outros Holodomores ucranianos – 1921-1923 e 1946-1947 – bem como, em conjunto. É ainda uma chaga aberta para o povo ucraniano e seus descendentes. Todo sofrimento e violência causado, foi silenciado, sua religiosidade banida, nem mesmo puderam lamentar as mortes de seus familiares. A ideologia do regime soviético tirou a singularidade e identidade cultural do povo ucraniano, e desde a conquista de sua liberdade, estão procurando reconstruir.

O estudo da grande fome na Ucrânia solicita pesquisas para além de sua importância como um grupo cultural ou nacional em território brasileiro, com significativa presença de seus descendentes, mas também, por seu dever ético, moral e histórico, rompendo com a glorificação de líderes, como Hitler e Stalin.

Assim, a humanidade evolui quando assume suas feridas e transforma-as para a construção de paz, justiça e responsabilidade verdadeiras, de todos, enquanto família humana.

REFERÊNCIAS

- AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74, f. 27rv-28v (Italian translation f. 29rv) Wienken to d'Herbigny, Berlin, 15 March 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor**: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine. Toronto: University of Toronto, 2011.
- AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74, f. 31rv-32v. (Italian summary f. 33rv) Wienken to Müller, Berlin, 18 March 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor**: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine. Toronto: University of Toronto, 2011.
- AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74; f. 49r, prot. 134/28, *Pro Russia* Commission to Maglionc, 1 May 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor**: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine. Toronto: University of Toronto, 2011.
- AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74; f. 50r, prot. 160/1929, d'Herbigny to Pacelli, Vatican, 4 May 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor**: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine. Toronto: University of Toronto, 2011.
- AES, *Pro Russia*, box 11, fasc. 74; f. 53r-54v, Anonymous to Wienken, [Ukraine], 7 April 1933. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor**: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine. Toronto: University of Toronto, 2011.
- AES, *Pro Russia*, pos. 644, fasc. 29; f. 4r-4r, Andrievsky to Pacelli, (prot.2840/33), annex dact. In: MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor**: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine. Toronto: University of Toronto, 2011.
- ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org). **A violência na sociedade contemporânea**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2010.
- ANTONENKO-ZHYRENKO, Lidia. Letter from Lidiia Antonenko-Zhyrenko to Volodymyr Maniak, June 1989. Regarding events in Nova Zburivka, Hola Prystan raion, Kherson oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.
- APPLEBAUM, Anne. **A fome vermelha**: a guerra de Stalin na Ucrânia. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BABIAK, Augustyn. **La Chiesa greco-cattolica e l'Holodomor (1932-1933)**. Conferenza «85° anniversario del genocidio ucraino, 1932-1933; organizzata dal Consolato generale ucraino e dalla Chiesa greco-cattolica ucraina in Italia, a Milano, dal 24 al 26 novembre 2017.

BANAKH, Hanna. Letter from Hanna Banakh to Volodymyr Maniak, 17 December 1988. Regarding events in Onyshky, Orzhytsia raion, Poltava oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta] *In*: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

BALAN, Jars. The Gathering Storm: The Mainstream Canadian Press Coverage of the Soviet Union in the Lead-up to Ukraine's Great Famine-Holodomor. **Canadian Ethnic Studies**. Calgary, v. 47, n. 4-5, p. 205-243, 2015. DOI: 10.1353/ces.2015.0048. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/603779>. Acesso em: 03 maio 2018.

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BARBOSA, Derly. **Manual de pesquisa**: metodologia de estudos e elaboração de monografias. 2. ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2006.

BASAN, Lara. Entrevista concedida pela sra. Lara Basan, residente em Curitiba-PR, a Anderson Prado em 27 de agosto de 2016. *In*: PRADO, Anderson. **O jornal ucraniano – brasileiro Práčia**: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933). 2017. 223 f. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 15 out. 2017.

BASÍLIO DE CESAREIA. **Homilia sobre Lucas 12. Homilia sobre a origem do homem. Tratado sobre o Espírito Santo**. 2. ed. Trad. Introd. e notas Roque Frangiotti; Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo, Caxumbu (MG). Col. Patrística. São Paulo: Paulus, 2005.

BEZO, Brent. **The impact of intergenerational transmission of trauma from the Holodomor Genocide of 1932-1933 in Ukraine**. 2011. 197 f. Master of Arts in Psychology – Carleton University. Ottawa, 2011. Disponível em: <https://curve.carleton.ca/f1b3dd58-0832-40d1-bf09-b727714f0bb0>. Acesso em: 22 abr. 2018.

BEZO, Brent; MAGGI, Stefania. Living in “survival mode”: Intergenerational transmission of trauma from the Holodomor genocide of 1932–1933 in Ukraine. **Social Science & Medicine**. [S.l.], v. 134, p. 87-94, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.04.009>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953615002294>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2010.

BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BOURDEAUX, Michel. **A religião cristã na URSS**. Trad. Jayme Leite de Godoy Camargo. Petrópolis: Vozes, 1967.

BRUNETEAU, Bernard. **O século dos Genocídios**. Violências, Massacres e processos genocidários da Arménia ao Ruanda. Trad. Isabel Andrade. Col. Histórias e Biografias. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

CANDIOTTO, Cesar; BASTOS, Cleverson Leite; CANDIOTTO, Kleber B. B. **Fundamentos da pesquisa científica**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHABAN, Anatoliy Y. [ЧАБАН, Анатолій Юзефович]. Activity of Ukrainian diplomatic institutions regarding recognition of the 1932–1933 Holodomor in Ukraine as genocide. [Діяльність дипломатичних установ України із визнання Голодомору у 1932–1933 рр. в Україні геноцидом]. **Cherkasy University Bulletin: Historical Sciences**. [Вісник Черкаського університету]. Cherkasy, n. 1, 2018. DOI: 10.31651/2076-5908-2018-1-77-85. Disponível em: <http://history-ejournal.cdu.edu.ua/article/view/2999>. Acesso em: 02 maio 2018.

CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

CINNELLA, Ettore. **Ucraina: il genocidio dimenticato 1932-1933**. Pisa: Della Porta, 2015.

CIPKO, Serge. **Starving Ukraine**. The Holodomor and Canada's response. Regina: University of Regina Press, 2017.

CODEVILLA, Giovanni. **Chiesa e impero in Russia**: dalla Rus di Kiev alla Federazione russa. Milano: Jaca Book, 2011.

COLHEITA AMARGA (BITTER HARVEST). Direção: George Mendeluk. Canadá: California Filmes, 2018 (103 min).

COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. **Nós recordamos**: uma reflexão sobre o Shoah. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_po.html. Acesso em: 15 maio 2019.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA (CDSI). Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. Tradução Conferência Nacional do Bispos do Brasil (CNBB), 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL **Gaudium et Spes**. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. Coord. Frei Frederico Vier, OFM. 13. ed. Petrópolis: Vozes. 1979.

DIACHENKO, Natalia. Letter from Nataliia Diachenko to Volodymyr Maniak, n.d. [1989?] Regarding Events in Stari Vyrky, Bilopillia raion, Sumy oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

DICIONÁRIO. **Português – Slovnyk**. Portuhal's'k Slovnyk. Portuhal's'ko – Ukrayis'kyy/ Ukrayis'kyu – Portuhal's'koo – Ukrayis'kyy/ Ukrayis'kyu – Portuhal's'ko [Словник. Португальсько – Український/ Український – Португальсько]. Dicionário Português – Ucrainiano/ Ucrainiano – Português. Nôvo Dicionário. B. T. Busyla. Perun [Бусила. Перун], 2017.

DIETSCH, Johan. **Making Sense of Suffering: Holocaust and Holodomor in Ukrainian Historical Culture**. 2006. 280 f. Doctoral Thesis (Monograph). Lund University. Department of History. Lund, 2006. Disponível em: <http://lup.lub.lu.se/record/25786>. Acesso em: 28 maio 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Artmed, Porto Alegre, 2009.

GALTER, Albert. **O “Livro Vermelho” da Igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958.

GASPAR, Carlos. *A Grande Fome na Ucrânia (1932-1933)*. In CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

GIRARD, René. **Eu via satanás cair do céu como um raio**. Col. Crença e Razão, Dir. Antonio Oliveira Cruz. Trad. Dorindo Carvalho. Ed. Instituto Piaget: Lisboa, 1999.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?q=>. Acesso: 19 abr. 2018.

GLOVINSKI, Yevhen. A Igreja Católica Ucraniana. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965.

GRAZIOZI, Andrea. The Impact of Holodomor Studies on the Understanding of The USSR. **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. Edmonton, v. 2, n. 1, p. 53-80, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21226/T2Z595>. Disponível em: <https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Graziosi>. Acesso em: 20 jun. 2019.

HALÍK, Tomáš. **Toque as feridas**. Sobre sofrimento, confianças e a arte da transformação. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016.

HANEIKO, Pe. Valdomiro. **Cinquentenário da Fome** – Genocídio na Ucrânia 1933-1983. Curitiba: Kindra, 1983.

HANICZ, Teodoro. A Igreja Greco-Católica- Ucraniana e o Concílio Vaticano II. **Studium revista teológica**. ISSN 1981-3155. Curitiba, ano 6, n. 11, p. 101-116, 2012.

HAROSKA, Leu. Política Soviética para com a Religião após 1942. *In*: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965.

HARTOG, François. El tiempo de las víctimas. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 44, p. 12-19, dez., 2012. Trad. Andrea Mejía. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/1326319715/fulltextPDF/61B4C52C5A624777PQ/1?accountid=40690>. Acesso em: 28 abr. 2018.

HARVEST OF DESPAIR: The 1932-33 Famine in Ukraine. Direção: Slavko Nowytski. Ukrainian Canadian Research & Documentation Centre. Toronto: The Ukrainian Sector, 1983. (55 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vOVe59GM-EQ>. Acesso: 29 jun. 2018.

HERASIMCHUK, Maria. Letter from Mariia Herasimchuk to Volodymyr Maniak, 19 December 1989. Regarding events in Ivankiv, Cherniakhiv raion, Zhytomyr oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. *In*: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

HORB, Ivan. Letter from Ivan Horb to Volodymyr Maniak, ca 14 December 1988. Regarding events in Smotryky, Pyriatyn raion, Poltava oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. *In*: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. Porto União: Uniporto, 1989.

IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965.

IGORT. **Quaderni Ucraini**. Milano: Mondadori, 2010.

KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais**. Católicas e Ortodoxas, tradições vivas. São Paulo: Ave-Maria, 1997.

KIS, Oksana. Women's Experience of the Holodomor, 1932–1933. **Aspasia: The International Yearbook of Central, Eastern, and Southeastern European Women's and Gender History Founding**. New York, v. 7, n. 1, p. 42-67, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3167/asp.2013.070104>. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/aspasia/7/1/asp070104.xml>. Acesso em: 30 abr. 2018.

KHRUSCHEV, Nikita. **Memórias**. Trad. Renato Bittencourt, Aurélio de Lacerda, Wilson Cunha e Juarez Barroso. v. 1. São Cristovão: Artenova, 1971.

KLYMENKO, Lina. The Holodomor law and national trauma construction in Ukraine. **Canadian Slavonic Papers**. Edmonton, v. 58, n. 4, p. 341-361, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/00085006.2016.1234588>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00085006.2016.1234588>. Acesso em: 30 abr. 2018.

KOMPANIYETS, Alex Viktorovuch. [КОМПАНИЄЦЬ, Олексій]. Opposition Folklore as a Form of Popular Resistance to the Policy of «Complete Collectivization» and Great Famine (Holodomor) 1932–1933 in Ukraine. **Cherkasy University Bulletin: Historical Sciences**. [Опозиційний фольклор як одна з форм народного спротиву політиці «суцільної колективізації» та Голодомор у 1932–1933 рр. в Україні]. **Cherkasy University Bulletin: Historical Sciences**. [Вісник Черкаського університету]. Cherkasy, v. 355, n. 22, 2015. Disponível em: <http://history-ejournal.cdu.edu.ua/article/view/453>. Acesso em: 02 maio 2018.

KOVTUN, Olena. (Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do *holodomor* de 1932-1933. **Revista Angolana de Sociologia**, Mangualde, Portugal, v. 13, p. 129-142, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.1010>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1010>. Acesso em: 30 abr. 2018.

KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. **The famine of 1932-1933 in Ukraine**: an anatomy of the Holodomor. Trans. Ali Kinsella. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2018.

KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. **Holod 1932-1933 rr.** V Ukrayini yak Henotsyd. Movoyu dokumentiv, ochyma svidkiv. Kyiv: Nash chas, 2008. [КУЛЬЧИЦЬКИЙ, Станіслав. **Голод 1932-1933 рр.** В Україні як Геноцид. Мовою документів, очима свідків. Київ: Наш час, 2008].

KUL'CHYTS'KYY, Stanislav. The Holodomor of 1932–33: How and Why? **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. Edmonton, v. 2, n. 1, p. 93-116, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21226/T23K51>. Disponível em: <https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Kul%CA%B9chyts%CA%B9kyi>. Acesso em: 20 maio 2018.

KURYLIW Valentina. **Holodomor in Ukraine**: the Genocidal Famine, 1932-1933. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2018.

LEMKIN, Raphael. Soviet Genocide in the Ukraine. New York Times, 1953, September, 21st. In: KURYLIW Valentina. **Holodomor in Ukraine: the Genocidal Famine, 1932-1933**. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2018.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Miseria e persecuzione religiosa nella Russia sovietica**. 7 jul. 1933.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Wojtyła**. 26 abr. 2014. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/wojtyla-por>. Acesso em: 11 maio 2019.

MAPA Digital Atlas of Ukraine. The Great Famine Project. **Ukrainian Research Institute Harvard University** (2018). Disponível em:

<http://gis.huri.harvard.edu/historical-atlas/the-great-famine.html>. Acesso em: 03 maio 2019.

MARINHUK OSBM, Pe. Elias. Celebração dos 50 anos do Congresso Mundial dos Ucrânianos. In: **Boletim Informativo**, n. 65, set. /out. 2017. Metropolia Católica Ucrâniana São João Batista, Curitiba. Disponível em: <<https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Boletim-no-65-2017-Setembro-Outubro.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

MARTINS, Guilherme d'Oliveira. Memória e Dignidade. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

MATTEI, Giampaolo. **Ucrânia, terra de mártires: o heroico testemunho dos beatos proclamados por João Paulo II em Lviv, durante sua histórica peregrinação**. Trad. Daniel Kozlinski. Prudentópolis: GP - Gráfica Prudentópolis, 2009.

MCVAY, Athanasius D.; LUCIUK, Lubomyr Y. (Ed.). **The Holy See and the Holodomor: documents from the Vatican Secret Archives on the Great Famine of 1932-1933 in Soviet Ukraine**. Toronto: University of Toronto, 2011.

MILLER, M. A. Confisco e Destruição das Propriedades da Igreja na Ucrânia. In: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965.

MINENKO, Petro. Letter from Petro Minenko to Volodymyr Maniak, 19 December 1988. Regarding events in Velyka Vilshanka, Vasylkiv raion, Kyiv oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

MOKRUSHYNA, Halyna. **Ukrainian Sentiments and Canadian Sustenance: in Remembrance of the 1932-1933 Great Famine (the Holodomor)**. Master of Arts in Communication – University of Ottawa. Ottawa, 2010. Disponível em: <https://ruor.uottawa.ca/handle/10393/28737>. Acesso em: 19 maio 2018.

NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 107-129, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882001000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2019.

PAPA BENTO XVI. **ANGELUS**, 23 de novembro de 2008. Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2008/documents/hf_ben-xvi_ang_20081123.html. Acesso em: 11 maio 2019.

PAPA BENTO XVI. **Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau**. 28 de maio de 2006. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html. Acesso: 29 dezembro 2019.

PAPA FRANCISCO. **ANGELUS**, 24 de novembro de 2013. Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo. Vídeo. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papafrancesco_angelus_20131124.html. Acesso em: 11 maio 2019.

PAPA FRANCISCO. **ANGELUS**, 26 de novembro de 2017. [Multimídia]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papafrancesco_angelus_20171126.html. Acesso em: 11 maio 2019.

PAPA FRANCISCO. **ANGELUS**, 25 de novembro de 2018. [Multimídia]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papafrancesco_angelus_20181125.html. Acesso em: 11 maio 2019.

PAPA FRANCISCO. **Audiência Geral**. Sala Paulo VI; quarta-feira, 11 de dezembro de 2019. [Multimídia]. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papafrancesco_20191211_udienza-generale.html. Acesso: 30 dezembro 2019.

PAPA JOÃO XXIII. **Ad Petri Cathedram**. Carta Encíclica sobre o conhecimento da verdade, restauração da unidade e da paz na caridade. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html. Acesso em: 11 de maio de 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **ANGELUS**, 30 de março de 1980. Domingo de Ramos. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1980/documents/hf_jp-ii_ang_19800330.html. Versão português. Acesso em: 11 maio 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **Divina Liturgia em Rito Bizantino para a beatificação de vinte e oito servos de Deus**. Homília do Santo Padre. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010627_ucraina-beat.html. Acesso em: 10 maio 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **Encontro com os Membros do Episcopado Ucraniano.** Viagem Apostólica à Ucrânia (23-27 junho 2001). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/june/documents/hf_jp-ii_spe_20010624_ucraina-meeting-episc.html. Acesso em: 10 maio 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **Encontro com os Representantes do Conselho Pan – Ucraniano das Igrejas e Organizações Religiosas.** Viagem Apostólica à Ucrânia (23-27 junho 2001). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/june/documents/hf_jp-ii_spe_20010624_ucraina-meeting-panucr.html. Acesso em: 10 maio 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **Encontro com os Representantes da Política, Cultura, Ciência e Indústria.** Viagem Apostólica à Ucrânia (23-27 junho 2001). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/june/documents/hf_jp-ii_spe_20010623_ucraina-meeting.html. Acesso em: 10 maio 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II no 70º Aniversário do Holodomor.** Mensagens Pontifícias. Vaticano, 2003. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/2003/documents/hf_jp-ii_mes_20031123_holodomor-ucraina.html. Acesso em: 30 abr. 2018.

PAPA JOÃO PAULO II. **Salvifici doloris.** Carta Apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano. São Paulo: Paulinas, 1984.

PAPA PAULO VI. **Discurso do papa Paulo VI na clausura da terceira sessão do Concílio Vaticano II.** 21 de novembro de 1964. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html. Acesso em: 11 maio 2019.

PAPA PAULO VI. **Ecclesiam Suam.** Carta Encíclica sobre os caminhos da Igreja. 6 ago. 1964. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html. Versão português. Acesso em: 10 out. 2018.

PAPA PIO XI. **Divini Remptoris.** Carta Encíclica sobre o comunismo ateu. 4. ed. Documentos pontifícios 1. Petrópolis: Vozes, 1945.

PAPA PIO XII. *Ad Caeli Reginam.* Carta Encíclica sobre a Realeza de Maria e a instituição da sua festa (1954). In: **Documentos de Pio XII - 1939-1958.** São Paulo: Paulus, 1999.

PAPA PIO XII. *Discorso Di Sua Santità Pio PP. XII Agli Alunni e ai Superiori Del Pontificio Collegio di San Giosafat, Nel XX di Fondazione del Loro Istituto.* (14 nov. 1952). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19521114_san-giosafat.html. Acesso em: 10 maio. 2018.

PAPA PIO XII. *Orientales Ecclesias.* Carta Encíclica sobre a condição das Igrejas Orientais (1952). In: **Documentos de Pio XII - 1939-1958.** São Paulo: Paulus, 1999.

PAPA PIO XII. **Orientales Omnes Ecclesias**. 350° Anniversario Dell'unione Della Chiesa Rutena Alla Sede Apostolica Di Roma. Carta Encíclica por ocasião do 350° aniversário da reunião da Igreja Rutena à Sé Apostólica. 1946. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_23121945_orientales-omnes-ecclesias.html. Acesso em: 10 de set. de 2018.

PAPA PIO XII. **Radiomensagem do natal de 1951**: sobre a Igreja e a paz. Documentos Pontifícios 84. Petrópolis: Vozes, 1952.

PONTIFÍCIO CONSELHO «COR UNUM». **A Fome no mundo um desafio para todos**: o desenvolvimento solidário. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/corunum/corunum_po/publicazioni_po/rc_pc_corunum_doc_04101996_world-hunger_po.html. Acesso em: 10 jul. 2019.

PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933)**: Repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2018.

PRADO, Anderson. **O jornal ucraniano – brasileiro Prácia**: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933). 2017. 223 f. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 15 out. 2017.

PROQUEST /1970 – **Base de dados multidisciplinar de Periódicos eletrônicos**. Disponível em: <https://search.proquest.com/index>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PUGGINA, Percival. Holodomor e a pedagogia do silêncio. **Blog Puggina.org conservadores e liberais**. [S.l.], 7 dez. 2017. Disponível em: <http://www.puggina.org/artigo/puggina/holodomor-e-a-pedagogia-do-silencio/10876>. Acesso em: 6 ago. 2018.

RIBEIRO, Luis de Matos. Holodomor: O Império da Fome. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor**: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

RIBEIRO, Luís de Matos; PROKOPYSHYN, Ana. Introdução e apresentação. In: **Holodomor**. A desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor**: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Trad. Paulo Meneses. Campinas: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SADOKHA, Pavlo. A comunidade Ucraniana em Portugal e o Holodomor. Um dever de Memória. *In*: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.).

Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

SAHUQUILLO, María. A luta contra o esquecimento dos expurgos stalinistas. **El País**, internacional/BRA. Moscou - 08 APR 2019. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/07/internacional/1554656259_794620.html. Acesso em: 15 set. 2019.

SÁKHAROV, Andréi. **Memórias**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Saraiva, 1992.

SANTOS, António Ramos dos. A trajectória económica da URSS e a *Grande Fome* na Ucrânia. *In*: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.).

Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

SÍNODO DA IGREJA GRECO CATÓLICA UCRANIANA. **Cristo Nossa Páscoa**: Catecismo da Igreja Greco Católica Ucraniana (CNP). Trad. Soter Schiller. Curitiba: Serzegraf, 2014.

SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?** Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SOLJENÍTSIN, Alexandre. **Arquipélago Gulag**. Trad. Francisco A. Ferreira, Maria M. Listó e José A. Seabra. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1976.

STAREPRAVO, Domingos. O que foi o Holodomor? **Revista Contemporantes**, Santo André, 09 nov. 2017. Radar Lepcon. Entrevista concedida à Izabel Liviski. Disponível em: <http://revistacontemporantes.com.br/2017/11/09/2363/>. Acesso em: 12 jul. 2018.

STARK, Renate. Holodomor, Famine in Ukraine 1932-1933: a Crime against Humanity or Genocide? **Irish Journal of Applied Social Studies**, v. 10, n.1, p. 19-30, 2010. DOI: 10.21427/D7PQ8P. Disponível em: <https://arrow.tudublin.ie/ijass/vol10/iss1/2/>. Acesso em: 10 maio 2018.

SZEWCIW, I. **O milênio do cristianismo na Ucrânia**. Trad. Soter Schiller. Curitiba: Vicentina, [1987].

TAMANINI, Paulo Augusto. O *Holodomor* e a memória da Fome dos Ucranianos (1931-1933): Os Ressentimentos na História. **Revista do Programa de estudos Pós-graduados de História**, São Paulo, v. 64, p. 154-184, 2019. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-2767.2019v64_p154-184. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/40777>. Acesso em: 16 maio 2019.

TEODOROVICZ, Nadezhda. Os Católicos Romanos. *In*: IWANOW, Boris (Org.) **Religião na URSS**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Dominus, 1965.

TIMASHEFF, Nicholas Sergeyevitch. **Religião na Rússia Soviética (1917-1943)**. Trad. Jorge Amaral. Rio de Janeiro: Stella, 1943.

TRONENKO, Rostyslav. **Discurso do Embaixador da Ucrânia no Brasil Rostyslav Tronenko durante a abertura oficial da exposição "Holodomor: Ucrânia 1932-1933. Genocídio pela Fome"** na Universidade Católica de Brasília, 13 de novembro de 2019. Embaixada da Ucrânia no Brasil. Posto on-line em: 14 novembro 2019. Disponível em: <https://brazil.mfa.gov.ua/pt/news/7049-vistup-posla-ukrajini-v-braziliji-rvtronenka-na-oficiynomu-vidkritti-vistavki-golodomor-ukrajina-1932-1933-genocid-golodom-v-katolicykomu-universiteti-mbrazilia-13-listopada-2019-rokamo>. Acesso: 03 jan. 2020.

TSVIETROV, Viacheslav. **Pequena História da Ucrânia-Rush**. Trad. Iarema Olijnik. Patrocínio Eparquia Ucrâniano-Católica de São João Batista. Curitiba, 1994.

UKRAINIAN – BGN/PCGN TRANSLITERATION SYSTEM. Disponível em: <https://www.transliteration.com/transliteration/en/ukrainian/bgn-pcgn/>. Acesso: 15 jan. 2020.

UKRAYINS'KYY INSTYTUT NATSIONAL'NOYI PAM'YATI. **Holodomor 1932-1933 rokiv-Henotsyd Ukrayins'koho narodu**. Kyiv, Vydavnytstvo imeni Oleny Telihy, 2008. [УКРАЇНСЬКИЙ ІНСТИТУТ НАЦІОНАЛЬНОЇ ПАМ'ЯТІ. **Голодомор 1932-1933 років-Геноцид Українського народу**. Київ, Видавництво імені Олени Теліги, 2008].

VASSYLENKO, Volodymyr. O Holodomor como genocídio. Uma avaliação jurídica. In: CIESZYŃSKA, Béata; FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Holodomor: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. Série: Biblioteca Ibero-Eslava. Linha: Ciência para a Sociedade. Lisboa: Grácio Editor, 2013.

VDOVYCHENKO, Oleksandr. Letter from Oleksandr Vdovychenko to Volodymyr Maniak, 26 June 1989. Regarding events in Prylymanske (earlier Tatarka), Ovidiopol raion, Odesa oblast. English Translation. [Depoimento em forma de carta]. In: HOLODOMOR RESEARCH AND EDUCATION CONSORTIUM (HRE). **Maniak Collection**. A project of the Canadian Institute of Ukrainian Studies (CIUS) of the University of Alberta. Disponível em: <https://holodomor.ca/maniak-collection/>. Acesso em: 28 maio 2019.

VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causas e consequências**. 2009. 232 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-082827/en.php>. Acesso em: 22 out. 2017.

WERTH, Nicolas. Um Estado contra o povo. Violência, repressão e terror na União Soviética. In: STÉPHANE, Courtois. *et. al.* **O livro negro do comunismo**. crimes, terror e repressão. Colaboração de Rémi Kauffer *et. al.* Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

WODOLASCHKA, Wira. Entrevista realizada com a sra. Wira Wodolaschka, Imigrante Ucraniana, residente em Londrina/PR. Concedida a Anderson Prado em 27 de maio de 2016. *In*: PRADO, Anderson. **O jornal ucraniano – brasileiro** **Prácia**: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933). 2017. 223 f. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 15 out. 2017.